

AMELIA GOMES DE AZEVEDO

Organizadores

Paula Aparecida Martins Borges Bastos

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

MEMÓRIAS
FLUMINENSES

RUMOREJOS DO
MONTE HIMALAYA



CAMPOS DOS GOYTACAZES


Essentia
EDITORA
FLUMINENSE

2019

© 2019 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994r Azevedo, Amelia Gomes de.
Rumorejos do Monte Himalaya / Amelia Gomes de Azevedo; Organizado por
Paula Aparecida Martins Borges Bastos e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina;
Traduzido por Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. — Campos dos Goytacazes,
RJ: Essentia, 2019.
227 p.: il. — (Memórias Fluminenses; v. 5).

Reedição da obra original de 1894.
ISBN 978-85-99968-65-9

1. Literatura brasileira - Séc. XIX. 2. Ensaios brasileiros. I. Bastos, Paula
Aparecida Martins Borges (org). II. Catharina, Pedro Paulo Garcia Ferreira (org.
e trad.). III. Título. IV. Série.

CDD B869.5

Bibliotecário-Documentalista | Henrique Barreiros Alves | CRB-7/ 6326

Essentia Editora

Rua Coronel Walter Kramer, 357
Parque Santo Antônio - Campos dos Goytacazes/RJ
CEP 28080-565 | Tel.: (22) 2737-5648
www.essentiaeditora.iff.edu.br | essentia@iff.edu.br

Tiragem: 500 exemplares

Impressão: Editora e Papeis Nova Aliança Eireli | Tel.: (21) 3105-5087/ 3105-6262

Ministério da Educação Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor	Jefferson Manhães de Azevedo
Pró-Reitor de Administração	Guilherme Batista Gomes
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional	José Luiz Sanguedo Boynard
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas	Aline Naked Chalita Falquer
Pró-Reitor de Ensino	Carlos Artur Carvalho Arêas
Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão e Inovação	Vicente de Paulo Santos de Oliveira
Diretor de Pesquisa e Extensão Tecnológica	Pedro de Azevedo Castelo Branco

Equipe Editorial da Série Memórias Fluminenses

<i>Editora Assistente</i>	Paula Aparecida Martins Borges Bastos
<i>Editores Associados</i>	Raimundo Helio Lopes Rogério Ribeiro Fernandes

<i>Conselho Editorial Especializado</i>	Adler dos Santos Tatagiba Emerson da Mota Saint Clair Fernando Gil Portela Vieira Henrique Barreiros Alves Priscila Mattos Monken
-----------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Equipe Editorial

<i>Capa, Projeto Gráfico</i>	Lucas Guimarães Valentim
<i>Diagramação</i>	Camila Pavoni Monteiro Lucas Guimarães Valentim
<i>Catalogação</i>	Henrique Barreiros Alves
<i>Preparação do texto</i>	Paula Aparecida Martins Borges Bastos
<i>Tradução do francês para português</i>	Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

SUMÁRIO

Prefácio à presente edição	5
-----------------------------------------	----------

PRIMEIRA PARTE

Respeitavel Publico	25
A Meu Pai.....	29
O Voluntario	31
O Marujo.....	41
Naufragio.....	53
Christovão Colombo	61
Os dois peregrinos	71

SEGUNDA PARTE

Extrait des « Causeries Familières ».....	81
Impressions d'une jeune Brésilienne à l'époque de ses examens.....	87
Appréciation des « Causeries Familières » – Souvenir des examens ..	99
Une page au Brésil	101
Appréciation des « Causeries Familières ».....	119
Trois jours au Monte Himalaya.....	121
Christophe Colomb	135
D. Pedro de Alcantara.....	141
Le Solitaire.....	149

TRADUÇÃO DA SEGUNDA PARTE

Impressões de uma jovem brasileira na época de seus exames.....	159
Apreciação das “Causeries Familières” – Lembranças dos exames ..	171
Uma página no Brasil	173
Apreciação das “Causeries Familières” – Nosso concurso literário..	191
Três dias no Monte Himalaia	193
Cristóvão Colombo	207
D. Pedro de Alcantara	213
O Solitário	221

PREFÁCIO À PRESENTE EDIÇÃO

A contribuição deste volume 5 da Série Memórias Fluminenses está relacionada à recuperação da memória literária de mulheres escritoras no século XIX. Segundo Muzart¹, o século XX produziu um apagamento dessa memória, podendo-se perceber ainda hoje o quanto essas mulheres

foram e são ignoradas e subestimadas, pois o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas. (MUZART, 2003).

Ainda segundo Muzart, “além da produção em jornais, elas publicaram muitos livros, uma produção, ainda que desaparecida, nada desprezível”. Apesar de haver um esquecimento político voltado principalmente para as mulheres mais atuantes, “no cômputo geral, todas ficaram esquecidas, militantes ou colaboracionistas, senhoras ou cortesãs!”.

Com a publicação desta edição de *Rumorejos do Monte Himalaya*, de autoria de Amelia Gomes de Azevedo, pretende-se recuperar uma voz feminina do norte fluminense de fins do século XIX. Amelia não teve o destino de grande parte das mulheres de sua região, as quais em geral não tinham sequer os primeiros letramentos: foi educada na Corte, participou de concursos literários no Brasil e em outros países, publicou artigos e folhetins em jornais, lançou livros. Mulher de seu tempo e de sua classe social, em sua produção literária são apresentadas as contradições típicas do momento histórico, pois, como afirma Bolsanello,

¹ MUZART, Z.L. Uma espiada da imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 11, v. 1, 2003.

a ambiguidade foi uma marca registrada da produção intelectual do Brasil [daquela] época, caracterizando-se por momentos de ideias progressistas, reveladoras da história brasileira, mesclados pelas ideias preconceituosas advindas das teorias evolucionistas, eugenistas e racistas europeias.² (BOLSANELLO, 1996).

O título *Rumorejos do Monte Himalaya* é sugestivo e expressa bem a situação e o contexto da obra: rumorejo remete a murmúrio, algo que ouvimos distante, não escutamos bem o que é e muitas vezes não distinguimos de onde vem. Mulher, jovem, escritora estreante, moradora de uma distante fazenda do interior, sua escrita é um murmúrio, assim como o território de onde vem, lugar distante e, por que não dizer, praticamente desconhecido. Curioso observar que os jornais do Rio de Janeiro *Jornal do Brasil* e a *Gazeta de Notícias* de janeiro de 1895 indicam Amelia Gomes de Azevedo como procedente do... Estado de Minas! Essa é a situação de um lugar ainda pouco conhecido, situado em uma zona fronteira entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, conhecida à época como Zona da Mata.

E por que Himalaya? A explicação se encontra na dedicatória do livro ao pai, a quem a autora afirma: “trabalhastes então com intrepidez e, de uma secular floresta, onde o gênio do homem jamais penetrara, apresentastes no fim de anos de incansável lide, o recanto iluminado, a que destes o nome de *Monte Himalaya*”.

A Fazenda Monte Himalaya: espelho de uma época

Em uma região plena de Mata Atlântica no extremo norte fluminense, o açoriano Jacintho Antonio de Azevedo Mattos³ se

² BOLSANELLO, M.A. Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. *Educar*, UFPR, Curitiba, n. 12, 1996.

³ A imigração açoriana ocorrida no século XIX para a atual região noroeste fluminense ainda é um capítulo a se pesquisar na história. Sabe-se que os irmãos Jacintho Antonio, João Antonio e Manoel Antonio de Azevedo Mattos vieram dos Açores para o Brasil. Enquanto Jacintho se estabeleceu na área que será convertida na Fazenda Monte Himalaya, os irmãos João e Manoel seguiram para a então Freguesia de Bom Jesus do Itabapoana, havendo registros da década de 1870 de uma firma comercial nessa localidade em nome dos dois irmãos. Manoel Antonio de Azevedo Mattos foi um dos Intendentes do Primeiro Conselho de Intendência do município de Itabapoana, criado em 1890 e extinto em 1892.

instalou na segunda metade do século XIX e, com a derrubada de trechos da vegetação, logo consolidou uma extensa propriedade, batizada de “Monte Himalaya”⁴. Inicialmente pertencente a Campos, ela passa a integrar, em 1890, o então recém-criado município de Itaperuna⁵. Voltada principalmente para a produção de café, a Fazenda Monte Himalaya insere-se no contexto de expansão cafeeira ocorrida no norte fluminense entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX⁶.

Sobre a forma como se deu a transição do trabalho escravo para assalariado na Fazenda Monte Himalaya, é possível encontrar algumas pistas em jornais e depoimentos da época. O sistema de parceria aparentemente já existia na fazenda desde a década de 1870, conforme se depreende de anúncio do próprio Jacintho Antonio de Azevedo, que afirma haver, em sua propriedade, excelentes áreas para se formar “colônia pelo systema de parceria (a que seu dono se destinava)”⁷.

⁴ Rica em nascentes d’água e mata-virgem, a fazenda contava, em 1872, com diversas benfeitorias, dentre as quais um engenho de cana e suporte para o beneficiamento da mandioca e em especial do café, havendo estrutura suficiente para uma produção de até 8.000 arrobas deste grão, conforme anúncio publicado no *Jornal do Comércio* de 28/07/1872.

⁵ A região do então extremo norte de Campos, onde se localizava a Fazenda Monte Himalaya, pertencia ao 15º Distrito, denominado “Limeira”, que abrangia a região banhada pelo rio Itabapoana (na divisa com o estado do Espírito Santo). Com a instauração da República e a criação do município de Itaperuna em 6 de dezembro de 1889, a Fazenda Monte Himalaya passa a integrar a nova municipalidade, pertencendo ao 2º Distrito “Nossa Senhora da Penha”. Poucos anos depois, em 1892, a região integrará o 10º Distrito de Itaperuna, reordenamento decorrente da extinção do município de “Itabapoana”. Em 1938, com a criação do município de Bom Jesus do Itabapoana, a Fazenda Monte Himalaya volta ao 2º Distrito de Itaperuna. Atualmente, a Serra do Himalaia constitui um dos pontos limítrofes entre os municípios de Itaperuna e Bom Jesus do Itabapoana, na mesorregião noroeste fluminense.

⁶ Segundo Corrêa do Lago, na década de 1890, a diminuição das exportações de café do estado do Rio de Janeiro foram contrabalançadas pelas novas áreas cafeeiras surgidas no período pós-Abolição: “De fato, embora a cafeicultura tenha tendido a desaparecer nos municípios do oeste do Vale do Paraíba, a atividade prosseguiu no leste da região do rio Paraíba e expandiu-se para o chamado “norte” do estado, em direção a Itaperuna. Em algumas áreas que haviam sido abertas à cafeicultura durante as últimas décadas do Império, à medida que o café se expandiu a partir de Cantagalo, a produção ainda era importante na virada do século. Mas seria nos municípios recém-criados no norte do Rio de Janeiro – como Itaperuna, Bom Jesus do Itabapoana etc. – que a produção de café iria se desenvolver com sucesso durante as primeiras décadas da República, absorvendo um número crescente de “braços” para a atividade.” Segundo o autor, a imigração europeia para o setor agrícola do estado do Rio de Janeiro foi limitada, e a originalidade da nova região cafeeira fluminense em relação a São Paulo estava baseada no fato de que “os novos habitantes que permitiram seu desenvolvimento parecem ter sido, em sua maioria, brasileiros. Com efeito, no início dos anos 1900, o município de Itaperuna, cuja população total ultrapassava 38 mil habitantes, continha apenas 1.500 italianos (a maioria dos quais ocupada na cafeicultura).” CORRÊA DO LAGO, L. A., *Da escravidão ao trabalho livre*: Brasil, 1550-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

⁷ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1872.

Em 7 de dezembro de 1888, Jacintho Azevedo Mattos publica no periódico *Monitor Campista* anúncio buscando “homem de idade e de boa conduta” para “ensinar primeiras letras a uns menores ingênuos”, na Fazenda do Monte Himalaya, “do lado norte da estação de S. Domingos, E. F. do Carangola”⁸, com “salário que se convencionar”. Três anos depois, em 30 de dezembro de 1891, é publicado novo anúncio buscando “homem de idade para ensinar primeiras letras a uns ex-ingênuos, que já estão lendo o 3º livro do Dr. Abílio”, para trabalhar “na Fazenda do Monte Himalaya, em frente à estação de S. Domingos, Estrada de Ferro do Carangola”.

Jacyntho Azevedo de Mattos falece na primeira metade de 1893, passando a Fazenda a ser gerenciada por sua esposa, Jesuína Gomes de Souza Azevedo, com apoio da filha mais velha, Amelia Gomes de Azevedo. Em julho do mesmo ano é divulgado anúncio em vários números do *Monitor Campista*, na busca por trabalhadores de roça para a Fazenda Monte Himalaya, com pagamento diário de 1.500 réis, além de sustento, roupa lavada e tratamento de doenças gratuito.

Através de um depoimento de Amelia Gomes de Azevedo publicado originalmente no jornal *A Gazeta de Notícias*, de 9 de março de 1894⁹, tendo por mote a defesa da mão de obra do imigrante chinês, é possível observar como a Fazenda Monte Himalaya vai tentando se adaptar aos novos tempos:

Assisti de perto ao trabalho escravo, vi a transição em ocasião de tormentosa luta, observei o trabalhador europeu, o nacional e agora o chinês.

Posso, por conseguinte, pela experiência, estabelecer um paralelo entre os quatro elementos produtores, equiparando as vantagens e prejuízos sem, entretanto, deixar-me levar pelo espírito de parcialidade.

Atualmente minha mãe tem na fazenda o espécime dos quatro elementos, a que me refiro – o liberto, o europeu, o nacional e o chinês.

⁸ A Estação de São Domingos foi inaugurada em 1881 pela E. F. Carangola, tendo sido vendida posteriormente para E. F. Barão de Araruama, que a repassou para a E. F. Leopoldina. Seu nome é derivado da Fazenda São Domingos. A região hoje é denominada Aré, povoado do segundo distrito de Itaperuna. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_ramais_2/are.htm. Acesso: 19 jan. 2018.

⁹ O depoimento de Amelia Gomes de Azevedo, em artigo intitulado “Os chins”, foi replicado em vários jornais pelo país, tais como *Jornal do Agricultor* (RJ) e *Pacotilha* (MA). Também consta, na íntegra, no livro “Os Chins do Tetrartos”, de Henrique C. R. Lisboa, Rio de Janeiro: Typografia da Empreza Democratica Editora, 1894.

É fácil a comparação, desde que se apresentam todos na mesma época, nas mesmas circunstâncias, oferecendo somente diferença no resultado da produção.

O mais difícil para se ter, é certamente o jornaleiro¹⁰ nacional, o qual, salvo algumas exceções, torna-se o mais das vezes intolerável com exigências, pedindo ordenado elevado, não produzindo alguns de entre eles com que se possa pagar-lhes e sustentá-los.

Além disso, são, na maior parte, inconstantes, não se podendo contar para o dia seguinte com os que se tem na véspera.

Nessa época, a Fazenda Monte Himalaya, “notável por seu caprichoso trato, é uma das principais explorações agrícolas do importante município de Itaperuna”, afirma Pedro Celestino Gomes da Cunha, na apresentação do texto de Amelia para o jornal *A Gazeta de Notícias*.

Na primeira década do século XX, a Fazenda Monte Himalaya aparece na publicação *Album do Município de Itaperuna*, de 1910, organizado por Leopoldo Muylaert Júnior, constando uma bela fotografia da “Fazenda Monte Hymalaia”, indicada como pertencente ao “sr. J. B. Borges”. É possível ver, no sopé de uma mata, o que parece ser a antiga “casa grande”, em formato de “L”. Próximo há uma construção que parece ser um comprido galpão que se abre para uma área plana e batida. O aparente galpão está ladeado por outras duas construções, sendo uma delas a base de um “T” para o referido “galpão”. Bordeando a área plana e batida há duas compridas construções que parecem ser as casas dos trabalhadores rurais¹¹.

A fazenda, ao que tudo indica, posteriormente mudou de dono: em 1897, as duas filhas do casal Jacintho e Jesuína já estão casadas. Amelia se casou com João Lucas da Costa¹² e passou a viver na vizinha Fazenda São João, de seu esposo¹³. Altina Gomes de Azevedo, por

¹⁰ O termo jornaleiro se refere ao trabalhador que é pago pela jornada.

¹¹ A imagem de capa deste livro é composta a partir de uma aquarela realizada pela professora de desenho da Faetec, Lília Alves dos Santos, baseada nessa fotografia da Fazenda Monte Himalaya.

¹² João Lucas da Costa foi vereador em Itaperuna em diversos anos ao longo das três primeiras décadas do século XX.

¹³ Provavelmente por sua proximidade com a Fazenda Monte Himalaya e por terem ido viver, D. Jesuína e a filha Amelia, na Fazenda São João, esta vai ficando, aos poucos, conhecida como “São João do Himalaia”. Em 18 de junho de 1960, o jornal *A Voz do Povo*, de Bom Jesus do Itabapoana, dedica longo artigo sobre a Fazenda São João do Himalaia, afirmando ser esta muito conhecida “não só pela fertilidade dos seus terrenos, que são os mais produtivos desta região, como também pelo seu sentido

sua vez, casou com o sr. Manoel Pereira Borges. Tudo leva a crer que J. B. Borges seja parente de Manoel Pereira Borges. Essa suspeita se reforça quando Horacio Sousa, em 1935¹⁴, ao escrever sobre Amelia Gomes de Azevedo, agradece as informações recebidas da filha única da escritora e do Dr. Claudio Borges, parente da literata.

Tempos depois, a fazenda volta a mudar de dono, passando a pertencer ao sr. Felisberto Gomes de Souza¹⁵, segundo relato da neta de dona Amelia, Sra. Heloísa Garcia Piña Rodrigues que viveu sua juventude com os pais na Fazenda São João, e que guarda em suas lembranças o convívio e a amizade com o então proprietário e demais moradores da Fazenda Monte Himalaya¹⁶.

Atualmente, a Fazenda Monte Himalaya não existe mais; foi se perdendo junto com as transformações que alteraram o perfil agrário da região noroeste fluminense ao longo do século XX, em especial a partir da década de 1970. Após sua venda e divisão em propriedades menores, hoje é possível encontrar várias pequenas “Fazenda Himalaia” na região conhecida como “Monte Malaia”, no “Córrego Seco”, divisa entre Itaperuna e Bom Jesus do Itabapoana¹⁷. Da pujança da antiga Fazenda Monte Himalaya pouco restou no local, porém ainda é possível vislumbrar pequenos trechos de mata no alto dos morros que provavelmente inspiraram seus primeiros proprietários a denominarem o local como Monte Himalaya.

histórico. Está essa fazenda situada nos 1º e 2º distritos de Itaperuna, distando 18 km de Bom Jesus e 12 da cidade vizinha”.

¹⁴ A obra original é de 1935 e republicada: SOUZA, H. *Cyclo Aureo: História do 1º Centenário de Campos 1835-1935*. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2014 (Série Memórias Fluminenses, v. 1).

¹⁵ Felisberto Gomes de Souza é citado como fazendeiro em Bom Jesus do Itabapoana, em obra póstuma de Bernardino José de Souza (*O Ciclo de Carro de Boi*, 1958), resultado de entrevistas realizadas especialmente durante a década de 1940.

¹⁶ Relato pessoal de Heloísa Garcia Piña Rodrigues, Rio de Janeiro, RJ, em fevereiro de 2018.

¹⁷ Nesse contexto também se insere a história da Fazenda São João do Himalaia: após a morte do casal Amelia e José Lucas da Costa, seu genro, Sr. Sebastião Teixeira Garcia (“Neneco” Garcia), assume a propriedade da fazenda. Em meados de 1950, esta é adquirida por Miguel Jorge da Silva, sendo posteriormente vendida e desmembrada em diversas pequenas propriedades.

Sobre a autora

Amélia Gomes de Azevedo nasceu em 16 de abril de 1866, na Fazenda Monte Himalaya, distante da urbana e desenvolvida Campos dos Goytacazes da época¹⁸. Filha mais velha de Jacintho Antonio de Azevedo e Jesuína Gomes de Souza Azevedo, Amélia foi enviada pelos pais, ainda menina, para estudar no Rio de Janeiro. O trajeto era feito a cavalo, desde a Fazenda Monte Himalaya até São João da Barra, onde a jovem tomava um vapor no porto, em direção ao Rio de Janeiro. Ali, estudou no Colégio Brasileiro, criado em 1871 no bairro de Laranjeiras, exclusivo para meninas pensionistas: as professoras eram quase todas “mandadas vir da Europa, expressamente para esse colégio, com os melhores certificados da Inglaterra, França e Alemanha”, e as alunas “aprend[iam] perfeitamente diversas línguas e ciências”¹⁹. A distância não permitia retornos frequentes ao lar paterno, o que ocorria, geralmente, no período de férias. Suas lembranças dessa época ganham corpo no texto “Impressions d’une jeune Brésilienne à l’époque de ses examens”, com o qual Amélia ganhou o primeiro prêmio do concurso literário da revista francesa *Les Causeries Familieres*.

Com o falecimento do pai, em 1893, Amélia passa a auxiliar a mãe na administração da Fazenda Monte Himalaya. Mulher, fazendeira e letrada, Amélia se integra à polêmica nacional sobre a questão da imigração chinesa como alternativa para a falta de braços para a lavoura, que tantos ardores provocou na época, suscitando exaltados defensores e detratores de tal medida. No já comentado artigo intitulado Os Chins²⁰, Amélia descreve, sob variados aspectos, os imigrantes chineses que ela e sua mãe receberam na Fazenda Monte Himalaya, alinhando-se aos defensores da imigração asiática. Dentre esses aspectos está o valor da educação e das letras, ressaltando que todos os chineses trabalhadores em sua Fazenda sabem ler, inclusive um menino de 11 anos: “Não é isto um bello exemplo, vemos como está a

¹⁸ Parte da biografia da autora é baseada no livro de Horacio Souza (conferir nota 14).

¹⁹ *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 525, p. 4199, 1 jan. 1871.

²⁰ Conferir nota 9.

instrução introduzida na China entre o proletariado que precisa emigrar para ganhar a vida? Não ha, pois, escravidão possível para quem tem as luzes da instrução e o poderio da intelligencia”.

Amelia casou-se com o português João Lucas da Costa, proprietário da Fazenda São João, situada nos 1º e 2º distritos de Itaperuna, onde o casal passou a residir. Na fazenda funcionava uma Usina Central, com produção de aguardente e açúcar. Do casamento de Amelia e João Lucas nasce a única filha do casal, Adélia de Azevedo Costa.

Amelia Gomes de Azevedo morreu aos 63 anos de idade em 24 de setembro de 1929, na Fazenda São João, em Itaperuna.

Carreira Literária

A influência e o apoio paternos no desenvolvimento cultural e literário de Amelia e sua irmã, Altina Gomes de Azevedo, provavelmente foram de extrema importância para as duas jovens. O envolvimento de Amelia com o mundo das letras e da literatura provavelmente se aprofundou durante o período em que estudou no colégio interno no Rio de Janeiro.

O primeiro livro de Amelia, publicado em 1894, é um “belíssimo opúsculo da notável escritora Amelia Gomes de Azevedo”²¹, um “elegante volume”²², um “interessante trabalho da exma. sra. d. Amelia Gomes de Azevedo, conhecida cultora das letras”²³. Assim alguns jornais da época se referiram a *Rumorejos do Monte Himalaya*, acusando seu recebimento. Comum a todos é o destaque para o prefácio de Afonso Celso, imortal da Academia Brasileira de Letras, que funciona como um aval à obra da “principiante romancista brasileira”²⁴.

Apesar de principiante no romance, Amelia já havia publicado em jornais de sua região, tais como a *Gazeta de Itaperuna* e o *Monitor Campista*, além de ter recebido, nos anos anteriores, prêmios em concursos literários

²¹ *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1894.

²² *O Pharol*, Juiz de Fora, 14 mar. 1895.

²³ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1894.

²⁴ *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1894.

na França e na Bélgica, com textos enviados em francês. Grande parte dessa produção literária irá compor *Rumorejos do Monte Himalaya*, que agrega, assim, os principais escritos de Amelia em jornais e concursos até o ano de 1893.

Em 1895, Amelia participou da ajuda à reconstrução do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, que havia sofrido um incêndio em 1893, enviando 20 exemplares de seu livro, “para com o seu produto auxiliar a reconstrução do edifício deste estabelecimento de ensino”²⁵. Amelia passa, meses depois, a ser sócia correspondente da Sociedade Propagadora das Belas Artes, a qual apoia o Liceu de Artes e Ofícios, fazendo doações em dinheiro para serem aplicadas a esta “escola do povo”²⁶.

Sua relação com o Real Gabinete Português de Leitura parece ter sido bastante estreita, provavelmente já iniciada a partir de seu pai, português dos Açores, mas também pelo uso da própria biblioteca em seu período de estudante no Rio de Janeiro. Amelia, aparentemente, era leitora voraz e tinha meios de realizar suas aquisições. Assim é que, dos 59 volumes diversos recebidos pelo RGPL no mês de janeiro de 1895, 50 são doados “pela exma. sra. d. Amelia Gomes de Azevedo”²⁷. O período é o mesmo em que Amelia envia seus livros para os jornais. Provavelmente, dentre os volumes doados, constavam exemplares de *Rumorejos do Monte Himalaya*.

Após a publicação do primeiro livro, Amelia passa a ser reconhecida também na capital

A gentilíssima escritora brasileira, exma. Sra. d. Amelia Gomes de Azevedo, de quem há dias noticiamos o aparecimento de um livro – Rumorejos do Hymalaia, ilustra hoje, pela primeira vez a imprensa fluminense com um conto que se lê à primeira página do *Jornal do Brasil*²⁸.

O ano é 1895, e o título do conto é “Poty”. A este segue-se “A Mendiga”²⁹. Em abril de 1896, o *Jornal do Brasil* anuncia:

²⁵ A doação do *Rumorejos do Monte Himalaya* para o Liceu de Arte e Ofícios foi noticiada em janeiro de 1895, no *Jornal do Brasil* (06/01/1895) e na *Gazeta de Notícias* (08/01/1895) do Rio de Janeiro.

²⁶ O recebimento de título de sócia correspondente foi noticiado pelo *Diário de Notícias* (06/03/1895) e pelo *Jornal do Commercio* (16/05/1895). A doação de 110.000 réis ao Liceu de Artes e Ofícios é noticiada em *O Paiz* (12/06/1895) e na *Gazeta de Notícias* (12/06/1895), jornais do Rio de Janeiro

²⁷ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1895.

²⁸ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1895.

²⁹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1895.

Começaremos domingo a publicação de um belo trabalho, original brasileiro de D. Amelia Gomes de Azevedo (a aplaudida autora dos Rumores do Monte Himalaya) – MERCÊDES é o título do novo folhetim que começará o *Jornal do Brasil* a publicar domingo. Recomendamo-lo especialmente às nossas gentis leitoras, pois é a autora do romance uma das mais distintas escritoras brasileiras.³⁰

Mercedes será lançado, no mesmo ano, em livro editado pelo mesmo *Jornal do Brasil*, seguindo a tradição da época de composição de romances após sua publicação em folhetim. Amelia ainda reside na Fazenda Monte Himalaya, e assim como *Rumorejos do Monte Himalaya*, o romance também é dedicado a seu pai, Jacintho Gomes de Azevedo. A história se passa na Praia do Furado, em Campos, e aborda o período da transição da abolição do trabalho escravo. Amelia indica no prefácio ter escolhido como tema para seu livro “a grande questão da liberdade” e em sua dedicatória afirma ao pai: “ninguém jamais poderá dizer que legastes à família o fruto de um trabalho explorado com desumanidade”.

Passados dez anos, já no início do século XX, reencontramos Amelia nos jornais, desta vez no *Itabapoana*³¹, que anuncia:

D. Amelia Azevedo

Os leitores do “Itabapoana” vão ter no próximo número a delícia de um artigo da festejada escriptora, D. Amelia Azevedo, cujo nome fulgura no romance brasileiro com letras de estrellas.

D. Amelia é um dos mais radiosos talentos femininos no Brazil, o que há manifestado exhuberantemente na “Mercedes”, trabalho de um estylo leve e harmonioso em que transparece também a sua alma feita de lírios, olorando as outras almas submissas dos escravizados de outr’ora. A sua promessa está feita: collaborará no “Itabapoana” e a elle emprestará um inusitado valor que, absolutamente não poderia conseguir sem ella e sem o seu auxílio intelectual.

No número seguinte começa a circular *A Penna*, que terá continuação nos três números subsequentes. Curiosamente não é

³⁰ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1896.

³¹ *Itabapoana*, Bom Jesus do Itabapoana, 15 ago. 1906.

assinado por Amelia Gomes de Azevedo, mas simplesmente por Iris. Tudo leva a crer que Iris seja Amelia, porém, se assim o é, fica a questão de o que teria levado a autora a usar pseudônimo.

Amelia, em 1906, estava com 40 anos, e depois dessa data não detectamos mais seu nome relacionado com novas publicações literárias, embora seja sempre respeitada e tratada com admiração por seu talento e culto às letras.

Algumas décadas parecem trazer o esquecimento sobre o nome de Amelia Gomes Azevedo, de forma que em 1935, Horacio Souza afirma ser seu “nome bem pouco conhecido entre nós (por isso mesmo que tratamos aqui da sua repercussão)”, fato que se

não fôra a nimia gentileza do Dr. Claudio Borges, parente daquela litterata, e a bondade de d. Amelia Garcia, filha da distincta escriptora, e não nos seria possível apresentar aqui este verdadeiro «furo» segundo a gyria da imprensa.

O autor dedica mais de duas páginas a Amelia e sua obra, no capítulo dedicado aos “Poetas e Literatos de Campos”.

A Academia Campista de Letras, de Campos dos Goytacazes, criada dez anos após a morte da escritora, em 21 de junho de 1939, homenageia Amelia Gomes de Azevedo, tendo-a como patrona da cadeira n° 4, que foi inicialmente ocupada por Waldir Pinto de Carvalho, seguida por Silvia Paes, em uma justa homenagem à escritora campista.

Em 18 de junho de 1960, em extenso artigo sobre a Fazenda São João do Himalaia, assim se referia o jornal bonjesuense *A Voz do Povo* sobre Amelia, aqui citada com seu nome de casada:

D. Amelia de Azevedo Costa era uma das senhoras mais cultas desta zona, destacando-se pelos dotes intelectuais, como apreciada escritora. Na quietude dessa fazenda, ao cântico dos pássaros que faziam ninhos em derredor de seu venturoso lar, escreveu ela o livro “Rumorejos do Himalaia”³², que mereceu os maiores louvores da crítica, havendo também participado de vários concursos literários, tanto no Brasil como no estrangeiro,

³² O autor do artigo provavelmente se equívoca, pois Amelia escreveu *Rumorejos do Monte Himalaya* quando ainda era solteira e vivia no lar paterno, na Fazenda Monte Himalaya. Passou a viver na Fazenda São João somente após o casamento com João Lucas da Costa.

inclusive na França e na Suíça, obtendo, em quase todos esses certames, o primeiro lugar. Era possuidora, assim, de vários diplomas honrosos, como prêmios à sua reconhecida cultura, sem que tais distinções, no entanto, em nada modificassem o seu temperamento. D. Amélia de Azevedo Costa era uma senhora simples e acessível, de uma fidalguia a toda prova, jamais se envaidecendo, no decorrer de toda a sua longa e proveitosa existência, dos seus dotes intelectuais. Enquanto a imprensa lhe exaltava o nome e os poetas lhe dedicavam inspirados versos, ela mais se escondia na sua modéstia como escritora, achando que o seu livro, simples como a natureza, não se achava à altura de tantos louvores. Era d. Amélia também exímia musicista, tendo o piano como seu instrumento predileto.

Anos mais tarde, em 23 de abril de 1966, ainda no jornal *A Voz do Povo*, Antonio de Souza Dutra, sob o título “D. Amélia Azevedo”, comemora o centenário de nascimento da escritora e romancista que foi “injustamente esquecida entre nós, onde residiu por muitos anos”.

Hoje, quando se completam 90 anos de morte da escritora, a Série Memórias Fluminenses busca recuperar esse nome feminino da literatura regional, brindando o público leitor com textos que nos trazem pistas sobre um período ainda pouco conhecido e pouco estudado da região noroeste fluminense, como foram as últimas décadas do século XIX.

O livro

Não temos como precisar o número de exemplares lançados de *Rumorejos do Monte Himalaya*, tendo sua publicação ocorrido, muito provavelmente, às custas da família da autora. A impressão foi realizada pela Typografia Leuzinger, da famosa Casa Leuzinger, no Rio de Janeiro, uma grande referência em impressão e artes gráficas do século XIX.

Nos escritos de Amélia Gomes de Azevedo reunidos em *Rumorejos do Monte Himalaya*, nota-se uma inclinação a construir contos com um pretense romantismo. Seus personagens são, em grande maioria, solitários e sofredores, com uma angústia que, saída do mundo interior, encontra respaldo no mundo em sua volta. Alguns deles, como

Cristóvão Colombo e D. Pedro II, são descritos com grandes doses de louvor histórico e de ufanismo.

Detalhes, porém, permitem detectar observações que parecem ter sido construídas a partir de situações vividas pela autora, partindo de condições concretas que são idealizadas na construção de suas histórias. É curioso observar que isso ocorre sobretudo nos textos escritos em francês, o que nos faz supor que eles foram produzidos na época em que a autora vivia no colégio interno na capital, quando ainda era criança ou adolescente, porém tendo sido publicados nos primeiros anos da década de 1890. Esses textos são voltados inicialmente para um público estrangeiro, já que foram escritos para que Amelia participasse de concursos literários na França e na Bélgica. Muito provavelmente os fatos neles narrados devem ter despertado a curiosidade tanto dos membros do júri dos concursos quanto das jovens leitoras e leitores dos periódicos em que foram publicados, por destacarem aspectos peculiares dos hábitos e da geografia dos países da América – o que deve ter favorecido a autora na obtenção de suas distinções. Cabe notar que Amelia escrevia num francês bastante correto, com pouco erros, elogiado pela editora da revista *Les Causeries Familiales*, a escritora e editora Louise d’Alq.

Consciente ou inconscientemente, Amelia insere aspectos nacionais que provavelmente poderiam atrair os leitores franceses ou belgas por seu exotismo ao contexto europeu. Essas características são possíveis de encontrar, por exemplo, na descrição da natureza local ou no encontro do personagem principal com um velho índio (“Uma página no Brasil”), lembrando certo romantismo ainda apreciado.

De todas as crônicas de *Rumorejos do Monte Himalaya*, uma das que mais nos remetem a possíveis aspectos da realidade social e política da época é “Três dias no Himalaya”. Ao utilizar a Fazenda do Monte Himalaya como local onde se desenrola o enredo, a autora cria personagens que bem podem ser identificados com ela própria e uma colega de escola: escrito em primeira pessoa, o narrador é uma jovem estudante que vai visitar uma colega de colégio moradora da fazenda. Com essa estrutura narrativa, Amelia parece inverter os papéis e construir seu duplo nas

personagens escolares: a visitante que descreve e aquela que acolhe a narradora em sua fazenda. Ao contar seus dias e passeios pela Fazenda Monte Himalaya, a autora fornece aos leitores uma série de informações que, ainda que no plano literário, permitem supor serem construídas a partir de observações dos aspectos socioeconômicos e culturais da região, mais especificamente da própria Fazenda Monte Himalaya. Uma extensa fazenda produtora de café, contendo morros e vales ainda constituídos de uma natureza grandiosa e atraente, a qual só se pode visitar através de uma montaria a cavalo. O local de produção do café, a descrição dos imigrantes, suas casas e estilo de vida, além de considerações sobre a transformação da mão de obra do trabalho escravo para o trabalho assalariado, são alguns dos aspectos abordados nessa singela narrativa³³.

Detectamos, em nossa pesquisa, a existência de sete exemplares da edição de 1894 de *Rumorejos do Monte Himalaya*, estando quatro deles na Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, na Biblioteca Rodolfo Garcia da Academia Brasileira de Letras, consta um exemplar como livro raro, contendo dedicatória da autora a Afonso Celso, prefaciador da obra e imortal da Academia Brasileira de Letras. A família da escritora possui um volume contendo dedicatória de Amelia à sua irmã Altina. Outro exemplar, a partir do qual foi elaborada a presente edição, faz parte do acervo do Espaço Cultural Luciano Bastos, em Bom Jesus do Itabapoana.

Gostaríamos de apresentar nossos agradecimentos a Claudia Martins Borges Bastos do Carmo por seu valioso apoio na pesquisa documental para a elaboração deste prefácio.

A presente edição de *Rumorejos do Monte Himalaya* traz à luz uma escritora esquecida das Letras nacionais, revelando uma mulher fluminense atuante social e culturalmente. Parte dos textos, escritos originalmente em francês, foram traduzidos no fim do volume. Procurou-se manter, na medida do possível, o mesmo tom e estilo dos textos originais. Seguindo a linha editorial da Coleção, mantivemos a grafia original das duas línguas,

³³ Se em *Rumorejos do Monte Himalaya* os temas da transição do trabalho escravo para assalariado e a passagem da Monarquia para República aparecem de forma superficial e passageira. Em *Mercedes*, sua obra posterior, essas temáticas serão abordadas diretamente, sendo temas centrais no folheto.

inclusive os erros tipográficos do volume original. Acrescentamos igualmente notas explicativas sobre personagens históricos e referências culturais, a fim de auxiliar os leitores em sua redescoberta de um momento do passado brasileiro sobre o qual ainda há muito a conhecer.

Bom Jesus do Itabapoana, 24/01/2019

Paula Aparecida Martins Borges Bastos
Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina



Amelia Gomes de Azevedo. Desenho de Lilia Alves dos Santos, inspirado em fotografia gentilmente disponibilizada por Heloisa Garcia Piña Rodrigues, neta de Amelia.

AMELIA GOMES DE AZEVEDO



Rumorejos do
Monte Himalaya



Rio de Janeiro

TYP. LEUZINGER - OUIDOR 31 & 33

1894

7537

Imagem da Folha de Rosto de *Rumorejos do Monte Himalaya*, edição original de 1894.

**PRIMEIRA
PARTE**

RESPEITAVEL PUBLICO



AMANHAS e tão immerecidas provas de sympathia me haveis dado, dignando-vos de ler os meus insulsos ensaios litterarios, que me julgo autorisado (e perdoai-me, se me illudo) a dirigir-vos a palavra com alguma liberdade, solicitando dois minutos de vossa preciosa attenção.

O meu fim com estas mal traçadas linhas é apresentar-vos e recommendar instantemente á vossa benevolencia o talento da autora do presente opusculo, a Exma. Sra. D Amelia Gomes de Azevedo.

A minha recommendada, Respeitavel Publico, merece por mais de um titulo todas as vossas deferencias.

É uma brazileira distinctissima, que, em qualquer parte do mundo, sobressahiria pelos seus notaveis predicados de espirito e coração, determinando a mais elevada idea do meio social em que foi educada.

Basta dizer-vos que, solteira, em plena mocidade, privada de seu pae, administra com admiravel tino e energia um importantissimo estabelecimento agricola que d'elle herdou; conhece tão superiormente, como o proprio, varios idiomas estrangeiros; serve-se da palheta com verdadeira perfeição artistica, escreve deliciosas composições, em que a correcção da fórma só é ultrapassada pela elevação do pensamento...

E omitto muitos outros dons, receioso de que me acoimeis de exagerado, no que commetterieis grande injustiça.

Lêde os trabalhos que compõem este volume, e dizei-me, francamente, se não ha n'elles a revelação de uma auspiciosa vocação de escriptor.

São tão raras no Brazil as senhoras que se dedicão ás letras...

Confessai que uma, como a Sra. D. Amelia Gomes de Azevedo, a qual o faz com criteriosa simplicidade, revelando nobre amor ao estudo, genuino valor e solido preparo, tem jus, pelo menos, a calorosas animações.

Não é verdade?!

Generoso e cavalheiro, qual sempre vos manifestais, não recusareis, de certo, indulgente acolhimento á minha esperançosa estreante.

Estou convencido de que ella justificará os vossos applausos, mimoseando-vos de futuro, com outras produções aprimoradas, quando a sua bella intelligencia attingir o pleno florescimento.

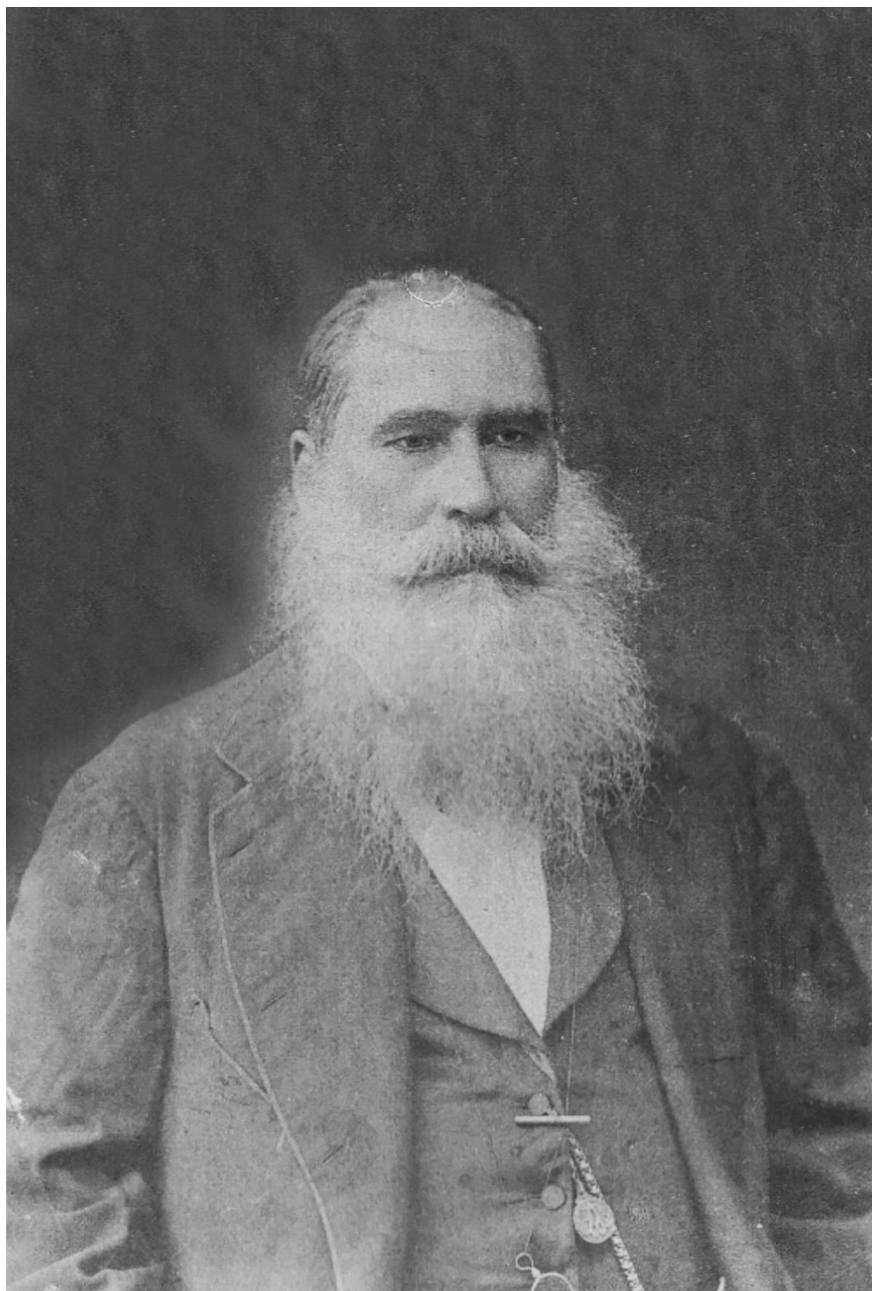
Almejando-vos, Respeitavel Publico, as mais propicias condições de corpo e de animo, isto é, a maxima liberdade e civilização possiveis, agradeço-vos de ante-mão a consideração em que tomardes este pequeno cavaco, e subscrevo-me, cheio de acatamento e sincero desejo de, em alguma cousa, ser-vos prestavel,

Vosso amigo e grato creado

AFFONSO CELSO.³⁴

Alto da Serra (Petropolis), 25 de Agosto de 1894.

³⁴ Afonso Celso Assis de Figueiredo Júnior (1860-1938). Filho do Visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império, Afonso Celso formou-se em Direito, tendo se dedicado ao magistério e ao jornalismo. Republicano e abolicionista, foi sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Dentre suas obras, constam *Por que me ufano de meu país* e *O imperador no exílio*. (N. do E.)



Jacyntho Antonio de Azevedo Mattos. Fotografia da edição original de 1894 de *Rumorejos do Monte Himalaya*.

A MEU PAI

Jacinto Antonio de Azevedo



HOJE que á luz da publicidade dou o fructo de um trabalho modesto, hoje que reuno as idéas que nascerão na solidão das selvas, inspiradas pela harmonia da natureza, quero dedicar á vossa memoria o que produzio o coração que formastes.

Se na estreia da vida pude conseguir alguma cousa, se tive a ventura de ver o nome honrado que me legastes não se envolver nas pesadas sombras da ignorancia, em primeiro lugar, a vós e á minha mãe o devo e depois aos corações generosos que se dignarão dar-me o apoio intellectual de que carecia a fraqueza da infancia.

Quero, pois, que vossa sagrada imagem seja, no começo d'este livro, o emblema da protecção para o que apresento e symbolise o amor paterno, que ninguem, melhor do que vós, soube comprehender.

É esse o desejo que nutro; quero associar a todos os meus pensamentos a recordação d'aquelle que personificou a sublimidade do nome de – pai – ; quero que tudo seja uma homenagem muda e respeitosa a quem tanto amou em vida.

A vós devo o tributo de meus primeiros e hesitantes ensaios litterarios, porque, cada um d'elles liga-se ao pulsar de vosso coração, á approvação de vossa alma apaixonada. Quando vos lia, com voz que a incerteza de principiante tornava mal segura, o que meu espirito me havia dictado, eu ouvia o arfar de vosso peito cheio de emoção e divisava lagrimas de ternura e de prazer, quaes purissimas gottas de celestial orvalho, rolaem por vossas venerandas faces abaixo.

Porque choraveis? Que sentimento vos arrancava do coração esse pranto silencioso ao pé da filha que vos estremece na eternidade como vos estremeceu em vida?

Vós o sabeis e Deos a sabia tambem!...

Hoje que o destino inclemente apagou para sempre as alegrias passadas e que desapareceu de meu lado o anjo protector que sobre mim velava, que me cobria com suas azas paternaes, quero unir a todo o impulso de minha alma a – idéa que deve sempre dominar-me – a saudade infinita de meu pai.

Seria profanar o sentimento mais sublime, mais santo, que ao homem é dado ter, se eu arredasse do altar que meu coração vos eleva a lembrança sempre vivaz do que fostes para mim, do que vos devo, dos effeitos duradouros de vosso sabio procedimento e de vossa abnegação inimitavel.

O titulo d'este livro encerra o significativo poema de vossa vida, afanosa e honesta.

Se os grandes homens, cujos nomes a Historia orgulha-se em apontar, tiverão sua epopéa, vós tambem tivestes a vossa; não envolta em purpura ou elevada por bellicas conquistas, mas sim, cercada pelo prestigio e elevada pelo trabalho honrado e perseverante, ao qual entregastes as forças que Deos confiára ao homen de character generoso e nobre que bem comprehendeu sua missão.

A ambição nos vos guiou, o orgulho não vos exaltou; só quizestes, com vossas proprias mãos, assegurar a felicidade da familia.

Trabalhastes então com intrepidez e, de uma secular floresta, onde o genio do homem jamais penetrára, apresentastes no fim de annos de incansavel lide, o recanto illuminado, a que déstes o nome de *Monte Himalaya*.

Monte Himalaya é a synthese do labor d'aquelle que se entregou de corpo e alma á sua grande obra e que afinal póde murmurar satisfeito: – « lutei, mas a Providencia não me desamparou! » – Esse legado de amor que nos deixastes, ahi onde vossas filhas virão pela vez primeira a luz do dia, testemunha silenciosa de vossas alegrias e soffrimentos, será para sempre o thesouro que amaremos; e, ouvindo nossas preces, permitta Deos que os embates da existencia nos deixem repousar no lugar onde viveu e morreu o melhor dos pais.

É este meu mais ardente desejo!

Fazenda do Monte Himalaya, 6 de Abril de 1893.

O Voluntario (*)



O longe os primeiros tiros de horrivel canhão acabarão de repercutir por toda a parte, trazendo o desolado echo dos infortunios que devião fulminar muitas e muitas familias, sem distincção de pobres nem de ricos.

O inimigo encarniçado avançava destemido, contando com a gloria que lhe promettia o anjo da victoria e confirmava o poder de suas forças; e, assim animado, lançava o grito furioso que despertava milhares de pessoas que, de uma feita, ião vêr desapparecer a paz de seu lar. Em troca d'esse viver pacifico, todo entregue ás labutações da vida, ia succeder o desassocego de todos os momentos, as lagrimas, os revezes...

Sacrificavão-se e soffrião, deixavão os seus, para acudirerem a patria que chamava a si seus filhos para a defenderem e esses filhos, que respondiam a seu supremo appello, corriam com o mosquete na mão, em busca da morte que lhes ceifaria a existancia em meio da planicie fumegante, sem que a mão da esposa ou do filho lhes fechasse os olhos e que um piedoso sentimento acompanhasse os derradeiros instantes d'aquelles que pagavão com seu sangue a ambição dos grandes.

Que importava que aquellas vidas obscuras alli se finassem, se isso podia trazer novas glorias áquelle cujo diadema brilhante resumia as victorias que o destino o fizera ganhar, armando sua poderosa mão?

Diante de Deos, porém, a grandeza se esvae e a gotta de sangue do soberano é igual á do mais humilde servo; e os que desapparecerem na obscuridade têm os mesmos direitos que os que a purpura envolve.

Era com o tumulto da guerra, com as apprehensões para um futuro incerto que, mais longe d'esse centro agitado, em uma encosta dos Alpes, outra scena de consternação na intimidade do lar se desenrolava.

Em uma casa modesta, ao pé de seu chefe, estava reunida uma familia que procurava alegrar aquelles momentos de descanso, o que não conseguia, porque a sombria nuvem do desassocego sobre todos pairava.

(*) Publicado na *Gazeta de Itaperuna*.

Nem a mãe achava mais sua meiguice habitual para corresponder ás caricias do filho que, risonho e nada comprehendendo do que se passava, procurava as distracções que lhe faltavão.

Aquella alegria tão franca, em meio de tanta tristeza, era como um grito discordante que augmentava os temores.

Veiu a noite e tudo socegou. O menino em seu leito descansava tranquillamente, sem que nenhum pensamento lhe perturbasse o somno e elle dormia, pobre innocente. Nenhum presentimento o advertia que o dia seguinte lhe traria lagrimas.

Com effeito, ao despertar, corre a abraçar o pai como de costume, mas não encontra senão a mãe, cujos olhos humidos indicão o soffrimento; ella procura compôr um rosto sereno, para poupar ao filho mais aquelle desgosto.

É tarde, porém; elle tudo viu de um relance e tudo comprehendeu.

Lançando-se nos braços maternos, procura n'aquelle seio amigo um refugio á sua magua e chorão ambos, ambos unidos na dôr, com o mesmo sentimento de saudade por aquelle que talvez o destino lhes roubaria para sempre.

O pensamento da creança e o da mãe, atravessando o espaço, ião encontrar lá bem longe o do ente querido que os deixára para cumprir o dever sagrado que lhe era imposto.

Elle o cumpria como heroe, sacrificando a elle o que tinha de mais caro, o que o prendia mais fortemente á vida.

A honra manda obedecer, mas esse homem, primeiro que tudo, era uma creatura humana e portante fraco.

Que luta não se estabeleceu em seu coração, quando chegou o triste momento da partida, quando, approximando-se do filho adormecido, contemplou-o atravez das lagrimas que lhe turvavão a vista e que arrancava aquelle que alli estava inconsciente do que se passava ao redor de si.

Que luta! Como a alma se despedaça ao deixarmos aquelles que amamos, sem talvez a certeza de os tornarmos a vêr.

Aquelle pai que adorava o filho sobre cuja cabeça depositava todas as suas esperanças, alli estava immovel, sem querer comprehender

a realidade. Soffria e sentia-se fraco diante da innocente creatura que, d'alli a algumas horas, ia chorar a sua falta.

Vacillava entre a obrigação e o poder que o retinha perto d'aquelle leito.

Qual dos dois venceria?

– Adeos, filho, que Deos te proteja, murmurou, depondo um beijo, que lhe levava a alma sentida, sobre a alva fronte da creança, que estremecia com a lagrima paterna que sobre seu rosto cahia, como para testemunhar-lhe quanto aquella separação era triste e como os homens, mesmo os mais valentes, são ás vezes fracos e como se deixam vencer.

– Adeos! Repetiu, e partiu correndo, não ousando procurar mais aquella que sabia que alli perto abafava os soluços para não estristecer o voluntario, fugindo de seu lar, onde a vida lhe tinha sido tão suave, onde até então tinha passado como protegida por um sonho encantador, que ia emfim ter seu despertar.

Elle corria, sem sequer voltar a cabeça para o lugar que lhe custára tanto a deixar, temendo que sua vista lhe roubasse a coragem que o amparára e que por vezes tinha sentido prestes a abandonal-o; mas seu pensamento alli ficava e seu coração levava as sagradas imagens que o ião acompanhar e que o fortificarião nos azares da sorte.

Chegou a distancia do acampamento e alli contemplou por instantes os bravos que se preparavão para a morte.

Não lhes viu os indicios do que elle padecia e, diante de tanta insensibilidade, sentiu-se mais animado para entrar para as fileiras.

Alistou-se como voluntario.

O sacrificio estava consummado; só lhe restava esperar o que a sorte lhe daria. Com os olhos humidos e o coração cheio de saudades preparou suas armas para o combate do dia seguinte; e essa primeira noite, passada no acampamento, debaixo das ordens de um chefe, cuja voz rude e severa, de modo singular contrastava com a voz meiga e suave que ainda echoava em seus ouvidos, não foi mais que um pesadelo que lhe servia de transição entre uma existencia feliz e outra cheia de privações.

Logo ao amanhecer começarão as manobras, os preparativos para a luta, e o voluntario Julio, chegado na vespera, era levado de um lado para outro, acompanhando com docilidade as ordens superiores.

Rompeu o fogo! Os dois exercitos encontrarão-se e o choque foi terrível.

Batião-se com desespero, cada qual desejando a victoria e ambos temendo a derrota. Os canhões vomitavão a destruição, as balas sibilavão e por toda a parte a confusão, o horror e a morte confundião-se para cumprirem a obra de devastação.

Aqui cahia um bravo, alli outro, mais adiante outro e todos, n'essa hora suprema, com as agonias da morte, ainda achavão força bastante para dirigirem um pensamento áquelles que, talvez em tão solemne momento, estivessem pedindo a Deos pelos combatentes.

Já o dia estava adiantado e ainda a peleja continuava indecisa, sem mostrar em qual das duas partes a trombeta da victoria deveria resoar.

Batião-se todos desprezando a fadiga de tão longa luta, disputavão encarniçadamente a honra militar, mas ai dos que defendião o solo natal!

A sorte foi-lhes adversa e, em troca de seu valor, deu-lhes a derrota, conferindo a victoria ao invasor, que audazmente avançava, em sua marcha triumphal, espalhando por toda a parte o terror, o constrangimento e a desolação.

Quantos innocentes não lançou na orphandade, quantas viúvas não fez, privando essas victimas do amparo em que confiavão e que agora desaparecia tão prematuramente.

Com que dôr foi conhecida a noticia da derrota na casa do voluntario Julio, o qual, gravemente ferido por um obuz, achava-se na impossibilidade de seguir seus companheiros.

Sobre a maca ensopada em sangue, soffria o doloroso curativo do medico da ambulancia que, impassivel, parecia não ouvir os surdos gemidos que o infeliz ferido, em sua resignação, procurava conter.

Que lenitivo não seria para elle ter ao pé de si aquelles que amava tanto e que suavisarião seus ultimos instantes, se sua hora fatal tivesse chegado!

O destino é caprichoso e, muitas vezes, tem empenho em ferir os entes mais sensíveis, aquelles que soffrem mais com seus rigores.

Emquanto aquelle extremoso pai alli em um leito de sangue que lhe tinham os grandes preparado, suspirava pelo filho, a desolada esposa chorava afflicta entre o desejo de correr a acudir o ferido do campo de batalha e a incerteza se lhe seria para sempre roubada a ventura de tributar suas apaixonadas caricias ao entesinho que já não podia mais senão murmurar os nomes de – Papae e Mamãe.

Pobre mãe! Que momentos de angustia, que noites terríveis aquellas que passava ao pé do filho, que se debatia atormentado pela molestia que ganhava terreno e que cada vez mais o ameaçava.

Ella chorava e implorava a misericórdia de Deos em favor de um innocente e esse innocente era seu filho!

Pobre mãe! Infeliz esposa! Tudo o que lhe era mais caro no mundo servia-lhe de tormentos para lhe dilacerar o coração que não podia conter mais dôres.

Ella, que amava tanto, soffria tanto; mas é que esse sentimento elevado não se torna divino senão purificado pelas lagrimas.

Ella velava á cabeceira do menino com toda a solitudine de que era capaz seu amor materno, mas foi em vão.

Quando o inimigo mais perto chegou, ella estava só. Deos que lhe dera o filho que ella tanto amára, chamara-o para si no momento em que ella tanto necessitava de seus carinhos.

Acabrunhada, conserva-se na casa fechada, como paralyzada pelo infortunio que a feria, sem animo de ir em cata do marido communicar-lhe e desgraça que os feria a anniquilava.

Elle, embalado por uma esperanza enganosa, acreditava que aquelles, cujos nomes são os ultimos que seus labios descorados pronunciavam ao adormecer e os primeiros que lhe acudiam á mente quando despertava, não deixariam de vir minorar os padecimentos de seu corpo e de seu espirito.

Um dia, entregue a seu constante scismar, procurando representar em seu cerebro enfraquecido as scenas de seu interior, quando todos estavam

reunidos, viu entrar seu chefe e dirigir-se para seu lado. Seu pensamento único lhe fez palpitar o coração e a esperança animou-se o semblante tristonho.

- Amigo, disse-lhe o commandante, não tens mais filho! – e foi adiante, sem vêr que aquellas palavras brutaes tinham tirado os sentidos ao infeliz pae enfermo.

Que dias sombrios de mortal abatimento, aquelles em que o infeliz voluntario, voltando á vida, considerava dolorosamente a vacuo que o cercava. Já não podia ter mais alegrias, já as portas da ventura para elle se tinham fechado.

Adeos, sonhos felizes! Adeos, esperanças enganadoras, que jamais se realizarão! Adeos!

Emquanto elle se entregava a meditações desconsoladas, a musica militar entoava um cantico patriotico para reanimar os vencidos e os instigar no novo combate.

Rufavão os tambores e o pobre voluntario chorava. Chorava seus infortunios, chorava os da patria que perdia.

Uma infelicidade, porém, nunca vem só e aquelles que ella fere devem contar que por mais de um desgosto serão assoberbados.

Assim, esse soldado que se sentia tão só e tão desventurado, ainda ia cahir mais baixo, ainda rolaria mais abaixo no abysmo que se abriera.

As lagrimas que tinha derramado pelo filho, cuja perda lhe fizera sangrenta chaga no coração, agora ião ser derramadas pela companhia que, deixando o mundo, quizera seguir o caminho que lhe apontára o anjo que a precedêra.

Partira coberta de desgostos, morrêra no isolamento, sem ao menos poder dizer um supremo adeos ao fiel amigo que a deixára e cuja lembrança jamais a abandonára.

Estava concluida sua curta peregrinação n'este mundo; o filho que tanto amára descansava para sempre ao pé de si.

Em tão pouco tempo a casa, que a felicidade abrigava, tornára-se o sudario por onde a aza negra da morte roçára, traçando a condemnação de dois entes cheios de vida e de esperanças.

A guerra continuava com todos os seus horrores e cada combate dobrava o numero das victimas.

O inimigo avançava sempre e sempre, reforçando-se com suas victorias e ostentando-se como vencedor no sólo que era tão heroicamente defendido.

Os defensores batião-se; mas sentião fugir-lhes a esperança, vião com assombro approximarem-se novas desgraças, que lhes enlutavão a alma.

Entretanto, não querião abandonar a peleja; tudo farião para conseguir o que desejavão e a ultima gotta de sangue que tivessem seria dada em proveito da patria que, envolta em negro crepe, estendia os braços para seus filhos.

O destino era-lhes adverso e tudo cahiu; de nada valerão os supremos esforços dos valentes soldados que antes querião morrer que serem vencidos.

O desastre de Sedan³⁵ foi a bomba que rebentou e cujos estilhaços voarão por todo o solo invadido, ferindo o coração dos que se entregavão de corpo e alma á causa commum.

Ah! sorte infeliz! Desditosa patria! Já te não restão senão as lagrimas, o opprobrio que te fere e insulta. Tu, a gloriosa entre as mais gloriosas, tiveste tua hora má, tiveste a adversidade que te envolveu e que te precipita no abysmo de infortunios.

Comtigo teus filhos soffrerão.

Mas esses filhos fieis, curvados pela desgraça, hão de erguer-se e com elles tu te erguerás tambem; serás outra vez o que foste e o que serás para sempre. Tornar-te-has poderosa e rica e jamais ninguem ousará insultar-te.

No silencio de lugubre noite os pobres vencidos, reunidos no acampamento, olhavão uns para os outros, sem ousarem dizer quasi nada. O que dirião que não se resentisse de sua tristeza e do odio ao inimigo que os batêra?

Concluida a paz, com que magua voltarão, não podendo ao menos dizer aos corações amigos que, ao pé da lareira os esperavão:
— Fomos vencedores!

³⁵ Próximo à cidade francesa de Sedan, durante a Guerra Franco-Prussiana, ocorreu a Batalha de Sedan com vitória do exército prussiano, em 1870.(N.do E.)

O voluntario Julio, o mais infeliz entre os infelizes, não se sentia com coragem para tomar o caminho da casa, onde fôra tão feliz, onde esperára tanto do futuro.

Lá foi, entretanto, em dolorosa peregrinação, despedir-se dos entes que no mundo mais amára e, se aquelle lugar lhe fôra tão caro, tornava-se depois odioso pela infelicidade que o ferira, allí, onde se abrigava a paz que acreditava jamais o abandonaria.

Partia com o coração dilacerado; não queria ter diante dos olhos o que constantemente lhe lembrava sua ventura passada; não queria ser testemunha da felicidade dos outros, e que seria um insulto ao muito que tinha sido feliz e agora tão baixo, tão decahido por tantos e tantos infortunios.

Partia, levando a imagem adorada dos sêres a quem tinha elevado um altar em seu coração, como a única reliquia que queria que o acompanhasse nas terras desconhecidas por onde iria passear sua dôr e repetir aos ventos os queixumes que ninguem comprehenderia em toda a extensão de seu sentimento. E assim exilou-se o voluntario de 1870.

Deixou a patria por quem combatêra, deixou-a com profundo pezar de a ver vencida e, quando o horizonte, na linha distante, não lhe mostrou mais senão a sombra das plagas nataes, um suspiro sentido voou para o lugar que deixára, como ultimo tributo de um coração magoado.

No tombadilho, em silencioso isolamento, sem receiar o frio, sem sentir o vento do oceano a fustigar-lhe o rosto, o voluntario compunha as scenas de sua vida, representava tudo que se tinha passado e allí ficava abysmado em suas tristes meditações.

Se seus olhos cansados distinguão a primeira estrella que se mostrava ao anoitecer, logo seu pensamento lhe trazia o innocente filhinho, a quem ensinára a contar, servindo-lhe de livro o manto azul coberto de pontinhos brilhantes, para os quaes apontava. E, n'essas lições, dictadas pelo coração, mais aprendia o pae que descobria thesouros infinitos de ternura e comprehendia a munificencia de um Ser Supremo.

Contemplava o céu sem limites, que tantas vezes, entre dois entes queridos, admirára. N'esse tempo elle lhe parecia risonho, parecia

conformar-se com seu pensamento, que era um mundo de promessas de ventura, mas, n'aquelle momento em que se via só, longe de todos e abandonado por todos, aquellas nuvens ligeiras, que passavão por cima de sua cabeça, erão o emblema da felicidade passageira que perdêra.

Oh! saudades do passado, para que fazer reviver o que não voltará mais? para que offerecer o espectáculo do que já foi comparado á realidade presente? Para que esse supplicio, para que esse penar constante?

E o navio corria, perdendo-se entre os nevoeiros que o encobrião; lá seguia seu caminho como a folha que o vento arroja á torrente caudalosa que a leva.

O voluntario, vencido pelos homens, acompanhava attento o longo sulco feito sobre as aguas pelo navio e muitas vezes desejou que aquella espuma, que em milhares de bolhas transparentes rebentava, envolvesse seu corpo que não era mais que o triste despojo do homem de outr'ora.

Levado pelas aguas agitadas, atordoado pelo choque de elementos desconhecidos, seu espirito cessaria seu penoso e constante trabalho. Com elle apagar-se-hia a luz de uma existencia que d'alli em diante não seria mais que uma peregrinação sem alento e sem fé. Elle não seria senão um viajante sem guia e sem amparo, procurando o caminho que nunca encontraria.

O archote divino que o tinha guiado, que lhe tinha illuminado os passos apagára-se; o tufão desapiedado tinha rebentado sobre aquella luz clara que jamais nenhuma nuvem embaçára e com ella morrêra o idolo impeccavel, a quem o peregrino offerencia o encanto de sua veneração.

Debaixo do sol ardente das colonias africanas, as mesmas ideias o acompanharão; por toda a parte dirigiu seus passos sem nunca encontrar allivio a seus tormentos. Quer sobre a arêa ardente, quer na sombra de inculca floresta, nunca a natureza teve poder para distrahir a desolada victima do destino.

N'esse mundo tão grande, n'essa obra tão grandiosa da criação, o que podia elle achar para comparar aos thesouros que forão seus, o que poderia consolal-o dos bens que lhe tinhão sido roubados.

Desgraçado sentia-se e desgraçado havia de ser até ao fim de seus dias; o sorriso, que lhe pudesse assomar aos lábios, seria um pallido reflexo do contentamento de outr'ora, que agora lhe era interdito como uma profanação.

A tristeza seria sua companheira para sempre; não lhe era mais permitido ter uma satisfação que sua alma seria a única a experimentar.

Não! jamais elle queria profanar o sentimento de saudade infinda que o acompanhava.

Partiu para o Novo Mundo, onde arrastaria seus dias até que chegasse sua hora de libertação.

Oh! terras do Novo Mundo, ahí recebestes mais um ente descrente da vida, que procurava um refugio para os males contra os quaes não podia lutar.

Alli estava, pois, o voluntario, o dragão dos combates, vencido e aniquilado em solo estranho, debaixo do céu azul que nunca seu pensamento sonhára; e as vagas que, de encontro áquellas plagas se vinhão quebrar, trazião-lhe o surdo murmurio do passado que se esvaía em sentido queixume, que as brisas lhe repetião.

Ao longe, nas pampas sem fim, se alguém avistasse cavalleiro desconhecido passar, esporeando o docil corseil e desaparecer como uma sombra, sabia logo que era o exilado que fugia de seus semelhantes, como tornando a humanidade responsavel pelos seus infortunios.

O Marujo (*)



S primeiras sombras da noite cahião. Via-se tudo envolto n'essa meia escuridão, precursora da noite, no momento em que a primeira estrella apparece e brilha só, como para chamar suas companheiras que em breve esmaltão a concha azul do céu. Uma leve brisa agitava os ramos das arvores, lançando sobre a terra as folhas seccas que, incapazes de se suster por mais tempo, ião formar o tapete que cobriria o solo que lhes dera a seiva, ou, cahindo em corrente caudalosa ou mansa, irião fluctuando sobre elementos desconhecidos parar em canto ignorado.

N'esse momentos em que se estabelece o silencio, quando os passaros procurão pressurosos seus agasalhos e que tudo falla á alma, ao longe, na estrada que acompanhavão arbustos agrestes, um vulto destacava-se sombrio e só, seguindo o trilho que mais adiante se curvava.

Quem seria que, áquellas horas, em meio do silencio, ousava perturbar a tranquillidade da natureza, quebrando galhos estaladiços e caminhando sempre avante? Quem seria? Ah! quem seria esse viajante, peregrino ou malfeitor que se expunha ao frio em caminho tão deserto?

Não era nem um viajante nem um malfeitor. Era uma peregrina, uma pobre mulher que, cheia de fé, ia á ermida milagrosa supplicar á Virgem para a amparar.

Essa pobre mulher, o dia inteiro tinha trabalhado para ganhar o minguido recurso que a livraria da fome, ella e o filho que, por nada, queria que conhecesse os atrozes padecimentos de quem pede pão e não o tem. Fatigada por um trabalho que seu corpo já alquebrado pelos annos não podia supportar, encontrava, entretanto, forças para fazer aquella longa caminhada.

(*) Publicado na *Gazeta de Itaperuna*.

Compreenderá essa abnegação o coração de mãe que soffre pelo filho que ama.

De que não será capaz a mãe extremosa, para poupar uma lagrima ao ente querido que é seu filho?

Dil-o-ha aquella misera mulher que, embuçada em seu chale preto, o unico que tinha para lhe agasalhar os membros do rigido frio, ajoelhava-se constricta ante a imagem venerada, á qual, entre soluços, ia dizer suas maguas e implorar misericordia.

Que legado sublime é a oração! que doce balsamo essa consoladora derrama sobre o coração que soffre!

O ente afflicto, que se sente sem alento, prostra-se e ora com a fé que o Senhor nos ensinou e logo experimenta o allivio que o reanima e torna melhor. Como é boa essa reacção depois de tempestuoso choque!

Era esse benefico lenitivo que aquella peregrina procurava; e quando, com a mão tremula sobre o altar, acendeu o modesto cirio que trouxera, sentiu-se como amparada por protectora mão desconhecida que sobre ella se estendia.

Brilhava em seu olhar o fulgor de um sentimento divino que a enlevava e tornava mais forte.

Em breve ella veria partir o filho, ficaria só e sempre ao mesmo lugar voltaria para orar pelo ausente. A luz que suas mãos acenderião em intenção sua seria o symbolo da fé que tinha que o destino outra vez, em seus braços deixaria repousar o ente que tantas lagrimas lhe ia custar. Á saudade infinita que, d'alli em diante, seria sua companheira, associaria sempre o sentimento que a dominava n'aquelle santo lugar e que depois a ampararia.

Silenciosa voltou outra vez para a casa solitaria, onde ia esperar, debaixo do humilde tecto o dia que lhe roubaria a alegria, que até então tinha tido; e, no silencio da noite, procurou compor o que se ia passar, temendo a separação, mas entretanto, desejando que aquella má hora já tivesse passado.

Com carinhoso cuidado, ao pé da luz vacillante da lampada, contou as moedas que, com muitas economias, tinha conseguido

ajuntar para servirem ao filho durante a viagem que emprehenderia por terras desconhecidas, sem o abrigo d'aquella que alli perto velava por elle.

Entre seus andrajos procurou tudo o que podia dar algum bem estar ao filho e de tudo se desfez sem pezar, só lamentando que sua penuria não lhe permittisse offerecer-lhe o que elle merecia.

Quem é que, ao sepear-se de um amigo verdadeiro e sincero, não experimenta a necessidade de lhe deixar cahir entre as mãos uma lembrança cheia do perfume da saudade que fica e do pensamento que acompanha aquelle que parte.

Quem é que nunca sentiu esse triste sentimento que produz a separação, o pezar que resta, a dôr que magôa o coração, ao vermos partir o ente amigo que desejaríamos conservar a nosso lado para o cercarmos de carinhos, vivendo a mesma vida, respirando o mesmo ar? Não perdemos parte do contentamento que tínhamos? o bem estar que experimentavamos ao vermo-nos comprehendidos e retribuidos em nossos sentimentos?

Bem ineffavel e jamais assaz exaltado aquelle que permite aos que, unidos pelos laços da familia, podem conservar-se sob o mesmo tecto, sem que nada lhes perturbe a tranquilla paz.

Amanheceu o dia em que o joven camponez ia transformar-se em marujo, em que seu rosto, até alli queimado pelos raios do sol ardente, ia ser fustigado por lufadas de ventos desconhecidos que o tornarião audaz no perigo e intrepido contra a morte que o ameaçasse.

De natureza valente, procurava não se mostrar abatido pelo pezar da partida, esforçava-se por não se deixar dominar pela dôr que lia nos olhos da mãe, que constantemente para elle se voltava, como para lhe perguntar, n'essa linguagem muda que só o coração comprehende: – É verdade que me deixas?

Era verdade! e ella o sentia pela angustia que a opprimia, pelos receios de descobrir nos olhos do filho uma lagrima furtiva, que lhe faria correr o amargo pranto que procurava conter.

Ainda uma vez quiz que a refeição da manhã os reunisse como nos tempos que vivião contentes. Mal tocarão nos alimentos, pois quem, em semelhantes casos, póde ter o appetite habitual?

Levantarão-se e puzerão-se a caminhar silenciosamente, não ousando quasi fallar, tal era o receio que tñhão que uma palavra trocada entre elles lhes viesse mostrar a realidade. Olhãõ para todos os lados, para aquelles lugares conhecidos, testemunhas de sua vida passada e que lhes lembrãõ alguma recordação cara. Procurarãõ compenetrar-se de tudo, gravar na memoria todos os pormenores d'aquelle dia que os via juntos pela ultima vez.

Como tudo se reveste de um sentido significativo em taes momentos e como a alma se abre ás impressões que a ferem.

Caminhãõ; caminhãõ sempre, até que lhes chegou aos ouvidos o longinquo murmurio do mar que resoou em seus corações como o triste lamentar da avesinha que, ferida pela cruel flecha do caçador, pia melancolicamente com a chaga a gottejar-lhe o sangue que a esvae.

Chegãõ, afinal, perto da praia deserta.

Era o ultimo reducto que lhes restava; dois passos mais e alli estava a separação completa com suas lagrimas e pezares.

— Adeos, meu José, que Deos te tenha em sua santa guarda, murmurou a mãe por entre os soluços que a suffocãõ. Lembra-te do lar que deixas, que o sol não se levante um só dia e a noite não te cubra com suas sombras, sem que elevas a alma á Virgem da Ermida e dirijas teu pensamento para tua mãe que orará por ti. Adeos! repetiu ella pela ultima vez e desprendeou-se dos braços do filho que partiu sem poder lutar mais contra a commoção que d'elle se apoderava.

Quando, no navio procurava com os olhos no caminho distante o vulto da mãe, ainda a pôde distinguir, encostada ao tronco de uma arvore que o tufão lascára, a acenar-lhe com a mão, como para levar-lhe um pensamento que seu coração lhe enviava.

Depois o novo marujo subia as escadas de corda para poder divisar o que seus olhos não mais viãõ.

Quando tudo se apagou para elle, quando, fitando o olhar no horizonte rubro, nada mais podia distinguir, curvou a cabeça e

absorveu-se em profundo scismar que lhe levava a alma para a casinha que deixára e que amava tanto.

Alli, no silencio imponente da noite, que cahia, embalado pelas vagas, o triste marujo chorava.

Chorava pela mãe que sabia que tambem chorava e essas lagrimas, inspiradas pelo mesmo sentimento, não cahir aos pés da Virgem, que as recolhia em seu regaço para transforma-las mais tarde em balsamo que cicatrizaria os corações que as derramarão.

Quando bem longe estava o navio, quando o rapaz sentiu-se só, adormeceu vencido pelo cansaço e pelas emoções.

Quando, alta noite despertou e viu brilhar numerosas estrellas, não pôde comprehender o que significava tão estranha scena; só o murmurio da bandeira nacional, a chicotear o vento que a agitava, parecia-lhe o lento e fraco bater das folhas da palmeira que a aragem da noite fazia roçar de encontro á janella de sua casinha.

Como desejava o triste viajante voltar áquella casa tão pequena, tão cheia de faltas que a miseria abrigava, mas que para elle era mais que o palacio onde o fausto e a opulencia se envolvem. Como desejava elle surprehender a mãe e dizer-lhe: — « Secca as tuas lagrimas que aqui estou para nunca mais te deixar! »

Revolvia em sua memoria os annos felizes de sua infancia, via seus amigos de então que mais tarde o destino dispersára, via a mãe que, ainda joven, o levava ao collo, antevia na penumbra de annos mais recuados o rosto meigo e sympathico de seu pae, que, cedo demais, a morte colhêra, privando-o d'esse amparo seguro e bom.

Quantas saudades, quantas recordações se levantavão em seu coração para protestarem contra a sorte que o levava para tão longe dos lugares queridos que nunca apreciára tanto como n'aquelle momento em que se achava privado de sua vista.

Como se lembrava das noites pacificas em que trabalhava até tarde, adormecendo depois com a tranquillidade na alma e a satisfação que não o fazia ambicionar outra posição.

Um dia, porém, tudo mudou; não podia continuar aquella vida que resumia o que seus modestos desejos então sonhavam. Era pobre e nem sempre tinha o necessario, mas considerava-se feliz e era-o.

Quando, no horizonte sem limites mostrarão-se os primeiros raios do sol, illuminando as ondas agitadas que brilhavam como um vasto lençol esmaltado de pedras preciosas, o marujo ergueu-se e, diante d'aquelle espectaculo imponente pela natureza offerecido, elevou a alma ao Creador e dirigiu para bem longe seu pensamento, saudando no fundo de seu coração o querido tecto que deixára, no primeiro dia que passára fora de seu abrigo e que via levantar-se o sol em outro lugar que não os campos, cujo solo tantas vezes pisára.

O navio caminhava sempre, ganhando distancia e longe ia dos sitios que recebem os suspiros do exilado.

Emquanto o filho fazia sua aprendizagem, o que fazia a desolada mãe, que voltára só para a casinha tão cheia de recordações do ausente?

Voltou triste e, ao chegar á sua porta, não ousava entrar. Não tinha para sempre desaparecido d'alli a doce alegria?

Ah! saudades infinitas! amarga dôr da separação e do isolamento!

Como é triste a pergunta sem resposta: – Onde estás? – pergunta, a que nem o vento que, inconstante, visita todos os lugares, pôde responder, pergunta que dilacera a alma sensível, que se entrega ao pungente pranto que a separação arranca.

Onde estava o filho, por quem suspirava aquella mãe que se conservava immovel no limiar da porta, escondendo o rosto entre as mãos que tinham lançado sua benção sobre a cabeça do ente que lhe occupava o espirito.

Nem a noite que vinha conseguiu tiral-a de sua meditação.

Para que o repouso?

Não estava o filho talvez exposto a qualquer perigo na vastidão immensa das aguas, que lh'o poderião roubar para sempre?

Ah! chora, pobre mãe, que as lagrimas alliviam o coração que as reprime, não concentres a magua que sentes, que mais infeliz serás ainda.

Depois, debruçada sobre o leito vasio, baixinho chamava pelo ausente que não lhe respondia e cuja imagem se apresentava diante de seus olhos.

Passarão-se os primeiros dias tristes e lentos, correrão os mezes, forão-se os annos; e a mãe, cada vez mais alquebrada, continuava a trabalhar, a revolver a terra fecunda que lhe daria a abundancia, esperando o filho, por quem muitas vezes a Virgem da Ermida recebia uma prece ou uma luz pequena e clara que, durante noite sombria, a illuminava.

O marujo que, ao partir, chorára, com o tempo tornára-se valente, affrontava com intrepidez o furacão medonho que, balançando a embarcação, lançava-a de um lado para outro, como insignificantissimo juguete para sua força.

Depois, encapellando as vagas espumosas e levantando-as em montanhas immensas fazia estremecer os que, entregues a seu furor, não tinham senão o nome de Deos para seu amparo.

E para tornar mais sombrio tão triste espectaculo, alli estava o céu coberto de nuvens negras que os repetidos relampagos rasgavam.

A mocidade, porém, de muita vale; aquella que se fórma entre os perigos e as lutas torna-se mais audaz e o homem que apresenta é rigido, recuando raras vezes ante as difficuldades que lhe possão tolher o caminho. Como os Titans sempre a trabalhar, identifica-se n'essa grandiosa força que difficil é de combater.

Muitas vezes o sol levantou-se e, seguindo sua carreira, ia esconder-se no horizonte que abrazava, muitas vezes illuminou aquellas aguas movediças que o marujo contemplava, e, quando a noite se estendia sobre sua cabeça, quando adivinhava-se ao longe a pallida claridade da lua, subindo as enxarcias, entoava um cantico que lhe lembrava sua terra. Cantava com o sentimento que lhe dava a viva saudade de sua mãe, cantava como se a brisa que, por seu rosto roçasse, fosse repetir-lhe esse cantico que lhe levava a alma; e a voz suave do adolescente, confundindo-se com o murmúrio das ondas,

trazia-lhe aos olhos lagrimas que lhe rolavão sobre as faces, como a expressão do que sentia seu coração.

Um dia, ao despontar da aurora, quando ainda os nevoeiros envolvião a embarcação, puderão divisar um ponto distante que, tornando-se cada vez mais saliente, fez irromper de todos os labios a exclamação de – Terra!

Era com effeito a terra que apparecia aos olhos ávidos da tripolação que, jubilosa, a saudava.

Ião todos afinal ter o goso de pisar de novo o solo firme que lhes recordaria outro mais caro que tinhão deixado.

O marujo José, com a ambição que o incitava sempre, desejo de vêr novos lugares e ainda mais de conquistar, á força de trabalho, um pequeno thesouro que melhorasse a sorte de sua mãe, outra vez embarcou.

Em um navio de pesca expoz-se ao mar, perseguindo a inconstante Fortuna que, ao longe, acenava-lhe, animando-o para continuar na luta que comprehendêra.

Elle, consciente e cheio de esperanças, proseguia seu caminho.

Lutava; mas essa luta tinha um fim nobre e bom que o tornava digno a seus proprios olhos, que o engrandecia e fazia crear sempre coragem para caminhar avante.

Entretanto, quando chegarão á uma ilha, para elle desconhecida, onde só via os preparos do commercio da pesca, onde só pescadores ião de um lado para outro, quer preparando o peixe, extrahindo azeite, quer limpando barbatanas, como se sentia fóra de seu centro habitual, como lhe faltava alguma cousa n'aquella atmosphaera que não lhe trazia o perfume são das selvas nataes.

Era preciso trabalhar e não esmorecer na tarefa que o destino lhe impunha.

Lançou-se, pois, ao labor de todos os dias, vencendo com difficuldade, a repugnancia que lhe inspirava o lugar.

Quando o trabalho lhe deixava inteira liberdade, por entre os rochedos agrestes corria, subia as elevações escarpadas, procurava

o perigo que o incitava e depois, cansado d'aquellas caminhadas, ia além buscar o repouso, mas esse repouso, que descança não só o corpo como a alma.

Ao longe, ao pé de fragosa rocha de ponta alcantilada, onde o mar se vinha quebrar, rebentando as ondas de encontro ás pedras, allí, passando o o olhar do horizonte ás vagas, ficava entregue ao scismar que lhe embalava a alma.

O que se passava em seu pensar, que idéas se debatião n'aquelle cerebro onde a mão da instrucção poucas luzes tinha lançado?

Elle tinha as proprias luzes da natureza, tinha apprendido a comprehendel-a contemplando-a sempre e entregando-se a ella com toda a confiança. D'essa contemplação muda que extasia a alma, tinha resultado o amor profundo pelas obras do Creador.

Sentia paz intima quando se entregava á meditação; parecia-lhe conquistar o mundo que se resumia no immenso panorama que seus olhos vião e no scenario que sua imaginação lhe mostrava.

As paixões ainda não o tinham ferido, não sentira ainda a flecha ervada do odio que lhe deixava o coração em inteira liberdade.

Sobre um rochedo á beira mar, estava só, quase isolado completamente, mas com a esperança n'alma.

Sobre ruinas á beira mar tambem esteve Mario.

Mas que singular e irrisorio contraste entre esse filho das selvas e o guerreiro vencido que, de braços cruzados, com o olhar fixo no oceano, relembrava seus feitos e sua decadencia, a exprobração que da patria o acompanhára.

Mario fugitivo! Mario infeliz! nem sobre as ruinas da cidade, que sua patria vencêra, pôde encontrar um refugio contra o odio dos seus, contra a má estrella que o guiava. Aquella cidade destroçada, elle, infeliz e decahido, erão duas victimas grandes em seus desastres, lamentando-se perante a historia que lhes faria justiça.

Paz ao guerreiro vencido! esquecimento ao transviado! sobre o penhasco pelos tempos batido, um batalhador apparece, não

o batalhador que carece do auxilio de poderoso canhão, mas o verdadeiro batalhador, aquelle que se esforça para sahir vencedor na grande luta da vida.

Ouçamos o poeta que nos inspira.

..... Do oriente
 Ao poente, na orbita prescripta
 Vai seguindo, escrutando o rumo vazio
 D'esses lumes do immenso lampadario.
 Aos ventos que lhe trazem os perfumes
 De não sabidos páramos distantes;
 Ás ondas que, em monotonos queixumes,
 Sabem fallar aos rudes navegantes
 Exóra que afugentem os negrumes
 Que lhe ennublam as vistas penetrantes,
 E ondas, astros e ventos, á porfia
 Repetem-lhe, passando: Vai! Confia!

Sim, sêde confiante e caminhaí sempre avante, que digno é de sympathias aquelle que obedece ao dever, alheio ás paixões que amargurão a vida.

Muito tempo se passára desde o dia em que o joven camponez José, abraçando sua mãe pela ultima vez, transformára-se em marujo. Tres longos annos se tinham interposto entre aquellas duas phases de sua existencia e agora que, em parte, tinha conseguido o que desejava, ia emfim voltar á patria, ia de novo achar-se nas varzeas paulistas, onde o olhar se perde e que adestrados cavalleiros atravessão, ao vertiginoso galope de bem ajaezados corseis.

Sentia-se reviver com a lembrança de sua terra, d'essa terra tão exaltada, que os poetas cantão ao mavioso som da lyra, que para ella tem accordes especiaes.

Debaixo dos coqueiraes, que repetem os gemidos da brisa ou nas florestas immensas e gigantescas da patria, iria entoar novos canticos, que se elevarião como o hymno sincero de quem se prostra reverente e agradecido ante os bens que sua alma recebe.

Reapparecei, céu do Cruzeiro, estendei sobre a cabeça do exilado que volta vosso incomparavel manto estrellado; ouvi seus transportes, mostrai-lhe vosso esplendor.

Chegou o marujo, e, ao pisar de novo o solo natal, elevou a alma a Deos para agradecer-lhe a realização de seus desejos. Voltou cheio de esperanças no futuro, trazia em seu coração supremo alento.

Regressava dominado por doces sentimentos, pelo contentamento que lhe illuminava o rosto que já não era mais o do camponez de outr'ora, esse contentamento, que não ha palavras que expressem bem, que se traduzia em um suspiro de allivio, no amplexo que sellava as innumeradas saudades que no espaço se tinham cruzado e no murmurio que as lagrimas da alegria deixavão vir morrer nos labios d'aquelle que se sentia feliz: — « Mãe, aqui está teu filho! »

Ah! ventura infinda!...

Naufragio (*)

A SEU zenith havia tocado o sol quando, ao longe, no mar sereno, desenhou-se com incerteza vulto mal percebido que, vencendo distancia, tomou fôrma e mostrou-se o que era. Embarcação oscillante em magestosa solidão, batendo as vagas calmas, seguia caminho direito, deixando após si o sulco movediço que em breve desapareceria. Corria sempre e sempre a demandar o espaço, até que emfim sumiu-se no horizonte infinito onde o céu se confunde com o oceano.

Já das casas solitarias de perto da praia o olhar fito além não podia mais divisar o barco que por alli passára e o marujo tranquillo que, nas enxarcias embalava-se scismando, não avistava mais o que um instante lhe fizera estremecer o coração, lembrando-lhe o canto ignorado onde sua alma conhecêra a profunda e singela poesia pela qual suspirava.

Fugia a embarcação; e ás rochas desconhecidas e planicies sem fim que pallido areal encobria, enviava o carregado fumo que vomitava sem cessar, como para dar um indício de vida a essas immensas plagas ou escabrosos rochedos, onde nada se movia para dizer que la tambem o homem trabalhava. Só a mão de Deus alli lançára seus inextinguíveis prodígios, só o que era obra sua tinha vida, só o que emanava directamente de seu poder se manifestava em tão deserta região. Por isso, aquelle fumo negro, enovelando-se em turbilhões desordenados, ia despertar o tranquillidade somnolenta que abrigava o abutre que, sobre o granito secular, erguia-se para dardejar olhar de desejo às vagas que se quebravam de encontro ao antro onde se escondia seu ninho. Mas as vagas batiam e recuavam com surdo murmurio, sem trazer-lhe com que mitigar a fome dos filhos e saciar a voracidade que lhe inflamava a colera.

Longe ia o navio que perto de suas garras estivera, como para lhe offerecer faustoso pasto; só o vulto apagado dos mastros no horizonte

(*) Publicado no *Monitor Campista*.

a ameaçar o céu e uma nuvem esbranquiçada a estender-se no espaço. Abutre, ave de rapina, perdendo a esperança de satisfazer o desejo que a natureza impõe, faminto e triste, abriu as largas azas e voou á procura do desconhecido. Para todos os lados dirigia seu olhar penetrante para descobrir alguma cousa.

Nada! nada se mostrava á sua voraz ambição, nem mesmo o peixinho prateado que as ondas compadecidas poderiam ter arrojado á praia esteril que tantas vezes percorrêra em dias mais felizes e proveitosos. Esvoaçando lentamente, de novo pousou no pico de onde partira, e, piando melancolicamente ao ouvir o agudo gemido dos filhos, para o ninho foi-se com a fome devoradora a aguilhoal-o desapiedadamente.

Que tormentos, que pezar lhe dava a fagueira visão que por tão perto passára, que desejo de ter força bastante para seguir a embarcação e disputar áquelles que tudo tinham o minguido sustento que lhe faltava!

Era tarde! suas garras afiadas não podiam apossar-se do que lhe não pertencia, nem seu bico recurvado sugar o sangue quente e palpitante do marujo que nas cordas lhe dirigira innocente desafio. Entre aquellas cordas que se cruzavam, elle não era um Prometheu a offerecer-lhe entranhas sempre renascentes para supportarem o fabuloso supplicio; era livre e sua liberdade servia-lhe, para a contemplação do que via, para interrogar o horizonte que já não conservava a limpidez dos dias passados.

Quando o sol já adiantado seguia seu curso, vagas nuvens passageiras, quaes sombras fantasticas, atravessavam o céu e desapareciam, à medida que outras mais compactas vinham vindo. Em breve, tornáram-se de mais a mais carregadas e, offuscando a brilhante claridade do sol, desenhavam negros listrões que sinistros se afiguravam. De subito estrondoso trovão rebentou, clarões fulgurantes rasgaram as nuvens e o vento impetuoso a soprar parecia querer varrer do céu as medonhas sombras que, convulsivamente, entreabriam-se para mostrarem o brilho phosphorescente que encobriam.

Sumiu-se a paz; e em seu lugar ficou o pavoroso espectáculo do furacão a levantar em montanhas desordenadas as ondas bravias, qual

combate atroz entre monstros que o mar em ancias vomitava de seu seio, onde encerrava o terror e a devastação.

Lutavam com furor e encarniçadamente se lançavam um contra o outro, medindo suas forças gigantescas, quando sobre seu dorso rebentavam em milhares de bolhas os vapores que os instigavam. De novo voltavam a seu leito espumante para de novo se alçarem e, mais medonhos ainda, atirarem-se ao combate.

Horror! não bastava essa luta desenfreada; as vagas mal contidas no espaço marcado atiravam-se irrequietas sobre os escolhos desertos, aos quaes arrancavam a vegetação que, açoitada, não podia resistir e para as praias distantes e desconhecidas levavam os destroços desapiedadamente roubados. Não! não bastava esse medonho espectáculo do mar em luta contra si mesmo, porque para acompanhá-lo em seu sinistro concerto o céu allí estava carregado e terrível: o sibilo do vento, o estrondo dos trovões, o movimento constante dos coriscos, tudo se confundia para gelar de horror o ser humano, victima da impetuosidade dos elementos.

O navio veloz que, sobranceiro seguia seu rumo, em meio de tão grande desordem, balançava-se como juguete imbelles em mão de poderoso gigante. A tripulação horrorisada não podia sequer encarar o perigo ameaçador quando, depois de balanço inconcebível, audaz vagalhão lhes rebentava aos pés e o tufão sibilante em repentes lhes cortava a voz.

Em vão seus olhos afflictos para o céu se volviam; já lá não encontravam a placida serenidade de quando o imploravam. Só os relampagos a cegal-os, só o sombrio effeito do desespero a obrigar-os a se fecharem apavorados.

O tufão temível a acosar a embarcação com repentino estalo lascára os mastros, tirára-lhe o leme e, balançando-a de encontro a perigoso escolho, destruíra-a com a rapidez que só a imaginação póde comprehender.

Desolados e sós fluctuavam sobre as aguas agitadas alguns destroços do navio que, de tão longe, viera, abrigando a confiança

daquelles que, de uma terra para outra, seguiam o caminho da sorte. De longe em longe emergindo daquelle quadro de tristeza, um corpo humano debatia-se com desespero, procurando vencer a violencia do mar que o assoberbava, atirando-se com todo o vigor de que era capaz, tão medonho se lhe affigurava o desastroso fim que antevia.

A noite cahia, a tempestade serenava-se, as ondas amainavam-se; e, quando as primeiras estrellas mostraram-se no firmamento, sua abobada não conservava mais vistigios de tão terrivel luta; tudo se tornára calmo e sereno e a lua em pleno brilho de seu corpo arredondado, illuminava com tenue clarão o lugar onde horas antes só gritos de desespero, clamorosos gemidos, supplicas ardentes despertavam o echo distante que tão depressa se aquietára.

Aquelle luar tão claro, aquella placidez das vagas, que contraste! que derisão para os que, exhaustos, tinham abandonado o combate, entregando-se ás aguas que os envolviam.

Horror! infortunio! n'aquelle momento em que a natureza se revoltava, em que tudo convergia para um unico fim – a destruição – que desconsolo para os entes abandonados que, em supremo instante, volviam o pensamento para os seres que havião deixado! Já não tinham mais a feiticeira esperança a acalentar-lhes o espirito, já este anjo protector para longe tinha voado, deixando em lugar de seu sopro bemfazejo o desespero e o desanimo a impellil-os para sua ruina.

Passou-se a noite, e quando a alvorada, colorindo o horizonte, enrubesceu o céu, os primeiros raios do sol illuminarão sobre a praia nua alguns dos que, na vespera, tinham combatido entre a vida e a morte.

Quatro naufragos sobre a arêa clara conservarão-se immoveis e cançados, a scismar na desgraça que para alli os arrojára. Mais longe ainda, sobre ingreme rochedo, debruçado sobre lage natural, um ou outro infeliz contemplava o scenario onde recebêra choque tão cruel.

Abrigando a vista com a mão tremula, interrogava o horizonte rubro, procurava descobrir na vasta immensidade do oceano traidor, uma leve sombra que lhe trouxesse a esperança para lhe fazer um

aceno, para lhe aquecer o coração ferido. Em vão para todos os lados dirigia seus tristes olhares; nada vinha interromper a uniformidade do horizonte infindo, nada lhe vinha suavisar as maguas, nem fortificar-lhe o espirito que o frio da morte bafejara.

Pobre desventurado! apegava-se á illusão, á esperança que, por vezes, o abandonára.

Passou-se o dia, longo como uma eternidade, monotono como o piar do mocho agoureiro; voltou a noite, tranquill e clara, succedeu-lhe dia formoso e limpido.

— Ah! exclamava o triste isolado, naufrago que as ondas violentas arremessarão sobre deserta rocha, tambem sou naufrago da vida, porque, para mim, tudo sossobrou quando o futuro risonho se mostrava a meus olhos encantados, quando me parecia estar prestes a ter entre as mãos a felicidade ambicionada. Sonhos fagueiros, encantos passados cedo de mais esvaídos, sem que meus labios avidos pudessem um instante sequer tocar a taça dourada da fugitiva ventura que por minha frente passou.

« Estrellas scintillantes, não vejais meus tormentos, aguas tranquill, não ouçais meus gemidos; brisa indiscreta, não conteis meus males que a vós não confio e só a Deus confesso!

« Sobre esta rocha sem abrigo contra a sorte, em meio de um penar continuo, arrojado para o infinito meu olhar cansado que não encontrará mais, na aridez que me cerca, o oasis que um instante antevi e que depois desapareceu para nunca mais voltar.

« Sei que não voltará; e meu coração disilludido não procurará mais o caminho sonhado; victima docil, seguirá o embalo do destino.

« Neste momento em que tudo para mim desaparece, em que tudo foge: visões de ventura, esperanças no futuro, ao oceano fremente confio a mensagem que sobre este penhasco minha alma me dicta. Permitta Deus que ventos favoraveis a outro hemispherio a levem e lá embalsamando-a com perfumes novos, a deixem cahir em lugar conhecido e se fôr ouvido o voto que, diante da solemnidade imponente

da natureza, debruçado faço, terei ainda a calma que será o único lenitivo que mais ardentemente desejo para meus martyrios de naufrago.

« Não murmureis, ondas batidas; não digais nada, brisa infiel; não conserveis meus queixumes, pedras que o musgo cobre!

« Ide-vos, suspiros meus, que mais leve se tornará meu coração; quero ser forte para não desfallecer quando a sorte me ferir.

« Já meus olhos fatigados com custo se voltão para esse horizonte encoberto que tantas vezes consultei, não me apparece ao longe o leve batel que me ha de salvar da morte que aqui me espera.

« Longe de mim, na baixa encosta que para a praia se volta, meus semelhantes tambem soffrem os mesmos tormentos de naufragos; para elles, resta mais consolação, filha da tranquillidade generosa que a mim offerecem, fazendo para isso um sacrificio grande e nobre como sua alma boa.

« Já a noite cahe e em breve custarei a distinguir o termo apagado das vagas. Aqui me entrego a Deus, unico senhor que me póde proteger, envolvo-me em sua santa graça e, se o dia de amanhã não me der paz de espirito, é que tal devia ser meu destino. »

Calou-se o desditoso naufrago; e a viração que passava só levou um debil murmurio de sua voz que se extinguia com os ultimos lampejos da claridade do dia.

Noite silenciosa de agonia lenta! só o ardor de um coração a palpitar de encontro ás humidas ervas agrestes que se dobravão para formarem o frio leito de um ser humano! Emquanto o sólo recebia o sopro quente de sua respiração arquejante, as estrellas no céo brillhavão sempre e a lua, como celestial archote, aclarava aquelle reducto de tristeza e de lagrimas.

Apagava-se a esperanza, que alentava os naufragos que, transidos e com o desespero na alma, não se animavão mais a interrogar o futuro que para elles tinha desaparecido.

Morte horrenda! sorte cruel!

Talvez, quando o sol pela segunda vez aquecesse aquelle sitio deserto, seus corpos não fossem mais que o triste despojo dos entes que as vagas enfurecidas tinhão lançado sobre a praia; e quando o frio

da morte tivesse gelado seus membros já enfraquecidos, talvez tivessem pasto as aves que ao longe esvoaçavam. Com rapidez rasgariam suas carnes e victoriosas insultariam a força humana que tinha perecido.

Não! a dôr tinha chegado a seu paroxysmo, a sorte adversa estava satisfeita; para que proseguir em seu martyrio e fazer trasbordar a taça de amargo fel?

A alvorada lentamente vinha invadindo o céu e todas as estrellas, quaes fugitivos lumes, ião desaparecendo; só uma, radiante e bella, conservava-se ainda cheia de fulgor e de promessas.

Era a estrella dos naufragos, dos que já não crêm mais; e, quando por sua vez, tambem desapareceu do céu, no horizonte surgiu a esperança a impellir veloz navio, que, ás garras da morte, vinha roubar os infelizes naufragos.

Christovão Colombo (*)



O longe ainda se ouvia o surdo embate das armas que se cruzavão, o estrondo impetuoso dos tiros entre os valentes soldados que o estandarte da fé guiava e os feis que, na sanha de suas paixões e impellidos pelo desejo ardente de conservarem a posse do terreno de que se tinham tornado audazes senhores, batiam-se com o valor que lhes inflammava o peito.

Luta encarniçada entre povos que as crenças separavam, sectarios de religiões differentes que lhes instigavam os animos, tornando os fortes contra os perigos; para elles a fome, os revezes, lagrimas e miserias desapareciam ante o sentimento que os levava sempre avante, promettendo-lhes a victoria almejada.

Boabdil³⁶, nos campos de Granada, com a espada em punho, chamando por Allah, na peleja se arremessava como o leão furioso que sobre sua presa se lança. Batião-se Mouros e Christãos, batião-se com desespero; e quando o sol, descanbando no horizonte, dardejava seus raios avermelhados sobre a planicie onde o fumo se extorcia, cessava a luta porque a victoria, até então indecisa, estendendo as azas, viera envolver em sua rutilante e transparente aureola o estandarte em que uma cruz pequenina, symbolo de mysterio profundo, oppunha seu magnetico poder ás forças inimigas.

Victoria! victoria! entoavão em delirio os hymnos que ao céu se elevavam e cujo echo ao mesmo tempo repetião as egrejas.

Victoria tão disputada que os clarins a todos annunciavão!

Quando no Alhambra³⁷ riquissimo o chefe mouro, olhando pela derradeira vez para os obeliscos e leões de marmore silenciosos, em

(*) Publicado no *Monitor Campista*.

³⁶ Boabdil (1460-1533). Rei de Granada, último território muçulmano na Península Ibérica do século XV, foi expulso pelos castelhanos sob o reinado dos reis cristãos Isabel de Castela e Fernando de Aragão, no ano de 1492. (N. do E.)

³⁷ Fortaleza e palácio do Reinado Árabe, no século XV, em Granada, na Espanha. (N. do E.)

meio de um brilho que só o Oriente antevira, por suas faces contristadas uma lagrima de pezar e despeito lentamente rolou, como ultimo adeus aos lugares, onde sonhára estabelecer suas forças.

O christianismo era vencedor!

Cessaram os clamores da batalha e só gritos de alegria interrompiam o silencio da natureza, só as fervorosas preces, em acção de graças, davão novo alento aos corações maguados que não ousavão abandonar-se á doce paz que os invadia.

Em meio de murmurio tão grato a todos, um vulto desconhecido passava, esqueirando-se como temendo que alguém o detivesse em seu vagaroso caminhar. Seguia sempre em compassada marcha, lentamente, como a sombra de Dante³⁸, até que enfim parou; e, retirando o pesado manto que lhe encobria as formas, encarou o horizonte cujo fogo se apagava; e, scismando se conservava absorto em ideias que lhe illuminavão a fronte larga em que a intelligencia brilhava.

Sobre a relva ainda quente, em um transporte de satisfação, de joelhos exclamou: – Sêde bemdito, oh! Deus poderoso, que haveis livrado vossos filhos do jugo dos que não comprehendem as leis que nos destes e que o Martyr do Golgotha nos ensinou. Seja para sempre louvado o dia de hoje, a aurora que saudou uma terra livre, libertada do invasor que jamais ousará, neste solo christão, ostentar o insulto de sua presença odiosa! Sede bemdito Deus de misericordia!

Calou-se o desconhecido e, errando em tão solitario ermo, parecia acompanhar o pensamento continuo que se manifestava pelo fulgor de seu olhar investigador, o qual traduzia as agitações de sua alma. Nem a noite que vinha vindo, nem o contentamento geral que os ares enchia distrahião seu scismar.

Ah! scismador silencioso, que ideia te occupa a mente para que nada vejas do que te cerca, para que não ouças alegres rumores, para que não te interesses aos motivos tantos que deveriam satisfazer-te? O que te escurece a fronte ou illumina-te o olhar, quando, voltando-

³⁸ Dante Alighieri (1265-1321). Poeta italiano, autor do épico “A Divina Comédia”. (N. do E.)

-te para o horizonte ou para a massa distante da cidade, onde se desenvolve o brilho de uma côrte christã, pareces ouvir uma voz que te murmura canticos ignorados?

Não, não te voltes que a inspiração bafeja-te a fronte sulcada pelo constante bater do pensamento que te persegue, e se em teu coração encontras um soffrimento que te faz penar, busca em teu proprio soffrimento a resignação de que careces para venceres o futuro.

Se procuras conquistar venturas, espera que a ventura é inconstante e, lutando sempre e com constancia, terás talvez um pallido sorriso do que desejas, unico bem que poderás alcançar do que audazmente sonhas.

Não era uma alma condemnada que por allí passava; era um grande homem a scismar, a lutar comsigo mesmo para vencer a barreira que se elevava diante das ideias que o assoberbavam, ao reconstruir sempre o plano magestoso que formára e que a adversidade tantas vezes destruiu.

Como Moisés que, sobre alteroso monte, ouvira a voz divina dictar-lhe as leis de seus povos, assim aquelle peregrino scismador ouvia a voz de sua alma, confundindo-se com a que lhe vinha murmurar promessas futuras, tão ardentemente desejadas. Com paixão sempre renascente apegava-se ás doces illusões que o afagavão e quando, prestes a lhe fugirem pareciam abandonal-o, o lutador não vencido fortalecia-se em sua propria crença, na fé que o mantinha e com esse alento vivaz que encontrava sentia-se reviver a doces esperanças.

Luta cruel estabelecida no mesmo peito! Momentos de tristeza sem fim, aquelles em que todos os corações recusavão sua sympathia ao que tanto carecia della.

Não! tudo vai desaparecer, infortunios, miserias, incredulidade, uma visão inspira o homem solitario. – Ouçamol-o!

« Exhausto pelo longo caminhar nessa estrada que tenho percorrido, na qual meus pés cançados têm deixado a impressão de seus passos, cheguei a um lugar silencioso, triste como meu coração que repete em segredo o que os meus labios não ousam proferir. Os

incredulos que me cercam nada vêm do que meu espirito, atravez do espaço, procura, além, em regiões, onde a magnificencia da natureza se ostenta em todo o esplendor da criação.

« Aos ambiciosos, aos cortezãos, que a opulencia deslumbra, prometti o ouro que os seduz; fiz brilhar diante de seus olhos a imagem fagueira das riquezas natureas que Deus dá nos lugares illuminados por eterno sol que doura os campos sem fim; aos principes christãos, offereci novas possessões, onde a palavra de Christo em seu nome seria levada.

« Tudo fiz, tudo prometti e nada tenho conseguido.

« Aos doutos confiei minha ideia que, discutida, foi considerada chimerica.

« Ah! chimera! tal é a vida em que tudo desaparece, em que tudo falha sem jámais termos certeza de nada!

« Fugi para longe, pensamentos maldictos que me atormentais, não me queimeis mais meu coração que já não póde conter as dôres da disillusão; ide-vos, que chorarei só ao pé desta arvore que me encobre, não darei aos que me perseguem com seu cruel escarneio o triste espectaculo de minha magua que só deve ter por testemunhas o céu que me ouve e a terra fria que recebe meu pranto.

Injustiça! ingratição! bradarei sempre; e, retirando-me sob a pesada sombra de um claustro, procurarei esquecer os tormentos da vida.

« Passou-se minha mocidade; agora que meus cabellos alveijão e eu esperava ver coroado o desejo que me atormenta o coração, é que se escapa a estrella que me tem alentado.

« Marchena!³⁹ Marchena! para que me impelliste para a frente; para que me lançaste nesta côrte, na qual não ha lugar para o peregrino estrangeiro que mendiga o pão da esperanza e implora a protecção daquelles que, por laços sagrados, reunirão duas poderosas corôas? De que serve o fogo que me abraza o peito, quando a adversidade se antepõe entre elle e o futuro?

³⁹ Frei Antonio de Marchena. Frei franciscano, religioso do Mosteiro de Santa Maria de La Rábida, na Andaluzia. Nesse Mosteiro Cristóvão Colombo ganhou acolhida e apoio aos seus planos empreendedores de navegação e conquista. (N. do E.)

« Marchena! para que não me disilludiste, tu, espirito puro e sabio, quando me offereceste agasalho e me deste tua amizade?

« Rancor, inveja, ingratidões, tudo tenho experimentado; todas as promessas, que a meus ouvidos têm sido feitas, são falsas; tudo tem cahido como a leve folha que a fria brisa de outono sobre o solo arroja.

« Já não posso crêr, já não ousar esperar!

« A meus descendentes não legarei senão um nome obscuro, coberto de opprobrios; serei tido por todos como um visionario e se a posteridade um dia gozar dos bens que lhe offereço, não se lembrará que, em tempos longinquos, o humilde filho de um cardador de lã procurára dar á Castella e a Aragão o fructo que produzira uma longa meditação, durante muitos annos, ao contemplar as vagas mansas ou furiosas que se quebravam de encontro á riba, onde scismava ao pôr do sol ou ao despontar da aurora.

« No esquecimento dormirá minha memoria e, quando o tempo tiver passado, se alguém invocar um nome já apagado, só um sorriso de desdem e de escarneo cobrirá essa recordação.

« Desejo ardente tive de lançar-me sobre o oceano e, tão pequena que seja minha força, lutar sempre até chegar ás terras sonhadas, vencer a violencia dos elementos, caminhar avante, tendo por egide a graça de Deus que me ampararia diante do perigo e á borda do abysmo para o qual a ignorancia humana estivesse prestes a me precipitar.

« Seria incessante meu trabalho e como os Cyclopes⁴⁰ sempre a martellar, ganharia o futuro, venceria o presente. Estaria completa minha missão; e, quando minha hora derradeira me advertisse que, diante de um Juiz summamente bom, minha alma peccadora teria de comparecer, eu me despediria do mundo sem pezares e sem lagrimas, se commigo levasse uma consolação, a que deveria ser o resultado do trabalho que me recusam.

« Não são honras nem glorias que ambiciono; não é o brilho enganoso do ouro que me seduz, porque nasci pobre e quero morrer

⁴⁰ Gigantes imortais da mitologia grega. Com um único olho no meio da testa, eram descritos como ferreiros que forjavam as armas dos deuses. (N. do E.)

pobre e honrado, tendo conseguido unicamente glorificar a Deus e espalhar seu nome.

« Christo! o supremo desejo de um peccador que se humilha perante vós, é resgatar suas faltas como a Magdalena penitente que, com suas lagrimas de arrependimento, vossos pés lavára. O que minha alma hoje pede é livrar o Santo Sepulchro dos infieis, abrir esse santuario de vossa sagrada paixão á veneração de vossos filhos.

« Empunhando em uma mão a espada e na outra vosso estandarte, reuniria em torno de mim as turbas crentes e o exemplo de vosso martyrio seria a estrella que nos levaria, tal como a que guiou os Magos que forão adorar vossa humildade.

*
* *

« Tudo se apagou, só a escuridão da desesperada incerteza a envolver-me, só o frio de minha dôr o atormentar-me a existencia.

« Fatigado e descrente á uma arvore encostei a cabeça, procurando esquecer os motivos de meus queixumes e, voltando a vista para o céo encoberto e sombrio, alli fiquei meditando sobre o que me cercava. Corria o tempo, corria sempre; e, subjugado pelo cansaço de espirito, lentamente como uma luz que se vai amortecendo pouco a pouco, esqueci tudo, tudo desapareceu de minha memoria e alli fiquei sem nada sentir, como o ente magnetizado que não se póde tornar senhor de sua vontade.

« Que doce paz a que me invadia a alma, que gozo infindo o que me dava aquella tranquillidade depois da luta a que se entregára meu espirito!

« Depois, como despertado docemente por mão carinhosa e invisivel, pareceu-me ouvir uma voz que me dominava; afigurou-se-me no céo encoberto um delgado listrão que, abrindo-se cada vez mais, mostrou-me uma luz tão bella que meus olhos se cerrarão, sem ousarem fitar tanto esplendor.

« Instigado pelo desejo, atormentado pela ideia de meus soffrimentos passados, ousei fixar de novo aquelle clarão feiticeiro que me fascinava.

« Em um instante antevi, oh! doce visão, a imagem da Virgem e, entre as nuvens vaporosas, que corriam ligeiras, appareceu o semblante meigo de uma mulher, em cuja fronte purissima brilhava rico diadema.

« E as nuvens, que passavam, encobrirão repentinamente aquella apparição encantadora que transformava minha alma e me abria um mundo de promessas; foi-se tão depressa como o leve sopro que por minha fronte passára.

« Uma voz ergueu-se clara e distincta como o melodioso canto que nos attrahe, cheia de ternura a acariciar-me o coração, onde as chagas sangravão, doce balsamo celeste a reanimar-me, raio fagueiro de esperança a acalantar-me o espirito.

« – Homem, guerreiro da fé; ouve-me e não maldigas da sorte, não desanimes em meio da senda que segues, caminha sempre avante que o futuro te pertence. Esquece a ingratidão, firma-te em tua propria crença e vencerás!

« Luta e trabalha que o oceano, gigante indomavel, a teus pés se curvará; vencerás o tufão ingente, triumpharás dos perigos e ao mundo dirás: – « Fui vencedor! »

« Bem longe verás debaixo de um sol de ouro os jardins da natureza, tão ricos e formosos que teus olhos jámais quererão afastar-se do magnifico espectaculo de uma terra alcatifada de primores, onde os passaros só então hymnos ao Creador.

« Florestas frondosas e seculares, rios caudalosos e frementes, riquezas immensas e desconhecidas.

« Homens simples e rudes, tendo por unico livro a natureza prodiga, por unica crença o que seus olhos vêem, acudirão a teu appello; e correndo com a velocidade da corça perseguida, por entre troncos e galhos enlaçados, rede que o tempo fórma, ou batendo as aguas de largo rio, em grosseiro batel de tronco de arvore, correrão para aquelle que receberão em nome do céo, que todos os dias adoram.

« Conhecerás então a liberalidade de teu Creador em sua singela eloquencia; verás a magnificencia de sua obra, lá onde tudo se revela

grande e magestoso, onde tudo são thesouros que os que hoje te condemnão jámais puderão sonhar.

« Espera, crê e confia!

« A esta terra volverás coberto de glórias, todos se voltarão para saudar-te e, nesse mesmo lugar onde choras, verás elevar-se clamoroso grito de admiração. Flôres cobrirão teus passos e terás conseguido tua missão.

« Desconfia das honras do mundo, espera só na Divina Providencia, porque não estarão terminados teus tormentos. Depois de vencedor, ainda terás de lutar e o anjo que te protege recolherá muitas lagrimas que por teus olhos queimados deslizarão.

« Esquece a ingratidão dos homens, envolve no olvido as miserias da humanidade, eleva-te acima dellas, que tua recompensa está escripta em letras de ouro no livro do destino e a posteridade te fará justiça. »

« Calou-se a mysteriosa voz que me acalentára e extinguindo-se de manso, foi-se sumindo e murmurando: « Esquece e confia. »

« O céu encoberto subitamente illuminou-se e um horizonte distante, tão distante que meus olhos não lhe podião distinguir as linhas, tornou-se de um magico brilho, esplendor sem igual. Depois appareceu em um canto, onde a brilhante luz mais tenue se mostrava, uma negra cadêa, cujos grossos élos em constante movimento, a se enroscarem como vil serpente, confundiram-se em uma pesada nuvem que vagarosamente vinha invadindo o céu.

« Meu pensamento, tomando seu vôo, perdeu-se naquelle horizonte infinito e, vagando ao desconhecido, enebriava-se nas delicias de uma visão que eu desejára nunca tivesse fim.

« O horizonte abaixando-se sempre e sempre, um nevoeiro brumoso o encobrio; a nuvem negra já por demais pesada rebentou; antevi diante de mim um repentino faiscar e ouvi um ruido precipitado de grilhões que se quebravão.

« Despertei apavorado e interrogando o céu e a terra, nada vi senão o silencio da noite e a escuridão que me envolvia. »

*
* *

Visão mágica que ia ter sua realização! O mesmo céu que para o visionário se tinha aberto viu o estandarte de Christo tomar pela vez primeira o caminho do Novo Mundo.

Christovão Colombo, o herói por tanto tempo desconhecido e hoje aclamado, venceu, porque o coração generoso e magnânimo de uma mulher não repudiou suas aspirações, e, confiante como elle, estendeu-lhe mão protectora, murmurando-lhe também: —« Vai, confia! »
Essa mulher chamou-se Izabel.

12 de Outubro de 1892.

Os dois peregrinos (*)



O fim da vida sinto-me chegar, já a força me abandona e a luta, que, durante longos annos sustentei, vai deixar de existir, porque com ella se apagará meu sopro arquejante que não encontra mais alento para proseguir a grande jornada.

Antes de vencer o espaço que separa minha debil existencia do momento supremo em que minha alma, abandonando a materia voará para regiões puras, quero rever em minha memoria o longo caminho que segui e, tão difficeis que tenham sido as provas por que passei, quero resentil-as de novo; o pezar, mesclado com a alegria de melhores dias, formará um conjuncto que talvez ainda me reanime o ser prestes a se finar.

Invoco-vos, oh dias felizes de minha mocidade, em que tudo eram flôres, em que com as flôres eu brincava, inconsciente do futuro e não desejando antever o que meus olhos de prompto não distinguirão. Como uma sombra passageira que sem esforço vai além, assim desapareceu esse tempo de encantos para nunca mais voltar. E nunca mais voltou com sua singela poesia que só o coração póde comprehender quando, disilludido, luta para vencer e caminhar sempre avante em meio dos escolhos que, a cada passo, nos fazem tropeçar.

Desses dias tão fagueiros conservo a mais grata recordação que ainda hoje me faz estremecer com sensações infinitas.

Depois, quando entre minhas mãos inexperientes tive o bordão de peregrino, lancei-me com o vigor da mocidade na vida para mim desconhecida; lutei, trabalhei e quantas vezes fui obrigado a recuar ante o impossivel que diante de mim se levantava para me disputar a coragem que em meu peito se acendia. Luta ingente do homem contra a natureza potente!

Para outro lado volvia os olhos, para o lado em que se assemelhavão mais brandas as difficuldades, e então, aguilhoado pela dôr da derrota experimentada, sentia renascerem novas forças que me guiavão.

(*) Publicado no *Monitor Campista*.

Caminhei sempre avante em incessante lide que jámais me abandonou.

Oh! sim lutei! mas, se difficeis forão os momentos por que passei, quando, fatigado e triste, tinha sobre os hombros o peso de um trabalho que por demais me excitava, tambem, como gottas de balsamo celeste a me orvalharem o coração, tive instantes infindos de contentamento sem igual.

E sem essas venturas, tão passageiras que sejam, qual a creatura que poderia encontrar em si força bastante para lutar, como gladiador indomavel na vasta arena da existencia?

Onde buscaria a paz, o conforto para proseguir em sua difficil jornada? Onde encontraria alento para vencer a fadiga, para combater o desanimo, para aquecer o coração?

No passado tão distante, que hoje invoco, sobresahe em seu suave brilho a epoca risonha em que me senti reviver, em que cheguei ao primeiro abrigo que encontrei, depois de ter emprehendido a viagem de peregrino atravez da estrada infinita e desconhecida que á eternidade nos conduz.

Senti-me reviver, porque, habituado ao constante batalhar a que me instigava a ideia firme de conquistar na sociedade um lugar patrocinado pela honradez, cheguei a meu modesto pedestal para então legar a meus descendentes os fructos que proveitosamente delle pudessem colher.

Com verdadeira satisfação frui no retiro os gozos da tranquillidade intima, depois dos embates por que tinha passado.

No olvido completo esforcei-me por deixar o rumor que me tinha embalado durante os primeiros annos de luta, quando, cheio do fogo vivaz da mocidade, estreava na grande scena da vida.

Esqueci tudo e abençoei o silencio que cercava, o murmurio discreto que, de quando em quando, trazia-me uma recordação do passado. Por entre o frondoso arvoredo do solar de meus avós esgueirava-me ao pôr do sol, contemplando esses recantos para os quaes minha alma apaixonada tinha sempre novas sympathias.

Quantos segredos, quantos mysterios de doce poesia aquellas arvores verdejantes, aquella arêa esbranquiçada, o solo fertil, as pedras mudas encerrão em seu seio fecundo!

Por alli onde meus pés deixavão vestigios, talvez meus antepassados tambem tivessem caminhado.

Em cada arvore, em cada grosso tronco ou galho que o tufão ao solo tinha arrojado, meu coração parecia descobrir uma recordação daquelles que meus olhos não podiam vêr; sobre a pedra que a mão do tempo tinha coberto de finissimo musgo, alli, onde ao amanhecer eu murmurava no intimo d'alma uma prece de gratidão, alli talvez o mesmo sentimento tivesse dominado aquelles que me derão o ser.

Com aquellas reminiscencias que, a cada passo, invocava, sentia-me feliz. Via-me cercado de entes pelos quaes vellava sem cessar e aos quaes me prendião laços sagrados.

Eram os filhos! palavra sublime essa que exprime um mundo de promessas para o futuro, a continuação de uma vida prestes a tocar a seu fim.

Que doces momentos passei rodeado dos filhos, em quem procurava com o cuidado, que só um pai póde ter, descobrir os lampejos fulgurantes de sua intelligencia nascente. Que jubilo me invadia a alma quando via nelles as virtudes que lhes ambicionava, essas virtudes que desabrochavão como o mimoso botão de rosa e que mais tarde adornarião sua fronte pura.

Passarão-se os annos; e, daquelles que tantas vezes embalei de encontro ao peito nenhum mais a meu lado vive de minha vida, compartilhando os sentimentos do ultimo periodo da existencia.

O destino cruel, um a um, os arrancou a meu amor e cada um, por sua vez procurou seguir o caminho que lhe era destinado.

Forão-se todos; no lugar que, por elles, fôra aquecido só resta o frio da morte proxima a cobrir-me debaixo do céu nublado da velhice.

Como arvore desgahada em meio da planicie immensa, exposta ao vendaval terrivel, assim, eu tambem alquebrado e só, sem sentir palpar a meu lado esses corações pelos quaes choro, entrego-me submisso aos ultimos embates da sorte, porque sei que, ao menor abalo, prostrado ficarei.

Tudo na minha vida supportei com resignação, porque a ella nos induz o exemplo de Christo e nesta hora suprema, que talvez seja a

derradeira, dilacera-se minha alma quando, com a vista, busco ao redor de mim os filhos que eu quizera ainda uma vez estreitar sobre o peito já fraco.

Debalde procuro mitigar esse desejo!

Que dôr levo de não poder ainda uma vez abraçar-os todos e deixar-lhes um eterno penhor de meu affecto.

Cahe a noite, mas ainda posso distinguir a estrella que scintilla como a luz feiticeira que me attrahe.

Contemplo-a e esse fulgido brilho traz-me de quando em quando um raio de esperança que me acalenta.

Como é doce a esperança que do céu vem para nos levantar do abatimento em que as procellas da vida nos lanção! Mensageira fiel que não desampara aquelle que, descrente e só, vê-se perdido.

Ancioso para mim a chamo, mas se sinto minha alma abrir-se a seu benefico influxo, vejo depois voar no espaço e perder-se bem longe o anjo protector que por instantes me bafejára com seu sopro divino.

Em balde soluço, em balde os olhos já pesados procuram a abobada estrellada que reflecte a tristeza de meu penar, tão sympathicas se me afigurão as myriades de luzes que la fulguram.

Neste momento supremo em vão chamo pelo meu Benjamin, aquelle cuja recordação faz palpitar meu coração e não permite que suas cordas, por demais distendidas, quebrem-se com o choque proximo da morte poderosa.

Não! só a ideia do filho aquece-me ainda com calor bemfazejo.

Foi um dia!... dia cruel de amarga tristeza!... Os lumes da alvorada indecisa não se mostravão ainda, elle, de joelhos ao pé de meu leito um adeus murmurava e, quando o sol ao altivo jacto d'agua, dardejou seus primeiros raios, o lar estava vasio e eu chorava só. Meu filho partira, levando sobre o hombros uma sacola e na mão um bastão, partira!

Partira á procura de uma terra de promissão, onde seu espirito grande e sua alma generosa encontrarião o ambiente que lhes era necessario.

Foi; caminhou sempre sem jámais recuar, percorreu caminhos aridos, atravessou planicies estereis, onde seus labios não encontravão a gotta de orvalho que os refrescaria.

Seguiu sempre avante sem parar, rastejando com os pés o solo espinhoso e com o espirito divagando nas regiões ideaes que lhe mostravão seu esplendor, foi estancar a sede ardente nas aguas de um rio sagrado, na India quente.

Era tempo! seu coração desfallecido carecia desse conforto.

Proximo ao valle em flôr, ergueu sua modesta tenda cheia da poesia que só corações, como o seu, sabem comprehender e, quando a brisa quente sobre a relva perfumada arremessava a agua venerada desse Ganges caudaloso, o ente querido debruçava-se para a receber; o coração de ferro, que jámais nenhum poder dominára, deixava-se vencer e mal suffocava o soluço que as saudades fazião nascer.

Chorava é verdade, porque as lagrimas são o apanagio da humanidade e jámais ninguem se furtará a esse orvalho que nos allivia as maguas.

Naquellas bordas riquissimas trabalhou sem cessar e, quando algum beduino, vindo de longe, por entre aquellas arvores cultivadas, passava com a rapidez de seu veloz corsel, elle, o exilado, seguia-o compassivo; tinha dó daquelle que não podia acompanhar o vôo altaneiro de sua intelligencia inspirada.

Depois, abandonando seu poetico retiro, cruzando os braços sobre o largo peito, invocou o destino e perseguiu a felicidade inconstante.

Um dia, a seu thesouro de perolas em praia solitaria recolhidas, juntou mais uma que sonhara ser o talisman sagrado das venturas suspiradas. De encontro ao coração apertou de novo o thesouro que para si iria talvez afugentar as nuvens da vida e mostrar a seus olhos inebriados o canto azul do céu de um porvir venturoso.

Louco de prazer, cheio de doces illusões, proseguiu sem descanso na trilha começada; por entre ramos enlaçados, qual viajante incansavel, a montanha venceu e lá, abrigando a vista com a mão tremula de emoção, contemplou o horizonte, interrogou o céu e ao longe atravez dos primeiros vapores de calida manhã, appareceu-lhe o anjo da esperanza e de leve a fronte lhe tocou.

– « Serei vencedor na luta da vida e aqui onde cheguei, por entre escolhos e tropeços, encontrarei o descanso e a felicidade? »

Mas o anjo silencioso e impassível não respondeu á ardente supplica do viajante e, lentamente, no espaço desapareceu; o ar puro que as suas azas diaphanas tinham batido, subitamente tornou-se pesado e a perola, talisman sagrado, que o peregrino apaixonadamente beijava queimou-o como fogo abrazador.

Essa perola, que o encantára, do fado tinha o stigma fatal e elle, descrente, disilludido, entre as folhas humidas da floresta virgem escondeu a reliquia que a sorte lhe roubava.

Fugiu sem mais volver os olhos para aquelle lugar de disillusão e o pranto ardente, que, por suas faces, rolava, só seccou quando se viu de novo no valle em flôr ao pé das perolas pequeninas que formavão seu thesouro, talvez o melhor e mais seguro.

Scismando, entregou-se á sua missão com todo o vigor de que era capaz; carecia do trabalho para vencer o desespero da illusão perdida.

Missionario poderoso, apóstolo convicto e fervoroso, com a fronte illuminada por luz divina, ás hordas obscuras espargia o facho de suas ideias sublimes, dispersava as trevas e pouco a pouco ia galgando os degrãos que conduzião ao pedestal ambicionado.

Era o guerreiro vencedor, o campeão indomito a desafiar com olhar de aguia potente o horizonte que se irradiava sobre sua obra gigantesca.

Basta, guerreiro e peregrino! os louros da grande messe de gloria cingem-te a larga frente, vem procurar outro peregrino que breve desaparecerá do scenario que tua intelligencia esclarece. Vem! descansa sobre meu peito, repousa tua alma sã ao pé daquella que bem depressa tomará seu vôo.

Ah! não me ouves! a estrella que me amparava turva-se e embaça-se; a brisa, passando, murmura – partes e elle não vem –, mas, meus labios frios solução o nome adorado que os cerra para sempre. Em tuas mãos cheias de vigor as minhas já cançadas depõem

o legado santo que só a ti posso confiar e com elle o bordão de peregrino, porque és peregrino tambem – a vida e a morte ás portas da eternidade nos separão!

SEGUNDA PARTE

Extrait des “Causeries Familiales” (*)⁴¹



este o titulo de um interessante folheto (em francez correcto) escripto por D. Amelia Gomes de Azevedo, conhecida no mundo das letras por seus apreciados trabalhos e estylo ameno.

Não venho fazer uma critica litteraria, quero apenas manifestar em linguagem simples as impressões de minha leitura e dirigir á illustre autora, a quem não tenho a honra de conhecer, as minhas sinceras saudações e os applausos ao seu talento.

Li e reli o seu bello folheto, as suas recordações do collegio, onde, com tanta graça e candura, passando os rosaes de sua infancia, as descreve, começando assim:

« Quand on arrive à un certain âge, quand on a les pieds meurtris par les embûches de toutes sortes que l'on rencontre à chaque pas dans la vie, quand le cœur est détrompé et l'esprit fatigué par mille lutttes, n'éprouve-t-on pas du plaisir à se délasser en pensant à quelque époque heureuse ensevelie dans le passé ? »⁴²

Apenas li estas primeiras phrases senti a emoção, que devia sentir, ao lembrar-me dos meus bellos tempos academicos, dos meus companheiros de infancia, d'aquellas abobadas azuladas do céu de S. Paulo, d'aquelles tempos que forão, e que bem posso revivel-os com as bellas phrases da inspirada escriptora:

« Le souvenir, traversant les temps, nous apporte comme un parfum de jeunesse qui enivre passagèrement. C'est comme une oasis que l'on aime à rencontrer au milieu de l'aridité de la destinée, car peut-on se fier au bonheur, après lequel on court, sans jamais l'atteindre tout à-fait ?

Quand il semble qu'on le tient, et alors qu'on croit être sûr de sa proie, le voilà qui s'envole.

Ab ! Il est éphémère le bonheur humain ! »

(*) Transcrito do *Itaperunense*.

⁴¹ Tradução: Extraído das “Causeries Familiales” (N. do T.).

⁴² Ver as traduções na seção que se inicia na página 157. (N. do E.)

Quantas perolas, quão sublimes pensamentos estes, traduzindo a realidade da vida !

Victor Hugo não disse melhor no seu bello volume *Les Orientales* :

*Ainsi l'homme, ô mon Dieu ! marche toujours plus sombre
Du berceau qui rayonne au sépulcre plein d'ombre
C'est donc avoir vécu ! c'est donc avoir été !*

.....
*Helas ! naître pour vivre en désirant la mort !
Grandir en regrettant l'enfance où le cœur dort,
Vieillir en regrettant la vieillesse et la vie !
Où donc est le bonheur, disais-je ? Infortuné !
Le bonheur, ô mon Dieu, vous me l'avez donné !*

Confesso que, ao ler a primeira pagina do folheto, fechei-o, pensei e tive a alma voando por esse azul do infinito, onde vamos conversar com os anjos, isto é, separamos as agruras da vida para sonharmos a felicidade.

Com razão dizia Montesquieu⁴³: « Não ha pezar, por mais profundo, que um quarto d' hora de leitura não m' o tenha dissipado. »

E quem, disilludido das vans *caricias* do mundo, fatigado das luctas não fará de um bom livro a almofada, e recostando a cabeça não dormirá socegado?

Muitas vezes, do meio do cansaço, descrente mesmo, o homem de letras encontra o oásis, a animação e o balsamo que o vem reanimar n' esta fatigante jornada do espirito.

A leitura de uma só maxima serve, muitas vezes, para reconstruir um edificio em ruinas, ou alentar a alma em desespero.

A joven escriptora, lembrando as festas do collegio, o movimento de um tempo de exames, revivendo-as, chorou, talvez pensando n' aquellas venturas que não voltão, nas companheiras que arredarão-se, nas mestras que a acariciavão!

⁴³ Charles-Louis de Secondat, barão de La Brède e de Montesquieu (1689-1755). Político, filósofo e escritor francês. Considerado um dos principais pensadores iluministas. (N. do E.)

E qual de nós não terá experimentado a pungente recordação das alegrias da casa paterna, das irmãs que desaparecerão, ou de um amigo que deixou-nos o derradeiro abraço para nunca mais encontrar-nos?

Quem poderá ler o volume, o mimoso volume de Luiz Guimarães, descrevendo a tristeza do tecto familiar, sem sentir uma lagrima cahir-lhe furtiva dos olhos?

Eu que, ha vinte anos, não vejo alguns de meus irmãos, que, ao longe, vejo despovoada por minha gente a sala em que minha mãe, rodeada dos filhos, infiltrava a doçura em nossas almas infantis, como poderia ficar indifferente lendo as paginas de um tocante livrinho onde se pinta a saudade com tanta singeleza e a felicidade com azas da illusão?

A ventura é um sonho! diz muito bem Mademoiselle Amelia Azevedo, e esta verdade repetida com graça pelos labios de uma donzella, vem alentiar-nos, ainda mais convencer-nos de que devemos trabalhar na vida, não para descobrirmos a ventura, mas para termos resignação no infortunio e não desesperarmos, por ser a sorte da humanidade.

Voltemos ao folheto.

Descrevendo uma noite de insomnia, convidada por sua extremecida mestra para dormir no mesmo leito, estando a propria natureza adormecida, foi a illustre escriptora inspirada por estes sublimes pensamentos:

Je l'accompagnai de fort bon cœur ; je quittai une demi-obscurité et me trouvai dans une jolie petite chambre doucement illuminée par une lampe à abat-jour. Nous nous assîmes près de la fenêtre ouverte et nous nous mîmes à causer. La nuit était fraîche et je me sentais envahie par un certain bien-être en contemplant cette lueur indécise projetée par des milliers d'étoiles qui émaillaient le firmament. Cette belle nature endormie, le murmure cadencé de la fontaine du jardin, le parfum des fleurs, tout s'harmonisait pour réveiller en moi l'esprit d'admiration, pour les œuvres du Créateur. Comme je me sentais petite, insignifiante et nulle devant l'immensité de la création, devant le spectacle grandiose de ces merveilles, sortant des mains de Dieu ! Comme mon âme s'ouvrait aux douces émanations des bienfaits du Tout-Puissant

et comme je me prosternais devant son pouvoir sublime, immense et unique ! Je m'enivrais dans cette contemplation muette qui transformait mon cœur dans un sanctuaire de reconnaissance envers Celui qui ne nous abandonne pas. Je me laissais aller à l'extase où j'étais plongée... Ce ne fut que l'horloge sonnante minuit que me fit songer à regagner mon lit, mais ma chère maitresse m'en empêcha. »

Seria abusar transcrever tudo quanto li no pequeno livro, pois que não posso, n'estas columnas, que forão-me franqueadas, formar uma segunda edição, e nem tenho autorização para isso; mas, o lucro seria do leitor, apreciando os bellos pensamentos que, em momento feliz, forão reproduzidos em florida e attrahente linguagem, ou antes, como se diz na introdução do folheto:

« On remarquera que nous publions le tout tel que et que je ne dirai pas pour une étrangère, mais même pour une française, mademoiselle Amélie écrit le français, ce qu'on dénomme en anglais fluently. »

Senti que, afastado como ando da litteratura, atarefado com as lides forenses, não possa acompanhar os vôos de tão attrahente escriptora, que, apreciando o céu estrelado, curvou-se ante o Creador, entoando esse hymno egual ao do Kepler⁴⁴; mas, achando tantos encantos em volume de poucas paginas, contendo tanta essencia, não pude resistir ao desejo de saudar tão talentosa litterata, fazendo votos para que continue a escrever e honrar esta patria que tanto amamos e que desejamos ver erguida pela instrucção.

Bello exemplo vejo eu nas producções litterarias da Exma. Sra. D. Amelia de Azevedo, mostrando a todos os paes o quanto os elevão os talentos dos filhos e a sublimidade da educação.

Sim; o homem distingue-se do bruto pela alma. Quanto mais cultivada a alma, mais distante ficará do animal.

E o proprio vulgo, quando quer insultar o ignorante, não repete: é um animal?

Oh! sim a educação tem seus prados, seus jardins, franjas d'oiro e roseos horizontes.

⁴⁴ Johannes Kepler (1571-1630), astrónomo e matemático alemão. (N. do E.)

Uma joven educada, talentosa, instruida, é um thesouro inapreciavel, faz as doçuras do lar, o encanto dos paes, a alegria de todos que a rodeam.

A intelligencia ha de ter sempre o diadema augusto, subir ás regiões desconhecidas que se convertem á luz; a razão é quem toma azas e vae até além d’estas plagas mirar novas alvoradas, e ver lá... o proprio infinito, onde está a felicidade.

Não vim criticar um livro, faltão-me habilitações para uma critica litteraria; mas, si com arrojo atirei-me aos impulsos do meu ingrato estylo, acredite a illustre brasileira, que o meu intento foi offerecer-lhe flores; essas da admiração, que não precisam do orvalho para que vicejem.

Devo dizer afinal que o talento é como o sol, aquece.

E porque sómente a *Gazeta* merece seus bellos escriptos e de sua digna irmã?

O *Itaperunense* também vive, abre suas columnas ás boas inspirações e quer tambem obsequiar aos leitores com bellos escriptos.

Oxalá, estas linhas cheguem a quem póde enviar á redacção um mimoso escripto, uma faceira poesia ou um espirituoso conto.


Não indago si um motim sahe tão caro como uma batalha; o que sei é que os litteratos devem emendar a mão, dizendo da graciosa escriptora o que não sei dizer em meu estylo, além de tudo nas luctas da vida em que... os amenos rosaes são queimados pelo tufão.

Itaperuna, 3 de Outubro de 1891.

J. C. STOCKLER DE LIMA⁴⁵

⁴⁵ José Christiano Stockler de Lima. Advogado, natural de Minas Gerais, foi redator do Jornal *O Jequitinhonha*, em Diamantina (MG), tendo publicado o livro de poesia *Cantos da Primavera*, na década de 1870. É descrito por Porphirio Henriques, no livro *A Terra da Promissão* (1956), como “brilhante jornalista em Itaperuna”, tendo sido o fundador do jornal *O Autonomista*, em 1893, e deputado estadual em 1897.

Impressions d'une jeune Brésilienne à l'époque de ses examens (*)

UAND on arrive à un certain âge, quand on a les pieds meurtris par les embûches de toutes sortes que l'on rencontre à chaque pas dans la vie, quand le cœur est détrompé et l'esprit fatigué par milles luttas, n'éprouve-t-on pas du plaisir à se délasser, en pensant à quelque époque heureuse ensevelie dans le passé ? Le souvenir, traversant les temps, nous apporte comme un parfum de jeunesse qui enivre passagèrement. C'est comme un oasis que l'on aime à rencontrer au milieu de l'aridité de la destinée, car, peut-on se fier au bonheur après lequel on court, sans jamais l'atteindre tout à fait ? Quand il semble qu'on le tient, et alors qu'on croit être sûr de sa proie, le voilà qui s'envole. Ah ! il est éphémère le bonheur humain ! Si l'on en jouit, on a après l'amer retour, et la coupe de miel où naguère on se désaltérait avec avidité, se transforme en fiel, dont les gouttes tombent sur le cœur brûlant et endolori, car il semble que la nature défend le bonheur complet comme une profanation à la loi humaine.

C'est dans ces moments de tristesse et d'abattement que, se reportant au passé, on apprécie, à sa juste valeur, le bonheur d'une vie consacrée au travail et aux plaisirs innocents qui ne laissent après eux aucune amertume.

Avec quel plaisir ne se souvient-on pas des ébats d'une enfance joueuse, où, le cœur plein de joie, on ne pense guère à l'avenir et où l'on se laisse aller sans s'inquiéter du lendemain.

Ô temps heureux que je regrette ! S'il m'était permis, comme je me laisserais glisser toujours et toujours jusqu'à cette époque où les livres étaient ma seule occupation, et les jeux ma seule joie ! Avec quel bonheur

(*) Présenté au concours littéraire ouvert à Paris en 1890, par la revue *Les Causeries Familiales*.
Premier Prix.

je reprendrais mon tablier et me rassiérais aux bancs du collège⁴⁶, au milieu de cet essaim folâtrant d'enfants et de jeunes filles ; comme mon cœur bondirait de joie de me trouver de nouveau luttant, pour mériter l'un des prix décernés aux plus sages et plus studieuses ! Le collège ! que de souvenirs n'évoque-t-il pas ? et comme je me sens rajeunie en repassant dans ma mémoire tous les évènements d'alors, et surtout quand je pense à la dernière année où j'ai passé mes examens définitifs.

Un samedi, nous étions en classe, attendant le professeur qui était en retard ce jour-là ; et dans la vaste salle, où étaient réunies quelques trente élèves, on entendait comme un bourdonnement d'un bout à l'autre, chacune discutant sur la chance d'être interrogée sur une matière dont elle fût sûre ; toutes parlaient avec plus ou moins d'animation, lorsque nous entendîmes :

– Silence, Mesdemoiselles, à vos places !

C'était le professeur qui arrivait et qui venait pour diviser en séries les matières sur lesquelles nous devons être examinées.

Nous commençâmes à repasser tout ce qui nous avons étudié pendant l'année, et chacune choisissait une ou deux camarades pour s'aider mutuellement.

C'était un plaisir de voir toutes ces jeunes filles, la tête inclinée, le regard content, s'adonner à l'étude avec ardeur. Ici, deux ou trois étudiaient l'histoire, en jetant à la hâte des dates sur une feuille de papier ; là, leurs cartes sur les genoux, plusieurs accompagnaient du doigt la ligne capricieuse d'un fleuve ou les sinuosités d'une chaîne de montagnes ; plus loin, quelques-unes remplissaient de chiffres un tableau noir ; d'autres prenaient des notes sur la grammaire ; d'autres encore écrivaient, et nulle n'était oisive. On aurait dit l'Ecole d'Athènes, à voir cette application, ce mélange si bien disposé, formant un tout artistique et agréable.

Ce n'était pas des Archimède, des Pythagore, ou des Aristote qui composaient cet intéressant tableau, mais des jeunes filles au cœur plein

⁴⁶ Esta grafia se manteve nos dicionários até 1878. Depois adquiriu a forma atual – collège. (N. do T.)

d'espérance et qui, d'une main encore timide, cherchaient à ouvrir les portes des palais poudreux où la science renferme ses trésors, et où elles puiseraient à longs traits cet aliment d'une imagination ardente, dont les ailes de feu cherchent toujours de nouveaux horizons à conquérir.

Un mois se passa ainsi ; dès les premiers rayons du jour, on entendait dans le dortoir des voix qui chuchotaient tout bas et la surveillante avait de la peine à imposer le silence à ces enfants, excitées par la pensée que bientôt elles seraient en vacances près de leurs parents, où elles iraient se dédommager de toute une année de travail.

J'avais trois compagnes ; Clotilde, une petite blonde, espiègle et joyeuse comme une alouette ; Louise, une brune, aux beaux cheveux châtons, intelligente, toujours prête à rire et à plaisanter ; et Charlotte, fillette un peu timide, mais si bonne, si douce et douée d'une mémoire admirable. Nous ne nous quittions jamais, nous étudions ensemble, nous couchions près les unes des autres, et étions toujours d'accord. C'était à qui de nous quatre travaillerait le plus, tant nous voulions réussir et tant nous tenions à faire plaisir à notre maîtresse, que nous aimions sincèrement.

Enfin, le jour des examens arriva, jour que nous appelions de tous nos vœux et que cependant nous redoutions ; car, quel est celui qui, à l'approche d'un évènement, quel qu'il soit, devant avoir une influence sur sa vie, ne sent pas son cœur battre avec plus de précipitation à ce moment suprême où tout va être dit ? Quelle que soit l'assurance que l'on ait de soi-même, il semble que l'on n'est jamais assez fort pour entreprendre la lutte.

Tel était notre cas ; et, pendant les jours que durèrent les examens des classes inférieures, nous étions fiévreuses et impatientes de connaître le résultat qu'avaient obtenu nos compagnes ; quand une nous disait qu'elle avait réussi, comme nous nous réjouissions ! il nous semblait que c'était un heureux présage pour nous.

Nous étions à la veille ; encore une nuit... pas plus que quelques heures... et nous serions engagées dans la bataille.

Ce jour-là, avant de nous mettre au lit il nous vint à l'idée que nous avions oublié quelque chose. En vain nous nous mîmes à fouiller

dans tous les coins et recoins de notre mémoire pour trouver une date voulue, mais soit la fatigue, soit l'émotion, ou l'impossibilité de consulter un livre, nos souvenirs fuyaient et se montraient rebelles.

— Ah bah ! dit Louise, nous avons bien étudié pendant l'année, ce n'est pas maintenant le moment de nous torturer le cerveau, nous devons avoir conscience de notre travail assidu ; allons dormir et nous reposer, pour avoir demain l'intelligence fraîche, afin de pouvoir répondre avec aplomb aux questions que l'on nous fera.

Nous nous couchâmes en effet ; et bientôt j'entendis mes compagnes sommeiller paisiblement. Mais moi, j'avais beau me tourner dans mon lit, je ne pouvais dormir ; et plus d'une fois je comparai ma couche si désagréable à celle qui faisait les délices de Xavier de Maistre quand, le matin, étendu voluptueusement, il regardait les rayons de l'aurore qui venait le saluer, lui apportant le parfum des fleurs écloses sous le souffle du zéphyr. Je maudissais mon lit, je maudissais la demi-obscurité où nous étions, je maudissais le silence qu'il nous fallait garder.

J'écoutais le tic-tac de la grande horloge du salon. Neuf heures ! neuf et demie ! dix heures ! et je ne dormais pas encore ! J'eus enfin le plaisir de sentir une main me toucher l'épaule ; c'était notre maîtresse de français celle que je chérissais le plus.

— Je suis venue faire la ronde, me dit-elle ; pourquoi ne dormez-vous pas encore ? qu'avez-vous ?

— Rien, Mademoiselle, mais je ne puis dormir ; ce lit m'éreinte, j'ai les membres fatigués et ne trouve pas une position qui me plaise.

— Pauvre enfant ! venez dans ma chambre, là vous serez toujours mieux qu'ici.

Je l'accompagnai de fort bon cœur ; je quittai une demi-obscurité et me trouvai dans une jolie petite chambre doucement illuminée par une lampe à abat-jour. Nous nous assîmes près de la fenêtre ouverte et nous nous mîmes à causer. La nuit était fraîche et je me sentais envahie par un certain bien-être, en contemplant cette lueur indécise projetée par des milliers d'étoiles qui émaillaient le firmament. Cette

belle nature endormie, le murmure cadencé de la fontaine du jardin, le parfum des fleurs, tout s'harmonisait pour réveiller en moi l'esprit d'admiration pour les œuvres du Créateur. Comme je me sentais petite, insignifiante et nulle devant l'immensité de la création, devant le spectacle grandiose de ces merveilles, sortant des mains de Dieu ! Comme mon âme s'ouvrait aux douces émanations des bienfaits du Tout-Puissant et comme je me prosternais devant son pouvoir sublime, immense et unique ! Je m'enivrais dans cette contemplation muette qui transformait mon cœur dans un sanctuaire de reconnaissance envers Celui qui ne nous abandonne pas. Je me laissais aller à l'extase où j'étais plongée... Ce ne fut que l'horloge sonnante minuit qui me fit songer à regagner mon lit, mais ma chère maîtresse m'en empêcha.

– Vous coucherez avec moi, dit-elle, mon lit est assez grand pour deux. Dans quelques jours vous m'aurez quittée, et je n'aurai plus auprès de moi celle qui m'a fait oublier l'amertume de mon exil, loin de ma patrie et de ceux qui me sont chers. Restez avec moi, ma fille. Je m'endormis bientôt dans les bras de celle qui avait été comme une mère pour moi, qui avait plus d'une fois essuyé mes larmes et consolé mes chagrins d'enfant.

Quel sommeil profond et doux ! et comme je me sentais ranimée à mon réveil !

Le grand jour arriva enfin ! A dix heures du matin, rangées deux à deux, nous faisons notre entrée dans le salon d'honneur devant une nombreuse assemblée composée des parents des élèves.

Tout était en ordre, pas une seule personne hors de sa place, le plus grand silence y régnait. Sur la table autour de laquelle étaient assis les examinateurs, on voyait l'urne et la liste des sujets.

Une élève fut appelée pour tirer au sort trois numéros qui indiqueraient les parties sur lesquelles nous serions questionnées. Elle eut la main heureuse, et la directrice, en lui prenant les jetons, nous dit :

– Vous serez examinées sur les points 6, 8, et 9 de toutes les matières qui ont été désignées pour l'examen d'aujourd'hui.

On commença par l'histoire, ensuite ce fut la grammaire, l'arithmétique, l'astronomie, après vint la géométrie et ainsi de suite.

A une heure, on s'arrêta un peu et dix minutes après on recommença encore. Tout allait bien ; toutes les élèves répondaient avec assurance, à l'exception de trois ou quatre qui manquaient quelquefois. Mes trois compagnes, Louise, Charlotte et Clotilde, répondaient très bien, et je faisais de mon mieux pour les imiter. Étant une des premières de ma classe, on m'appela au tableau pour faire une démonstration géométrique ; je la fis avec succès et m'en retournai contente à ma place.

A cinq heures et quelques minutes, la séance fut levée ; c'était fini ! La lutte à laquelle nous avions tant pensé était passée ! Le jury lut alors les notes : mes trois compagnes, six autres élèves et moi, nous avions mérité la première note, douze la seconde, et huit la troisième.

Nous étions libres ! et rayonnantes de joie, nous allâmes nous jeter dans les bras de nos parents. Quelle douce effusion ! quels inoubliables transports. Comme les parents étaient heureux des succès de leurs enfants, et comme celles-ci étaient fières de leur offrir ce témoignage de leur amour et de leur reconnaissance !

Il y avait presque un an que je n'avais vu mon père ; et, étant venu de très loin pour assister à mes examens, je me sentais soutenue par son regard qui ne me quittait pas, et j'étais heureuse de lui montrer que je n'avais pas perdu mon temps. Je l'embrassai en pleurant et en riant de joie, et le baiser paternel qu'il déposa sur mon front, me prouva bien qu'il avait su comprendre tous les efforts que j'avais faits.

Tout le monde était heureux, pas une seule figure sombre ! Cette joie débordante, où nous prenions une large part, nous faisait oublier que le temps filait et qu'il ne s'arrêterait pas pour nous laisser goûter plus longtemps ces instants si doux. Cependant, ce n'est pas en vain que l'on a quinze ans et que la vie bouillonne en nous ; la nature devant cette activité de la jeunesse, réclame ses droits et impose sa main matérielle. Malgré tout notre bonheur, le physique l'emportait sur le moral et nous avions faim ; aussi, la cloche du dîner fut saluée avec plaisir.

Que le repas fut gai ! Tout simple qu'il était, nous trouvions aux mets une saveur inaccoutumée et mangions du meilleur appétit du monde.

Le surlendemain, c'était le jour de la fête scolaire.

Depuis le matin, on entendait des va-et-vient, un remue-ménage complet, des rires, des bavardages, des plaisanteries. Les arrivées des invités se succédaient et à chaque instant, on entendait le roulement des voitures devant le grand escalier.

Jamais nous ne mîmes plus d'enjouement à notre toilette et, à dix heures, nous étions prêtes. Habillées avec le grand uniforme du collège, nous entrâmes dans le salon splendidement décoré ; des fleurs partout, des arbustes dans les coins, des riches tableaux suspendus au mur.

Le coup d'œil était charmant ! D'un côté, tous ces messieurs en habit noir, ces dames aux belles toilettes, le satin éclatant se confondant à la soie au ton sérieux qui se mélangeaient çà et là à des flots de dentelles ; quelques jeunes filles heureuses d'assister à cette fête, qui leur rappelait leur temps de pensionnat. D'un autre côté, les élèves candides et jolies dans leurs robes blanches ornées de rubans jaunes, la mine éveillée, le cœur content ; plus loin, le groupe de la directrice et des professeurs, heureux, eux aussi, de pouvoir déposer pour quelque temps le lourd fardeau des fatigues qu'ils avaient subies pendant une année de travail.

Un éloquent discours fut prononcé par le professeur d'histoire.

Après, vint la déclamation ; plusieurs élèves récitèrent des morceaux choisis des meilleurs poètes, ensuite ce fut le tour de la musique et du chant.

La directrice lut alors la liste des élèves qui, par leur bonne conduite et leur application, avaient mérité d'avoir leurs noms inscrits au tableau d'honneur et j'eus la grande satisfaction de m'entendre nommer, ainsi que mes trois compagnes.

On procéda à la distribution des prix.

Chaque élève, à son tour, venait recevoir des mains de la directrice, la récompense qui lui était accordée, et, le regard rayonnant, toutes retournaient à leurs places, fières de montrer à leurs parents, ainsi qu'à

la nombreuse assemblée, qu'elles n'avaient manqué ni de courage ni de persévérance. A trois heures de l'après-midi, la cérémonie était finie. Les élèves, après avoir dit adieu à la directrice et aux professeurs, partaient avec leurs parents, ne pensant plus qu'aux plaisirs qui les attendaient chez elles, et pressées de jouir des délices d'un mois de vacances.

Je fis mes adieux à tout le monde ; je remerciai sincèrement la directrice de l'accueil plein de bonté qu'elle m'avait toujours fait ; mes supérieurs, de la peine qu'ils avaient eue avec moi ; et m'allai ensuite jeter dans les bras de ma chère maîtresse que je devais quitter, Dieu seul savait pour combien de temps !

En franchissant la porte de cette maison où j'avais passé des années paisibles, et où mon cœur avait reçu les premières leçons du bien, je me sentais oppressée et triste ; il me semblait, qu'en cet instant, ma vie recevait un choc qui la détournait de son état normal. Que se passait-il en moi ? N'avais-je pas devant moi, une heureuse perspective ? Quel sentiment me dominait quand je pensais que cette porte, qui ce refermait derrière moi, m'introduisait dans le monde, où j'aurais inévitablement un rôle à jouer ?

Nul ne peut expliquer cette confusion de sentiments qui se heurtent dans le cœur humain en de pareils moments.

Ma vie de collége était donc finie, il me fallait commencer une nouvelle existence et me préparer d'avance pour les luttes du monde. Si j'avais pu ouvrir le livre de la destinée, qui sait combien de déboires et de déceptions mes yeux inexpérimentés y auraient découverts ? mais l'avenir n'est pas à nous, il appartient à Dieu seulement.

Le soir, le cœur plein de sentiments pour la maison que je venais de quitter, je me mis à écrire ; je voulais avant de partir, laisser quelque chose qui fût comme un lien qui m'unirait au passé.

« Ma chère Louise,

« Quand tu recevras ces lignes, je serai loin de toi. Le même ciel nous couvrira, mais toi, tu seras bien accommodée dans ta jolie chambre, rêvant au bonheur, tandis que moi je serai sur l'océan, balancée par les vagues.

« Il ne me restera plus rien de toi que ta chère image que je conserverai toujours ; je n'entendrai plus tes éclats de rire, ni tes plaisanteries si pleines de verve. Je t'ai quittée avec des larmes et je pars avec des regrets.

« J'emporte dans mon cœur le doux souvenir de ces années bénies que nous avons passées ensemble, égayées par toi, réchauffées par la tendre affection de ma gentille Clotilde et le sincère dévouement de notre Charlotte. L'amitié de notre chère maîtresse formait l'auréole de cette union, dont les sentiments, je l'espère bien, ne changeront jamais.

« Tu restes, Louise ; pense quelquefois à l'absente, car nos pensées, prenant leur essor, se rencontreront quelque part sous la garde de Dieu. Quand nos compagnes rentreront, offre leur mes sincères amitiés ; à nos professeurs témoigne ma gratitude, ce sentiment qui, dans mon cœur, aura toujours un feu sacré qui l'entretiendra sans cesse.

« A tes occupations associe le souvenir de ton amie, parle d'elle à notre chère maîtresse et rappelle-toi les heureux instants dont nous avons joui ensemble.

« Quand le navire qui m'emportera glissera comme un cygne sur les vagues bleues et que j'attacherai le regard sur l'horizon lointain qui s'abaissera lentement, dans cette immensité de l'espace, mon cœur te criera encore : *Adieu ! ne m'oublie pas !*

AMELIA. »

Adieu au « Collège Brésilien »



DIEU ! Je pars !

En ce moment où je vais m'éloigner, où de nouveaux horizons se présenteront à mes regards, je veux me tourner une dernière fois vers ceux que je quitte pour leur envoyer un dernier

salut ; je veux revoir les endroits qu'encore ce matin j'ai parcourus et auxquels s'associe le souvenir d'un temps naguère fini.

Adieu ! Quand bien des années se seront écoulées, dans les brumes du passé un point lumineux se détachera ; vers lui se porteront mes pensées avec un sentiment de profonde reconnaissance pour ceux qui, cultivant mon intelligence, m'apprirent à connaître le bien et à le pratiquer.

Mon imagination, toute pleine de souvenirs de la vie de collège, m'en retrace à cette heure du départ, mille détails qui me reportent vers cette maison que je viens de quitter, et que je vois solitaire, se détachant derrière les palmiers du jardin et cachant la cour où, enfant, je jouais avec mes compagnes.

O temps heureux, adieu ! Demain rien ne révélera la pensionnaire d'aujourd'hui, car, je vais faire mon entrée dans le monde, et cependant, je vous regrette, vie douce et simple. Je vous regrette, maison, où j'ai passé des jours contents ; et vous, mes professeurs à qui je dois tant, je vous envoie l'expression sincère de ma gratitude.

Instruisant la jeunesse, en lui éclairant l'intelligence et lui ouvrant l'esprit aux merveilles de Dieu, vous vous êtes révélés sublimes dans l'accomplissement de votre noble tâche. Plus d'une fois, vous nous avez donné l'exemple de l'ardeur nécessaire au travail et nous avez inspiré le courage qui doit être notre soutien dans la vie, vous rendant ainsi dignes des louanges de ceux qui peuvent jouir des bienfaits de votre savoir, et de votre expérience.

Merci ! Je ne puis vous dire que cette simple parole, trop simple pour vous exprimer ma reconnaissance mais qui, cependant, renferme un monde de pensées et l'hommage que mon cœur en silence vous offre, en vous suppliant de garder un bon souvenir de l'élève que tant de fois, vous avez encouragée et exhortée à l'étude.

Plus tard, quand l'âge me permettra de réfléchir avec plus de justesse, quand j'évoquerai le souvenir du « COLLÈGE BRÉSILIEN, » mon cœur bénira les années que j'y ai passées ; il bénira celle qui, guidée par une idée magnanime, fonda cet établissement que, la première,


elle dirigea, soutenue par sa volonté ferme et le désir d'être utile à ces semblables. Son nom, respecté de tous, aura pour toujours la vénération de ces élèves qui ne pourront jamais l'oublier.

Salut à vous, noble et digne fondatrice du COLLÈGE BRÉSILIEN, salut à celle qui continua votre œuvre, avec tant de courage et de persévérance, salut à tous ceux qui vous secondèrent dans la tâche que vous vous êtes imposée.

Salut à vous tous et... adieu !... Je vous quitte mais vos sages exemples sont l'égide que j'emporte de la maison dont le souvenir me sera toujours cher. Adieu !

Appréciation des « Causeries Familiales »

SOUVENIRS DES EXAMENS

OMME nous l'avons dit, dans notre dernière livraison, en donnant le résultat de notre concours littéraire, le sujet que nous avons imposé a donné lieu à des récits absolument différents, et il nous est facile, sans risque de fatiguer nos lecteurs, d'en publier plusieurs. Ils ont le mérite d'être des impressions personnelles et sincères.

Il est facile de se figurer une assemblée de femmes invitées à parler de ce temps de la fin des études, où l'on est toute naïveté, toute jeunesse : mais, la réunion étant impossible, nous nous contentons de lettres.

Voici Mademoiselle Amelia Gomes de Azevedo, de Rio-de-Janeiro, qui nous adresse son récit. On remarquera que nous publions le tout tel que, et que, je ne dirai pas pour une étrangère, mais même pour une française, mademoiselle Amélie écrit le français, ce qu'on dénomme en anglais *fluently* ; il n'est besoin de réclamer aucune indulgence pour elle. Nos jeunes concurrentes françaises feront volontiers l'honneur du premier pas à l'étrangère.

L. d'Alq.

Une page au Brésil (*)



Le soleil brûlant a depuis longtemps disparu, mais la chaleur continue toujours.

On sent les vapeurs qui s'échappent du sol que la rosée n'a pas encore rafraîchi ; on est tourmenté par le besoin de respirer l'air que les brises de la nuit apportent, imprégné du parfum capiteux des angéliques et des orangers tout blancs de fleurs qui se détachent comme des ombres fantastiques.

A presque toutes les fenêtres en ces moments-là, on voit vieux et jeunes se réunir pour recevoir le bien que Dieu donne, avides d'en jouir et de secouer la torpeur des membres engourdis par la chaleur des tropiques.

Sous les arbres des jardins en fleur, on peut distinguer, à la lueur indécise du crépuscule, des gens au regard amorti par la fatigue, se balançant mollement dans des hamacs, en jetant dans les airs des bouffées de fumée qui s'en vont tout doucement comme pour accompagner la pensée de celui qui les a lancées. Plus loin, d'autres causent près des bambous penchés, que l'eau des petits lacs vient baiser, en leur apportant la fraîcheur qui doit reverdir leur feuillage pendant ce répit que leur laisse le soleil.

Cependant, s'il y a des natures qui se laissent engourdir, qui sont moroses et ennuyées par une température élevée, il y en a qui se soucient bien peu de ces choses, intrépides créatures, avides des jouissances de la vie qu'elles reçoivent comme un bien qui leur est dû.

Combien de jeunes filles en ces moments-là sont devant leur glace qui reflète leur image gracieuse, se préparant dans des toilettes vaporeuses à courir aux plaisirs qui les attendent ; bientôt, dans les

(*) Présenté au concours littéraire ouvert à Paris en 1891, par la revue *Les Causeries Familiales*.
Deuxième prix n. I.

bras de leurs cavaliers elles tournoieront légères, accompagnant la voluptueuse cadence de la valse rapide !

D'autres, moins mondaines et aux goûts plus simples, abritant leur tête aux beaux cheveux noirs sous l'andalouse de soie, d'où s'échappent des mèches rebelles qui caressent leur joue brune et leur front rêveur, s'en vont comme les Espagnoles, flâner en compagnie dans les rues moins fréquentées où dans celles où s'étalent à la clarté éblouissante du gaz ces bibelots, ces mille riens qui, bien des fois, occupent leur pensée ; ces boutiques où étincellent avec un féerique éclat, les rivières de diamants, les minces anneaux d'or, gages d'une fidélité éternelle, les serpents aux yeux de rubis qui demandent un bras bien potelé à enlacer avec leur corps replié, et les diadèmes aux fleurs ciselées parsemées de pierreries, qui attendent un front dont ils surmonteront la beauté ! O les regards de convoitise lancés par les beaux yeux noirs !

Laissons la ville et ses plaisirs toujours nouveaux, fuyons un peu vers d'autres parages, où la vie s'agite d'une manière différente ; là, où la nature est plus elle-même, où on la voit dans sa nudité grandiose, offrant son charme naïf au spectateur qui la contemple, comme l'acteur docile qui se laisse aller dans son rôle.

Oublions un peu les nécessités que nous nous imposons pour satisfaire la vanité, les peines que nous nous infligeons pour paraître dignes des garanties de la société qui, bien des fois, cependant, meurtrit un cœur tendre, trop sensible pour recevoir avec impassibilité les lois qu'elle impose. Cherchons les endroits où elle est plus tolérante et reposons un peu notre esprit de cette tension constante où nous sommes tenus. Nous pourrons alors admirer avec calme ce que le Créateur nous offre avec tant de libéralité et nous intéresser sincèrement aux scènes les plus simples, dont la voix sympathique parlera à notre âme, et celle-ci lui répondant, il y aura une communion d'idées qui excitera cette sensation indéfinissable de la paix et de la joie.

N'y a-t-il pas un charme touchant à voir le batelier courageux, luttant contre les vents déchaînés qui lancent son bateau d'un côté et d'autre, faisant face intrépidement à l'ouragan qui ébouriffe ses cheveux

et trempe ses vêtements revenir le soir tout transi vers la petite maison, où brille une lumière et où l'attend sa femme, en berçant leur enfant ?

N'est-il pas récompensé des labeurs de la journée par le sourire affectueux qui le reçoit, par le baiser qu'il dépose sur la bouche demi-close de son fils qui, mal réveillé, peut à peine étendre ses petits bras nus et murmurer – « Papa ! » – Ce simple mot crié par cette voix innocente et encore hésitante, ne renferme-t-il pas une récompense inestimable pour les peines subies pour ce chérubin tout petit et cependant souverain absolu de deux cœurs qu'il fait battre à son gré ? Cet homme, déshérité des fastes de la fortune, ne trouve-t-il pas dans sa modeste chaumière les joies intimes qui donnent le vrai bonheur ? Ils sont heureux ceux qui savent accepter leur sort, qui se laissent vivre, s'adonnant au travail et remerciant Dieu des biens dont Il leur fait don, sans souhaiter ce qu'ils ne pourront jamais avoir.

Le laboureur qui bêche la terre, qui la remue et la retourne pour la fertiliser, est l'emblème de l'homme de la nature, à qui il a été confié le devoir d'entretenir la vitalité de la création et de la perfectionner.

Celui-là travaille avec la sueur perlant sur son front bruni ; il se fatigue, il se donne de la peine ; et ces mains calleuses parlent haut de la manière dont il sait comprendre son devoir.

Il n'ambitionne pas le luxe pompeux des salons, où la pourpre se confond aux dorures ; il aime mieux voir ses champs lui rendre généreusement ce qu'il confia à la terre. Il est alors content et son âme s'épanouit à la vue de l'abondance qui doit le sauvegarder de la misère et l'aider à élever ses enfants.

A chaque arbre, à chaque plante s'attache un souvenir qui lui rappelle un autre encore plus cher. Il les a plantés de ces mains, il les a soignés, il les a vus grandir ; c'est donc à lui qu'ils doivent cette beauté que l'on admire.

Voilà sa petite maison qu'il a bâtie quand il était plus jeune ; elle est rustique, ses murs sont faits avec de la terre et son toit est couvert avec les feuilles sèches du palmier sauvage, aux pointes desquelles s'égoutte la pluie. Cette demeure, toute modeste qu'elle est, lui est chère cependant ; elle a vu naître ses enfants et a été témoin de ses efforts et

de ses bonnes intentions. Il a du plaisir à rassembler le soir, quand il fait beau, tout son monde devant sa porte.

Voyez comme ils sont contents en se préparant pour la danse à la clarté des étoiles, devant le feu pétillant qui dévore les branches sèches et illumine la scène de ces plaisirs innocents !

Assis à un endroit élevé, l'un d'un joue de la guitare pour faire danser hommes et femmes. C'est le bal des enfants de la nature offert à la propre nature. Sans apprêts, sans projets anticipés ils dansent et s'amuse : l'homme, pieds nus, la chemise d'étoffe grossière ouverte sur la poitrine, les manches retroussées ; la femme, avec sa robe à grands carreaux, découvrant la cheville qu'aucune chaussure ne gêne, un mouchoir aux couleurs vives emprisonnant ses cheveux, les voilà parés pour le plaisir.

Ils rient et boivent pour fêter ces instants de repos ; ils passent et repassent devant le feu qui projette leurs ombres comme des fantômes là-bas bien loin.

Sous quelque bananier, on voit le cheval du maître de la maison, habitué à ces scènes, y chercher un abri pour la nuit ; et, perchés aux branches des arbres on aperçoit coqs et poules qui crient de temps en temps, réveillés par quelque éclat de rire trop bruyant.

Ainsi, les heures passent fugitives, quand on est surpris d'entendre le premier chant du coq qui rappelle à la réalité ceux qui n'y pensaient plus guère. Ce sont alors des exclamations de regret, le bruit de bouteilles vides que l'on rassemble, la mère appelant ses enfants qui se sont laissé vaincre à demi par le sommeil ; et tous, avec le cœur plein, regagnent leurs lits, où ils ne tardent pas à s'endormir. Voilà une joie innocente qui ne laisse aucune arrière-pensée.

C'est un bonheur solide que possède, au milieu des fragilités de ce monde, celui qui se contente de peu, qui demande peu à la destinée, ne cherchant point à élever trop haut les désirs qui ne se rassasient jamais. Si le cœur humain pouvait se contenter de ce qui lui échoit en partage, on verrait plus grand nombre de satisfaits. Le bonheur tranquille, sans faste et sans bruit, est si doux, parce qu'il n'use pas le cœur qui, s'enivrant toujours,

ne pourrait plus éprouver les jouissances saines que le calme donne ; il lui faudrait constamment des plaisirs nouveaux pour exciter sa sensibilité.

Revenons sur nos pas et cherchons le bonheur intime et paisible, celui dont on peut jouir sans crainte de fatiguer le cœur trop tôt.

Regardons bien ; peu de personnes s'arrêtent dans le courant de leur vie pour jouir des biens qu'elles possèdent sans en avoir conscience. Qui sait s'il ne nous faudrait pas une lampe comme à Diogène ?

Mais non, nous ne cherchons pas une perfection ou des utopies. Nous ne voulons qu'être des témoins silencieux d'un fait qui existe bien en réalité, quoiqu'on ne semble pas y faire quelquefois attention.

J'ai trouvé ! Ma découverte n'est pas grande mais elle est agréable, car le cœur se laisse épancher doucement en présence de ce qui se conforme aux lois de la nature.

Là-bas, loin de la colline toute verdoyante, au bord du vallon fleuri, derrière des arbres soigneusement cultivés se détache une petite maison, et de la route qui la côtoie on entendait une voix fraîche et argentine chanter cette jolie strophe qui venait droit au cœur de ceux qui l'écoutaient :

Je pense à toi quand le soleil se lève,
 J'y pense encor quand il termine son cours
 Et si parfois, la nuit, je rêve,
 C'est au bonheur de t'aimer pour toujours.

C'était trouvé ! C'était vers cette voix pure que l'on irait chercher ce sentiment qui agite l'âme et qui fait celui qui en est témoin partager les douces émotions qu'il donne.

Une voix qui chante a le don d'attirer ceux qui l'entendent, c'est comme un fil magnétique qui met l'âme du chanteur en communication avec celle de ceux qui l'écoutent, en faisant vibrer quelque corde sensible.

La voix chantait toujours !

Devant une fenêtre dans un salon simple mais confortable et élégant, une jeune femme s'occupait à un travail d'aiguille, mais son cœur était trop plein et son âme trop heureuse pour se contenter de cette occupation.

Et elle chantait, jetant dans l'air des roulades, auxquelles elle prêtait le sens de ses pensées.

Plus loin, dans un coin, une petite fille, toute mignonne et gentille, jouait avec sa poupée. Elle n'était pas très contente, celle-là, car de temps en temps elle faisait la moue, en lançant des regards de désir du côté de son père qui, à demi couché dans sa berceuse, en caressant la tête du gros chien qui s'appuyait sur ses genoux, faisait semblant de ne pas s'apercevoir des œillades de la petite, mais s'attendant bien à voir éclater l'orage qui s'amoncelait de plus en plus. Il se berçait doucement, regardant quelquefois une *Vierge à la chaise* qu'il avait copiée et qu'il aimait particulièrement.

Cependant, sa pensée n'était pas à ce gracieux ensemble ; elle était à la jolie boudeuse qui laissait enfin évanouir ses projets de conduite réservée, voyant que l'on ne donnait pas d'importance à son juste ressentiment.

Elle n'y tint plus.

— Fi donc ! papa que c'est méchant de ne pas me laisser jouer avec le chien nous qui sommes si bons camarades.

— Ah ! c'est toi ! qu'est-ce que c'est ? qu'y a-t-il ? tu étais là ? et moi qui croyais que tu étais couchée, depuis longtemps ! mais c'est ta faute ; tu es tellement petite que l'on te prendrait pour ta poupée !

— Je ne suis pas petite. Voyez, je suis aussi haute que le piano ; et ma poupée ? c'est à peine si elle dépasse la pédale.

— Nenni, tu es bien petite ; et quand on boude, on ne grandit pas comme quelqu'un que je connais.

Elle n'en pouvait plus, c'était trop ; elle, qui avait si bien préparé son plan, se voir reléguée dans un coin sans l'attention de personne, et puis, être considérée petite, quand elle était parfaitement convaincue du contraire ! même ses robes qui devenaient courtes attestaient bien clairement qu'elle grandissait toujours.

Il n'y a rien de plus blessant, même pour les enfants que de se voir dérogé de l'importance que l'on s'attribue. Aussi, la jolie fillette se mit à pleurer à chaudes larmes, se croyant bien rabaissée par le dédain de son papa.

– Viens ici, Marie, ne pleure plus ; que c’est vilain de faire de la peine à sa maman et d’avoir les yeux rouges !

– Mais c’est que je ne suis pas petite, et vous le savez bien !

– Bon, encore ! est-ce que ça te tient au cœur si fort ? Est-ce que ta maman n’a pas été aussi petite que toi quand elle avait ton âge ? Et cependant elle ne s’en plaignait pas lorsqu’on le lui disait.

– L’avez-vous connue quand elle était petite pour le savoir ?

– Non, mais je l’ai entendu dire aux autres, et puis, ma petite Marie, quand on veut être plus qu’on est en réalité, c’est... quoi ?

– Je ne sais pas.

– C’est de la vanité. Lorsque tu sauras bien ton catéchisme, tu verras que la vanité est un péché.

– Mais je ne veux pas pécher ; maman dit que c’est mal.

– Tu es raisonnable maintenant. Prends ta place sur les genoux de papa, pendant que maman travaille pour la sage Marie.

Elle ne demandait pas mieux et ce fut avec le visage rayonnant de joie qu’elle sauta sur les genoux du tendre père qui l’embrassait de tout son cœur, se laissant caresser par cette mignonne créature dont la tête bouclée s’appuyait sur son épaule comme pour lui demander protection.

Elle oubliait sa rancune, qui s’était envolée bien vite comme un nuage de fumée qu’un coup de vent emporte. Elle ne pensait plus qu’à son père reconquis, qui la tenait pressée sur son cœur. Le grand chien prenait part aussi à la paix signée ; il léchait les mains de sa petite maîtresse et cachait le museau sous son tablier, comme pour demander au maître de ne pas le renvoyer.

– Laissez-moi jouer avec lui, papa, voyez comme il me caresse, pauvre bête.

– Tu l’aimes donc beaucoup ?

– Beaucoup. Il est si bon quand on joue avec lui ; il ne se fâche jamais lorsqu’on lui tire les oreilles ou lorsqu’on le harnache comme un cheval pour porter les poupées à la promenade ; il se laisse faire sans aucune mauvaise humeur, et puis, il est si intelligent. L’autre jour, jouant près du

fossé, la poupée, que maman m'a donnée le jour de ma fête, m'a échappée des mains et est tombée dans un endroit où je ne pouvais pas l'attraper. J'étais très triste et me mis à pleurer ; mais voilà qu'il court vers moi me regarde et, faisant un tour au bord du fossé, en flairant la terre, descend bien vite, prend la poupée dans sa bouche et me l'apporte, seulement avec quelques déchirures à sa robe et à son voile. Si vous saviez comme j'ai été contente de ravoïr ma poupée et comme j'aime son sauveur...

N'est-ce pas qu'il est intelligent ?

– Très-intelligent. Tu pourras jouer avec lui, mais à une condition, pourtant ; c'est que tu n'iras pas dehors, car d'autres chiens pourraient se prendre de querelle avec lui et te mordre.

– Que je suis contente, papa, et que vous êtes bon !

– Nous allons voir si tu seras obéissante et si tu feras ce que je te dis. Si tu es soumise et si tu apprends bien tes leçons, je te promets une récompense qui te fera beaucoup de plaisir.

– Laquelle ?

– La curieuse ! Ne saurais-tu attendre huit jours pour savoir ce que c'est ?

– Si vous ne voulez pas me le dire, je ne vous le demanderai pas, mais je vais y penser toute la nuit.

– Eh bien ! je vais te le dire ; tant pis si tu gâtes la surprise que je voulais te faire un beau matin à ton réveil. Dimanche prochain, nous nous lèverons de bonne heure et nous partirons tous pour aller pêcher au bord du fleuve, près de l'endroit où demeure le sauvage dont on t'a raconté l'histoire la semaine dernière. Nous irons le voir dans sa chaumière qui est très-curieuse, dit-on. Il a un peu pris nos habitudes et ne fait pas de mal à personne. On m'a dit même que, quelquefois, il chante quand on le lui demande. Ce n'est pas un bel homme, il est très-âgé et est bien loin d'être joli, mais c'est une créature du bon Dieu ; il faut la regarder comme telle et respecter en elle un vieillard qui aura bientôt disparu du monde. Maintenant que tu sais ce que tu voulais, va embrasser ta maman et endors-toi bien vite ; il est déjà tard.

La petite Marie s'en alla toute joyeuse le cœur débordant de bonheur, regagner sa chambre qui lui parut plus agréable que jamais, tellement elle voyait tout se conformer à ce qu'elle ressentait. Elle se coucha et bientôt tout avait disparu de son imagination, car elle dormait de ce sommeil profond, auquel, pour le rendre encore plus doux, préside un ange, couvrant de ses blanches ailes l'innocente petite créature qui sommeille, la tête enfouie sous ses cheveux éparpillés autour d'un front qu'aucune passion ne ternit encore.

Huit jours se passèrent, trop lentement pour l'impatience qui faisait désirer qu'ils fussent déjà loin.

Ne hâtons pas la marche du temps, car il passera sans se précipiter pour satisfaire ceux qui voudraient déjà être au lendemain.

Ne le hâtons pas ; un jour viendra hélas, où peut-être nous regretterons son passage que nous voudrions retarder.

Le dimanche tant souhaité arriva enfin.

On aurait dit une journée faite à propos pour l'amusement, tellement le soleil était clair, tellement tout brillait sous ses rayons naissants. Tout avait un air gai, à ce moment où les églises commencent leur carillon.

Voilà le fleuve dont on entend de loin le murmure et qui fait bondir de joie le cœur de la petite fille. Toute rose elle arrive la première, accompagnée du chien qui, lui aussi, prend part au contentement de sa jeune maîtresse.

On étale sur le gazon l'attirail apporté ; on sort appâts, hameçons et lignes. Marie, la plus pressée, se place entre son père et sa mère et fièrement lance dans l'eau son hameçon qui plonge immédiatement.

– Ça mord ! dit-elle. Voyez !

Et se tournant d'un seul bond, elle jette sur l'herbe un petit poisson à la queue rouge et aux écailles argentées qui se débat vainement dans la main qui le serre. Ils n'ont pas de chance, ces pêcheurs sans expérience, car, quoique le fleuve soit fertile, ils n'attrapent qu'une ou deux douzaines de poissons qui font triste figure devant tout l'équipage apporté pour cette partie de plaisir. Le chien même lance un regard piteux sur le panier qui contient le résultat de la pêche.

Il est dix heures ! Il fait déjà bien chaud à cet endroit si découvert, où le soleil va bientôt tomber d'aplomb. Il faut donc songer à aller ailleurs, où l'on pourra trouver une ombre rafraîchissante.

Les promeneurs déjeunent à l'entrée du bois et boivent dans le creux de la main de l'eau d'une fontaine. Ils sont si bien là, après avoir satisfait l'estomac qui avait faim, au milieu de cette nature tranquille, aux pieds de ces grands arbres des forêts vierges, respectés de la hache de l'homme !

C'est si bon de se sentir la paix dans le cœur dans cet isolement qui parle à l'âme, sentir le souffle léger qui, passant de feuille en feuille, recueillant ça et là les parfums de la nature, vient effleurer la joue de ceux qui y cherchent le repos ; et puis, trouver une parasite, une fleur que l'on cueille pour emporter un souvenir de ces jardins incultes et séculaires qui, même dans leur état sauvage, montrent un pouvoir suprême.

Marie fut la première à songer au but de leur voyage et à presser le départ pour la chaumière du pauvre indien qu'elle avait hâte de connaître, tant son imagination d'enfant était peuplée par le merveilleux qu'on lui avait raconté sur cet homme, qu'elle se figurait comme quelque esprit revenant des pays enchantés, dont lui parlait sa bonne, une vieille radoteuse, quand elle était petite et qu'elle ne voulait pas dormir.

Près d'une pente rapide et rocailleuse, où passe un petit courant d'eau limpide et sous un cèdre gigantesque qui dresse aux nues ses branches tortueuses, s'élève la pauvre chaumière de l'indien qui excite tant de curiosité. Plus loin est son champ où il travaille.

Au centre de la chaumière qui n'a aucune division sont trois branches d'arbre droites, avec une pointe à terre et trois autres réunies en l'air par une corde d'écorce, en forme de trépied, d'où pend une marmite de pierre, sous laquelle pétille un petit feu qu'attise le sauvage assis sur un morceau de bois, seul siège que l'on voit chez lui.

C'est un homme assez haut, figure cuivrée, à la barbe rare et blanche, aux cheveux longs et épais, d'une blancheur un peu jaunâtre ; le front bas, les lèvres grosses.

Pour tout vêtement il n'a qu'un pantalon court coupé aux genoux, un manteau comme le *péplum* des dames grecques, des plumes aux

couleurs éclatantes autour de la ceinture, au cou et à la tête, en forme de diadème. Aux genoux et aux chevilles des colliers de dents d'animaux et de petits cailloux qui, au moindre mouvement, font entendre un cliquetis comme les pièces de monnaie qui s'entrechoquent.

A la vue de ses visiteurs il les salue en balançant la tête de haut en bas et après se met à les considérer d'un air défiant.

Il se lève et commence à marcher autour d'eux en les examinant à plusieurs reprises. Quoique cet examen ne soit pas très-rassurant, ils tâchent de faire bonne figure. C'est Marie qui a bien peur ; aussi, elle prend le panier qui contient le résultat de la pêche et le met dans les mains du sauvage dont la figure s'épanouit aussitôt, car il comprend qu'il est devant des amis.

Il remercie la petite en baisant la terre. Il cause, parlant un patois que l'on comprend facilement et qui, dans sa bouche, a un certain cachet d'originalité. Il répond longuement aux plus petites questions qu'on lui fait. Il montre ses armes, ses instruments d'agriculture et de musique ; il joue à quelques-uns pour faire voir leur harmonie et, se laissant entraîner par ce qui lui rappelle son temps de liberté celui où il vécut réellement, il se met à raconter sa vie, s'aidant de la mimique pour suppléer à ce que sa langue rebelle se refuse à dire.

Laissons-lui la parole et écoutons.

LES PLAINTES DU SAUVAGE

« Né au bord d'un grand fleuve, dans le désert où les blancs n'avaient pas encore pénétré, je fus élevé par ma mère jusqu'à l'âge de quatre ans et après j'accompagnai mon père dans ses voyages. J'appris à manier la *tacape* (1) et les flèches et nul autre au combat n'était plus habile que moi. Je reçus de mon père le nom d'un bel oiseau, mais à la guerre je conquis celui que je porte et qui atteste mes exploits.

« J'accompagnais le cerf dans sa course vélocé, j'imitais le chant du hibou, je trompais la colombe à la poitrine d'argent, en roucoulant

comme le ramier, et quand la lune, à travers le feuillage touffu des arbres, ne se montrait qu'à demi, (2) j'étais le premier à étendre sur le sol le tronc que je destinais à la construction.

« Un jour, quand le *sabiá* (3) commence à chanter, le *pagé* (4) vint à notre village. Tout y était orné pour le recevoir, tous mes compagnons baissaient la tête pour entendre ce qu'il allait dire, inspiré par les esprits qu'il avait consultés dans sa caverne noire.

« Il marcha vers moi et me parla ainsi :

« Tu seras chef. Les esprits m'ont dit que tu seras le premier à la guerre et que c'est toi qui feras le plus grand nombre de prisonniers. »

« Je baisai les pieds de celui qui parlait au nom des esprits terribles et vénérés.

« Un jour, le soleil était haut, quand *l'inubia* (5) retentit dans le désert et l'écho, lui répondant, répétait le bruit qui nous appelait au combat, pendant qu'une pluie de flèches enflammées tombaient sur nos chaumières et tuaient nos enfants.

« Nous sautâmes tous de nos hamacs et nous élançâmes dehors, guidés par la haine qu'allumaient dans nos cœurs ceux qui nous défiaient.

« La lutte fut longue et le sang rougit la terre où les plantes ne pousseront plus. Avec ma tacape j'ôtai la vie à plusieurs et en fis autant de prisonniers qu'il y a de doigts dans mes mains. (6)

« L'ennemi fut vaincu et s'enfuit dans la plaine, comme l'hirondelle qui fuit la flèche du chasseur.

« Les prisonniers furent amenés dans notre village. O les beaux jours de fête ! J'étais devenu le chef, comme l'avait dit le pagé, et c'était moi qui présidais aux danses, pendant que l'un de mes guerriers donnait la mort au prisonnier, dont les membres allaient être préparés par les femmes pour le festin des vaillants. Autant de prisonniers, autant de jours de fête.

« Nulle hutte n'avait à sa porte autant d'os d'ennemis vaincus que la mienne.

« J'étais heureux et mes guerriers l'étaient aussi ; mais les génies de la montagne me tourmentèrent et me firent quitter mon village, pour aller loin chercher le fleuve où l'on trouve des paillettes d'argent (7). Je

consultai le vol des oiseaux et nous nous mîmes aussitôt en marche. Nous nous arrê tâmes près d'un fleuve qui va finir dans la nappe bleue, que les blancs appellent la mer. Ce n'était pas celui que nous cherchions, mais nous étions fatigués et nos enfants avaient faim.

« Nous refîmes au rivage la hutte de nos aïeux, mais le soir même le hibou chanta sur le grand arbre et les mauvais esprits nous poursuivirent.

« Un jour les blancs fondirent sur nous avec des armes qui vomissent du feu comme lorsque *Tupá* (8) gronde. Plusieurs guerriers furent pris et d'autres tués.

« Les prisonniers furent emmenés dans une maison grande et blanche, où on les habilla comme les blancs qui leur enseignaient à parler la langue qu'ils disent que les bons esprits parlent.

« J'appris à la parler, mais j'aime mieux ma langue, celle que je parlais quand j'étais heureux.

« Mes compagnons de la maison blanche sont tous morts ; il ne reste plus que moi qui, aussitôt mis en liberté, me sauvai ici où personne ne me tourmente. Je ne puis courir vers ceux qui m'attendent, car mes jambes se refusent aux courses vagabondes auxquelles elles étaient habituées. »

Il se tut, le pauvre sauvage, baissa la tête et ne parla plus. On voyait bien qu'il souffrait et que l'âme, qu'enveloppait cette nature rude, avait le sentiment du regret qu'allumait en elle ce qu'il venait de raconter.

Les visiteurs s'éloignèrent, respectant le silence du vieillard qui ne bougea plus que quand ils furent loin et qu'il alla vers eux, pour mettre dans les mains de la petite un oiseau au plumage bleu, aux yeux effarés, tout étonné de passer des mains de celui qui l'avait captivé à celles de cette fillette qui lui lissait la tête.

La nuit était déjà avancée, quand Marie et ses parents rentrèrent chez eux.

Le petit oiseau au plumage bleu s'apprivoisa avec sa maîtresse, et dès le commencement fit bonne camaraderie avec le chien qui le regardait paternellement dans sa cage, sans jamais avoir la tentation de le croquer à belles dents.

Longtemps encore on parla du sauvage qui vivait là-bas si seul, et principalement quand on attendait le gai ramage de l’oiseau.

C’était un plaisir de le voir chanter, on aurait dit qu’il voulait aider à égayer cette maison qui respirait un air de joyeux confortable.

Une fois, cependant, l’oiseau se tut, le chien n’aboya plus, l’enfant ne courut plus dans la maison avec ses compagnons de jeu.

Le spectre, qui saisit les enfants à la gorge, s’abattit sur la petite Marie qui ne quittait plus le lit où, les yeux secs et les joues en feu, elle se retournait vers son père et sa mère qui guettaient anxieux quelques symptômes que leur apportât l’espoir qu’ils sentaient les abandonner.

Aux pieds du lit était couché le chien qui, de temps en temps, regardait avec les yeux langoureux celle qui souffrait et qu’il ne pouvait soulager. Le petit oiseau aussi ne chantait presque plus ; il avait hérissé son plumage et cachait la tête sous son aile, semblant deviner que le malheur menaçait cette maison naguère si heureuse.

Un mois se passa ainsi, dans le doute cruel, où les jours se succédaient les uns aux autres, sans montrer au loin une étoile qui donnât une lueur d’espoir ; et, pendant la nuit sombre, quand le père éploré ou la mère désolée se promenaient, chacun à son tour, d’un côté à l’autre, avec l’enfant pour lui reposer le corps frêle, la maladie allait son train, sans s’inquiéter des larmes qu’elle faisait verser.

Une nuit, cependant, où le mal de la petite atteint son paroxysme⁴⁷ et que tout devenait de plus en plus triste dans la maison, une violente tempête, à l’aube, éclata dans les airs, faisant trembler les vitres des fenêtres fermées.

Chose étrange ! en ces moments d’affliction où la nature même semblait se comploter pour augmenter la tristesse de ceux qui voyaient fuir leur joie, on entendit l’oiseau donné par le sauvage chanter d’abord timidement et puis, de plus en plus haut et plus fréquemment.

Eveillé par cette joie qui éclatait dans de si douloureux moments, le chien se redressa et posant les pattes sur le lit de la malade, semblait

⁴⁷ Após 1835, os dicionários já grafam a forma atual - “paroxysme”. (N. do T.)

l'appeller pour prendre sa part au joyeux chant. Mais elle était trop faible pour s'associer à ce qu'elle aimait, et, sa main, passant sur la tête de l'animal, fut le seul signe qu'elle avait compris cette muette pensée.

Qu'il faut peu pour rendre l'espérance à celui qui s'attache à toutes les branches pour atteindre le port où est le salut ! Cette simple caresse de Marie au chien rendit un peu l'espoir à sa mère et puis, ce chant de l'oiseau semblait de bon augure à son cœur meurtri et lui rappelait ces délicieuses strophes de M. Lemoyne :

Un rossignol chantait le soir d'un grand orage...
 Sur la haute forêt, quand la foudre éclatait
 Quand, sillonnés d'éclairs, pluie et vent faisaient rage,
 Un seul oiseau des bois, le rossignol, chantait.

Ayant fermé l'oreille aux bruits de la tempête,
 En rassurant son nid qu'abandonnait le jour,
 Il disait au printemps la musique de fête,
 Où débordait son cœur, un cœur ivre d'amour.

Secouant sont antique et verte chevelure,
 Quand toute la forêt sous le vent se tordait,
 Aux tonnerres du ciel la voix fervente et pure
 Comme un alléluia sans trouble répondait.

Et lorsque s'apaisait le souffle des rafales,
 Laisant un peu de calme à l'oiseau du printemps,
 Alors on entendait, à rares intervalles,
 L'hymne de joie éclore en bouquets éclatants.

Dans l'héroïque espoir de fatiguer l'orage,
 Qui s'éloignait enfin en longs roulements sourds,
 Sans perdre un seul instant sa voix ni son courage,
 Le petit rossignol vainqueur chantait toujours.

Quand la sombre tempête eut balayé ses voiles
 Du ciel rasséréiné, le chant triomphateur
 Montait jusqu'aux points d'or des premières étoiles
 Qui de haut rayonnaient sur le divin chanteur.

.....

Le rossignol avait eu raison de chanter et le petit oiseau bleu avait raison aussi, car l'ange de la mort, faisant grâce à une âme, laissa Marie à la tendresse de ceux qui l'aimaient !

(1) TACAPE. – Espèce de massue employée dans les combats corps à corps.

(2) – Les sauvages connaissaient l'influence des différentes phases de la lune sur le bois à abattre pour la construction.

(3) SABIÁ. – Oiseau au plumage brun, plus petit qu'un pigeon, dont le chant est très aimé au Brésil.

(4) PAGÉ. – Sorcier qui exerçait une grande influence dans l'esprit des sauvages. Avant d'arriver à l'autorité dont il jouissait, le pagé passait par les épreuves les plus difficiles, auxquelles, quelquefois, il ne résistait pas.

(5) INUBIA. – Instrument martial qui servait dans les combats pour défier l'ennemi.

(6) – Quelques tribus ne savaient compter que jusqu'à 5. Au-dessus de 5 elles disaient tuba – beaucoup.

(7) – En 1525 et 1526, deux navigateurs espagnols remontèrent le fleuve Solís et y virent des sauvages avec des morceaux d'argent entre les mains. Dès lors le fleuve prit le nom de Rio da Prata (fleuve de l'argent) nom sous lequel il est connu aujourd'hui.

(8) TUPÁ. – Seigneur de la foudre.

L'idée d'un être suprême ne se manifestait dans l'esprit des sauvages que par la terreur que leur inspirait le tonnerre, la foudre etc.

Cette crainte sauva d'une mort atroce un portugais naufragé qui eut l'idée de tirer sur un oiseau avec son fusil.

De là l'anecdote très-connue du Caramurú.

Appréciation des « Causeries Familiales »

NOTRE CONCOURSE LITTÉRAIRE



NOTRE concours littéraire a été spécialement intéressant ; le nombre des manuscrits, relativement assez considérable, leur mérite, témoignent encore en faveur du concours ; on sent que des efforts ont été faits.

Evidemment, d'un sujet désigné, il faut savoir tirer parti ; nous avons indiqué qu'il devait être question d'animaux, et les chiens ont eu une large part, mais nous avons dû donner le premier pas précisément à ceux qui s'occupaient d'animaux moins vulgarisés, moins à la portée de tous, que ce cher ami et compagnon de l'homme ; nous devions aussi éloigner les récits où la banalité était trop visible. Précisément, le nombre des concurrents nous a rendu le jugement plus difficile.

Deux manuscrits très-bien faits, l'un nous donnant la touchante histoire d'un cheval, ce qui sort de la banalité ; l'autre de deux chats et d'une tourterelle nous ont paru mériter de partager le premier prix.

Nous les publierons dans nos colonnes.

Nous devons dire, que les étrangères concourent avec beaucoup d'entrain et non sans mérite.

Si la langue française subit dans leurs manuscrits des tournures auxquelles nous sommes peu habitués, mais qui ne manquent pas de pittoresque, le côté sentiment, idéal, pathétique y est bien plus profond que dans les compositions françaises, où la sécheresse de forme et de fond, le manque d'imagination, la trivialité dominant trop souvent.

Parmi les étrangères qui ont concouru nous devons signaler deux sœurs brésiliennes, M.^{elles} Amelia et Altina Gomes de Azevedo qui nous envoient leurs manuscrits du Monte Himalaya !

N'est-ce pas curieux de recevoir d'un pays si éloigné, ces pages écrites en un français fort correct, et très soigneusement transcrites d'une large et franche écriture par deux jeunes filles ? Leur travail soigné est bien fouillé. Nos lectrices en jugeront prochainement.

Nous leur reprocherons peut-être de ne pas avoir placé pour sujet principal de la composition le sujet imposé et de n'en avoir fait pour ainsi dire que l'accessoire, ce qui leur est une infériorité sur les personnes qui ont obtenu le premier prix.

M.^{elles} Amelia et Altina ont cependant su encastrer dans leurs récits des épisodes de mœurs brésiliennes très curieuses ; le récit de M.^{elle} Amelia UNE PAGE AU BRÉSIL, nous initie à certaines mœurs du sauvage.

« L'Indien personnifie, nous écrit-elle, le Brésil à l'état de nature, et quoique nous soyons dans le siècle du progrès, il y a certaines parties du pays où l'on trouve encore des sauvages dans leur condition primitive. »

Les descriptions sont soignées, la partie morale élevée. De plus, notre jeune concurrente a ajouté des notes sur des termes indigènes, dont nous n'aurions pu saisir la véritable signification.

Nous lui décernons le second prix n. 1.

UNE JOURNÉE DE NOËL écrite par sa jeune sœur, M.^{elle} Altina, se fait remarquer par les mêmes qualités, seulement à un degré moindre pour le côté technique, provenant, nous le supposons, de la différence d'âge. Nous remarquons surtout l'idée du bien et de la morale qui distingue son travail comme celui de sa sœur.

Nous lui décernons le troisième prix n. 1.

Nous aimerions à publier son récit pour les fêtes de Noël. Le temps lui paraîtra peut-être un peu long, mais elle sera récompensée par l'à-propos qui le fera mieux apprécier des lecteurs.

Trois jours au Monte Himalaya (*)



N'écivant ces lignes, peut-être vais-je faire croire qu'il s'agit d'un long voyage aux mille péripéties, que j'ai traversé des sites lointains sous un soleil doré, que je me suis trouvée en présence de quelques-uns de ces animaux qui nous inspirent admiration et terreur, que j'ai entrevu en frissonnant le poil soyeux du tigre à la rage fougueuse. Non ; j'ai voyagé, mais mon voyage a été court et ne m'a pas fourni ces sensations qui mettent l'âme en soubresaut, nous faisant trembler devant quelque danger souvent imaginaire. Mon voyage a été petit, mais j'en ai rapporté les plus doux souvenirs et l'impression la plus suave qui laisseront en mon cœur la paix tranquille sans nuages et sans trouble.

Xavier de Maistre, assis devant sa table, n'a-t-il pas trouvé de quoi écrire, en laissant voyager son esprit curieux autour de l'enclos de sa modeste chambre ? N'a-t-il pas trouvé du charme, de la poésie dans tous ces meubles, dans ces coins cachés qui lui étaient familiers ? Ne savait-il pas comprendre le langage muet que chaque objet lui parlait ?

De même, dans mon voyage sans appareil, j'ai laissé mon âme avide s'enivrer d'une poésie majestueuse, dont les parfums inconnus m'ont mise en communion avec ce que Dieu nous offre dans sa libéralité sans bornes ; et cette communion, en mon cœur ravi, ralluma le sentiment d'admiration profonde pour les merveilles qui nous entourent, merveilles sans nombre que le Créateur seul, de son œil infini, peut compter.

Oubliant le monde avec ses futilités vaines, les petites choses qui nous tiennent en émoi, qui nous poussent toujours, ne sommes-nous pas heureux de nous extasier devant ce qui nous parle d'un monde meilleur, des beautés infinies rêvées par l'imagination ardente qui ne connaît point de limites, quand son vol rapide, dans les régions d'azur,

(*) Présenté au concours littéraire ouvert à Paris en 1893 par *Les Causeries Familiales*.
Premier prix.

cherche à se frayer le passage qui la conduira à ce mystère sublime de l'éternité ? Et ne sommes-nous point à chaque pas portés vers cette méditation qui allège le cœur et fait songer l'esprit ?

La modeste petite fleur, se tournant vers le ciel qu'elle reflète en sa corolle et qui reçoit pleine d'amour les premiers baisers du soleil naissant, nous communique dans son silence éloquent un sentiment de reconnaissance et la nécessité de nous prosterner devant le pouvoir suprême.

Tout dans la nature atteste ce pouvoir, depuis la goutte de rosée qui perle sur le vert feuillage du jeune arbrisseau jusqu'à l'arbre gigantesque, dressant aux nues ses branches rougueuses comme un défi à l'ouragan qui se déchaîne contre son imposante majesté.

Songeant à ce concert de magnificences naïves dans leur auguste grandeur, je n'ai point voulu choisir le tourbillon qui enivre, je n'ai point voulu des beautés factices où le naturel est terni, où la réalité souvent disparaît sous les plis lourds de la vanité humaine.

Je tenais à oublier le mouvement perpétuel de la société et à reposer mon esprit pour puiser, loin du bruit des villes tapageuses, un confort pour longtemps. Je voulais changer de milieu et comme les oiseaux migrateurs, aller ailleurs me réchauffer sous de nouveaux rayons de soleil et tressaillir aux brises parfumées et inconnues à ma joue brûlée par les soucis de la vie.

J'eus raison dans mon choix et jamais, tant que le cœur battra en mon sein, je n'oublierai ces jours passés sous un ciel bleu et sans nuages là, où les arbres toujours verts de la montagne élevée semblaient toucher la voûte qui se colorait de feux brillants.

Jamais je n'oublierai mon impression lorsque, mes yeux habitués aux douces demi-teintes de la route ombragée par les arbres de la forêt, qui a vu bien des siècles se passer, découvrirent une clairière éclatante de lumière où la vie se manifestait en tout ! J'avais joui en silence du charme du chemin étroit et tortueux, serpentant dans la forêt imposante avec sa grandeur, tapissée de feuilles mortes que l'aquilon avait jetées

sur le sol prodigue, où elles avaient été nourries de sa vigueur vivifiante. Ça et là quelques fleurs sauvages, aux tons harmonieux ou éclatants, se détachant de ce fond de verdure éternelle, comme pour interrompre le spectacle de ces arbres dont les branches s'entrelaçaient et que la liane, mince ou grossie par l'âge, entourait tel qu'un serpent de mille bras.

Je laissais flotter les rênes de mon docile coursier et je me plaisais à le voir de temps en temps brouter l'herbe fraîche, rassasiant la faim qui l'aiguillonnait peut-être, car la route était longue et la pauvre bête marchait toujours. C'était un cheval blanc, intelligent et doux ; et quoique je m'abandonnasse à de longues rêveries, il semblait comprendre que malgré cela j'avais hâte d'arriver au terme de mon voyage ; de temps en temps il pressait la pas et nous avançons.

Nous atteignîmes enfin une plaine dans une gorge de montagne où, parmi les ronces aux pointes aiguës et recourbées, se détachaient des goiabeiras aux fruits appétissants. J'en fus contente ; et ces fruits frais et doux furent un vrai régal pour mes compagnons et pour moi. Ranimés, nous pressâmes nos montures pour traverser le ruisseau qui coulait tranquillement en coupant le chemin.

Cette eau limpide, qui nous avait désaltérés, éclaboussait nos vêtements couverts de poussière que quatre heures de marche nous avait fait ramasser sur la route.

Il nous fallait ensuite monter le versant de la montagne ; c'était le plus difficile du chemin et ce qui nous fatiguait le plus, mais nous vainquîmes cette difficulté ; elle nous prépara à mieux savourer l'agréable sensation de nous trouver enfin, au moment, où le soleil couchant dessinait sur le ciel limpide de longs rayons pourpres, dans une grande plantation de café, première richesse du pays. Nous nous arrêtâmes pour contempler le site qui se présentait à nos yeux et c'était charmant ! Sous un ciel embrasé, dont les tons chauds se reflétaient sur les champs, brillaient, dans leur feuillage vert, les arbres du caféier, dont les branches ployaient vers la terre sous le poids d'innombrables baies rouges, formant des rosaces.

C'était là le résultat du travail continu de l'homme uni à l'exubérance que la nature donne à ce sol fertile.

Nous avançons au pas, contemplant ces arbres si chargés ; le silence que la contemplation nous faisait garder était interrompu par le murmure d'un courant d'eau au fond d'une vallée, parallèle au chemin que nous suivions.

Je trouvais de la poésie dans cette prodigalité de la nature, dans le silence que nous gardions, dans le murmure de l'eau, dans une petite maison toute blanche près du ruisseau, qui nous parut d'abord un ermitage solitaire, mais en arrivant plus près nous pûmes nous assurer que c'était un moulin dont la roue, aux cubes solides, recevait le jet d'eau que son impétuosité lui lançait.

Bientôt nous aperçûmes le toit d'une maison, mais ce ne fut qu'à notre arrivée au porton que nous pûmes d'un seul coup d'œil les distinguer toutes ; il y en avait dix et deux en construction, formant une espèce d'amphithéâtre.

Nous étions enfin arrivés et j'étais heureuse, car je savais que sous ce toit enfoui si loin, un petit cœur m'attendait, cœur de véritable amie qui battait en silence, en se demandant si nous allions bientôt arriver.

Combien de fois peut-être ma bonne amie n'avait-elle pas senti l'espérance s'envoler, voyant fuir les heures, le soleil se coucher sans qu'elle pût deviner au loin une ombre qui dit à son cœur aimant : « ils arrivent. »

J'étais sûre d'être attendue et le plaisir de revoir ma chère petite amie me faisait battre le cœur avec les mêmes sensations que le sien éprouvait. N'est-ce pas si doux de se sentir sincèrement aimé et aimé par un cœur dévoué qui n'apporte dans son amitié que la pureté de ce sentiment divin ?

En arrivant, la première chose qui me frappa la vue ce fut la silhouette de ma petite Cecy qui m'attendait penchée à sa fenêtre. Nos regards se croisèrent, et il y avait dans ce regard échangé de si loin tant de promesses de douces jouissances pour ces trois jours où je devais

respirer avec elle le même air embaumé de sa Thébaïde. Je la pressai avec transport sur mon cœur et c'était plaisir de voir comme ses yeux, vrais miroirs de l'âme, reflétaient le contentement que notre arrivée lui donnait. Là où l'amitié existe il y a toujours ces douces sensations inexprimables et inconnues.

Le reste de la journée, que je promis bien à Cecy qui ne compterait pour rien au temps de notre séjour chez elle, se passa dans l'intimité, dans l'agréable abandon de la vie de famille, échangeant nos pensées, communiquant des nouvelles et ainsi les heures filèrent rapidement et la nuit arriva.

Nuit calme et tranquille, pleine de charme pour moi qui goûtais avec reconnaissance le repos nécessaire dans le silence d'une petite chambre. La lune, arrondie et toute grande dans un ciel étoilé, jetait sur la nature une pâle clarté si douce et si suave que l'on se sentait envahi par un grand bien être. Je me penchai à ma fenêtre et laissai errer mes regards sur le paysage enchanteur qui m'attirait. Je voyais des bouquets touffus d'orangers, dont l'ombre se dessinait sur le sol, tandis que leurs sommets étaient baignés par cette lueur si agréable. Quel beau contraste que cette lumière si douce, se fondant dans l'ombre non moins douce! Mais ce qui frappa le plus mes yeux ce fut l'effet vraiment joli produit par les bananiers dont les feuilles longues et d'un vert clair, agitées par la brise se montraient à la lune qui les illuminait. Cette lumière se promenait sur ces feuilles qui, se balançant constamment, formaient un coup-d'œil charmant.

Je ne pouvais me décider à quitter la fenêtre ; j'étais charmée, et puis ce silence si profond dans la nature et dans la maison endormie me portait à la méditation. J'oubliais même la fatigue de ce jour de voyage, tellement quelquefois l'esprit domine la matière.

Je ne saurais dire à quelle heure je regagnai mon lit pour songer au repos. Je m'endormis enfin et n'entendis plus l'horloge sonner les heures.

Quel bon sommeil dans ce lit confortable qui me rapporta, dans l'obscurité de la chambre, le souvenir de l'amie que j'avais eu tant de

bonheur à revoir ! Quel rêve drôle ! quoique je n'aie jamais attaché d'importance aux divagations de l'esprit, je racontai à Cecy ce songe qui, heureusement, n'avait pas l'horreur de celui d'Athalie.

Dans cette nuit tranquille où rien ne troublait le silence imposant de la nature, nous voguions sur les eaux silencieuses d'un lac aux bords tapissés de gazon. Cecy, si timide en général et si gamine avec moi, était éclatante de jeunesse, effeuillant un magnifique bouquet de fleurs aussi blanches que sa belle robe, les jetant à l'eau et m'en couronnant. Je la regardais avec attendrissement, il me semblait lire dans sa jeune âme comme dans un livre ouvert et quand mes yeux se détachèrent de ses mains espiègles, qui taquinaient les fleurs j'aperçus, ô surprise, au haut d'une montagne, au bout d'un chemin difficile et malaisé, une toute petite maison surmontée d'une croix et nimbée d'une lumière céleste, derrière laquelle se détachait le ciel radieux et pur de notre pays. Je montrai à Cecy l'apparition, et la lumière céleste, dans un long rayon resplendissant, nous enveloppa toutes deux, tandis que les dernières fleurs du bouquet gisaient à nos pieds.

La vision disparut et je me reveillai toute étonnée de voir, au lieu du lac, de la maison à la croix magique, ma chambre envahie par les rayons brillants du soleil naissant.

La première journée passée au Monte Himalaya, — ce n'est point la montagne célèbre qui jette entre l'Inde et le Céleste Empire son corps gigantesque, mais une propriété qu'au Brésil on appelle *fazenda*, c'est-à-dire ferme, — fut employée à parcourir ce qui se trouvait le plus près de nous.

Nous commençâmes par la fabrique, vaste bâtiment où se trouvent toutes les machineries nécessaires au travail industriel de l'établissement, où l'on prépare le café pour être vendu au marché.

Nous visitâmes ensuite les maisons des colons. Ces maisons sont très grandes, divisées en quatre ou six parties, selon leur longueur ; et chaque famille, d'après le nombre de personnes qu'elle a, occupe une partie de 4 à 6 chambres, vivant indépendamment de leurs voisins. Ces

colons sont portugais et comme c'était un dimanche et que nous étions attendus, leurs maisons étaient proprement préparées. Dans la salle, où, d'ordinaire ils reçoivent leurs visites, se trouve sur une table contre le mur une image du saint de leur dévotion, entourée de mille bibelots que les enfants se plaisent à y mettre pour garnir la table qui soutient de deux côtés de longues feuilles de *palmito*, palme naturelle que la terre donne.

Aussitôt arrivés dans une maison venaient tous les petits enfants en foule nous baiser la main, les femmes et les filles dans leur costume déjà brésilien, le chef de la famille, quelquefois gauche devant des gens qu'il n'avait jamais vus et s'efforçant de son mieux pour être obséquieux et poli.

Les bols de café fumants étaient apportés avec des plats chargés de gateaux et de pain. Il nous pressaient de boire et de manger ; nous étions contraints de leur obéir sous peine de chagriner ces bonnes gens rustiques, qui verraient dans un refus de notre part une preuve de dédain pour leur infériorité. Nous n'avions garde de leur faire de la peine ; mais, aller chez quelques vingt familles et toujours boire et manger c'était chose impossible pour un estomac, quelque peu sobre qu'il fût.

Aussi, ce fut une véritable corvée que cette politesse oblige, et nous n'échappâmes à ces difficultés qu'en sirotant le café des dernières familles et acceptant leurs gateaux pour manger le lendemain, sous prétexte qu'ils seraient excellents alors.

Quelle averse de gâteaux ! et puis les poulets et les œufs que les jeunes filles nous obligeaient à accepter ! A notre retour à la maison grande, comme ils appellent l'habitation du propriétaire, nous étions suivis d'une foule immense de garçons et de petites filles qui portaient les cadeaux de leurs parents, dont nous eussions été fort embarrassés pendant le trajet.

Dans la plupart des fazendas, c'est le système adopté pour les propriétés rurales : des familles qui travaillent et qui, à la fin de l'année, donnent au propriétaire la moitié des intérêts qu'elles ont eus à la vente de leur café. La colonisation européenne est parsemée partout ; elle a substitué l'esclavage qu'un coup du gouvernement fit disparaître subitement.

Quoiqu'il puisse sembler que les propriétaires ruraux doivent être mécontents du changement, il n'en est rien, car ils ont plus de tranquillité et de liberté qu'au temps de l'esclavage, où leur vie était souvent entre les mains des esclaves, ces masses brutes aux mauvais instincts. La transition seule a été pénible, en provoquant l'écroulement de fortunes mal affermies.

Nous nous proposâmes pour le lendemain une belle excursion. Il s'agissait de nous lever de grand matin et d'aller attendre le soleil sur le point le plus haut de la montagne. Il faut remarquer que les habitations de cette fazenda son placées sur un vaste plateau et que tout autour ce sont des montagens.

A quatre heures du matin nous partions pour notre ascencion, munis de nos paniers de mets pour notre déjeûner au grand air.

La lune était levée et illuminait la nature encore endormie, tandis que nous montions toujours jusqu'à ce que nous arrivâmes près d'un cèdre, derrière les branches duquel il nous semblait que le bel astre se tenait.

Quel silence imposant ! quelle majesté dans l'aube, succédant, dans les premiers feux du matin, à cette nuit illuminée ! Horizon magnifique que l'aurore colorait de légers nuages fuyants d'un violet pourpre ! La clarté encore indécise de l'astre lointain envahissait le ciel comme l'avant-coureur de l'éclat prochain du jour.

Du cime du mont nous dominions un paysage immense qui se déroulait à nos yeux avec tout ce qu'on peut désirer de charmant dans l'effet d'une perspective naturelle. C'étaient d'immenses chaînes de montagnes qui nous semblaient couvertes de neige, tellement les vapeurs du matin formaient une espèce de linceul transparent qui les enveloppait ; les vastes plaines, encore brumeuses, nous offraient le spectacle d'une mer tranquille, baignant ces élévations d'un gris violacé que les rayons du soleil dessinaient clairement.

Là-bas, à l'horizon si lointain, notre regard curieux pouvait encore deviner quelque chose comme des glaciers gigantesques et enfouis. C'étaient des terres à plus de quarante lieues de nous. On pouvait apercevoir où se trouvaient quelques villes, des fleuves, etc. Déviant les yeux du paysage

féérique si éloigné, nous regardions avec ravissement à l'orient lumineux l'approche du soleil qui se montrait enfin dans tout l'éclat de sa grandeur sans égale, lançant de tous côtés ses rayons de feu, chassant la douce et timide clarté que la nuit avait laissée à la nature comme un dernier adieu. Tout se ranima sous cette chaleur vivifiante ; les arbres, rafraîchis pendant la nuit, semblaient sourire à l'astre qu'ils saluaient, en lui montrant leurs belles parures où perlaient les gouttes tremblantes de rosée.

Les oiseaux, quittant leurs nids capitonnés de fines herbes, à la vue du soleil, saluaient, eux aussi, le créateur qui leur donne toujours la pâture. Quel concert que le ramage de ces petits chanteurs qui volaient, dans une joie communicative, d'une branche à l'autre, battant les ailes, se poursuivant dans les airs ! Ce chant si gai est l'hymne que ces petits êtres envoient à Dieu.

Quelle grandeur, quelle imposante majesté dans l'œuvre du Créateur considérée de cet endroit ! Nous nous sentions émus devant le spectacle qui se révélait à nos yeux, car de toute part où ils se tournaient ils voyaient des preuves immenses d'un grand pouvoir.

L'astre radieux qui nous illuminait, la voûte azurée qui nous couvrait, cette masse gigantesque d'une terre prodigue, quelle union éloquente pour exprimer un mystère sublime et unique sortant des mains d'un Dieu infiniment bon ! Quelle libéralité grandiose dans la conception de cette œuvre née dans le néant ! quels bienfaits ne renferme-t-elle pas pour l'homme dont la petitesse ressort dans cette immensité infinie ! L'âme sensible devient rêveuse devant cette grandeur qui la frappe et lui parle d'une voix mystérieuse et sympathique.

Tout dans la nature, à notre âme ravie, se prête une autre âme pour parler à la nôtre, pour établir une magnétique communion d'idées entre notre esprit pensant et ces créations que la sagesse divine a engendrées, et plus notre âme s'unit à elles, plus il y a comme un fluide de sympathie entre elles et nous.

Aussi, il nous semblait que nous nous identifions dans tout ce qu'il y avait de grand dans ce réveil de la nature, dans cette journée naissante, nous, si insignifiants devant tant de grandeur.

Le soleil avait doré toute la campagne et fondu la brume qui couvrait les montagnes lointaines que nous admirions, lorsque nous songeâmes à notre déjeuner. Notre repas fut le plus gai possible, nous nous sentions si bien, assis sur l'herbe fraîche, l'âme tranquille et le cœur content, tout en nous respirait la paix qui nous entourait.

Nous rangions déjà nos assiettes, lorsque nous entendîmes bien près de nous les chants d'un oiseau qui nous parut être celui du *sabiá*, quoique ce ne fut point la saison où, d'ordinaire, il chante.

Nous nous arrê tâmes pour l'écouter tellement on devinait l'animation et la vie dans ce ramage que nous ne voulions point troubler.

Il chantait toujours sans se fatiguer, trouvant dans son gosier des inflexions de voix qui tradusaient les sensations du poète, pleurant sa belle patrie, en invoquant le chant du *sabiá* qu'il était habitué à entendre depuis ses plus jeunes ans.

Minha terra tem palmeiras
 Onde canta o *sabiá*,
 As aves que aqui gorgeiã
 Não gorgeiã como lá! (1)

Que de passion notre poète, trop tôt ravit à ses lauriers, avait en son âme éprise des beautés d'un pays sans rival ! quelle émotion le dominait quand sa lyre plaintive se ployait aux accents de la douleur que faisaient naître en lui les regrets de la patrie si éloignée ! Il pleurait ces beautés qu'il ne trouvait point ailleurs et qui gonflaient son cœur de soupirs emportés par la brise, peut-être pour les déposer sur la plage chérie que ses yeux ne pouvaient voir et que son âme seule entrevoyait.

(1) Mon pays a des palmiers
 Où chante le *sabiá*,
 Les oiseaux qui gazouillent ici
 Ne gazouillent pas comme là-bas !

GONÇALVES DIAS.

Gonçalves Dias, mort en 1864, fut l'un des bons poètes dont s'honore le Brésil et dont le génie aurait illustré sa patrie, si le destin n'avait pas trop tôt brisé sa lyre. La Municipalité de Rio de Janeiro donna son nom à Pune des rues de la ville.

Comme cette poésie si pleine de sentiments semblait justifiée en ce moment où tout parlait des regrets du poète !

L'oiseau qui nous avait charmés par son chant se tut et alla, peut-être dans les bois prochain, élever son gai gazouillement ou tresser son nid pour une nouvelle couvée. Nous restâmes longtemps encore à la même place, espérant toujours l'entendre de nouveau, mais quel que fut notre bien-être nous nous décidâmes enfin à partir ; il commençait à faire chaud et le chemin était long ; il fallait nous arracher au charme qui nous dominait et songer à regagner la maison.

La journée avait été bien commencée et nous laissait beaucoup de contentement. Nous étions si fatigués de cette longue course, mais la fatigue disparaissait devant le plaisir et ainsi se passa la deuxième journée de notre séjour au Monte Himalaya.

Nous nous proposâmes pour le lendemain une autre promenade, non pas si longue que celle de la veille mais aussi charmante ; c'était une promenade en bateau sur le lac de la *fazenda*.

— Le chemin pour nous y rendre n'était pas long et n'avait pas les aspérités de celui de la montagne ; c'était une large avenue que longeait une ligne d'arbres fruitiers, depuis la mangueira, au feuillage abondant, jusqu'aux cocotiers et pruniers.

Avant d'arriver nous croyons qu'il s'agissait d'un lac, aux eaux tranquilles, comme on en voit si souvent, mais nous fûmes fort étonnés de nous trouver devant une longue forteresse qui jetait dans une gorge de terrain son invincible rempart sur une étendue de plus de vingt mètres.

Du milieu de cette muraille épaisse l'eau tombait sur les pierres avec un fracas étourdissant, laissant deviner au-delà une masse énorme que la force seule contenait.

Nous gravâmes le chemin et montâmes sur la muraille qui était assez large pour permettre à quatre personnes de s'y promener à côté les unes des autres.

Une brise légère agitait les eaux auxquelles le ciel bleu prêtait sa belle couleur. C'était une mer en miniature avec tous ses attraits,

formant des roulis qui venaient mourir contre la muraille puissante dont elle était resserrée et à laquelle elle apportait, comme tribut, les fleurs et les feuilles que la forêt lui avait confiées.

Le petit bateau nous attendait tout garni et préparé pour nous recevoir. Nous nous embarquâmes et, comme le vent était favorable, nous mîmes une voile pour voguer plus tranquillement, sans fatiguer nos rameurs.

Combien d'heures restâmes-nous à naviguer d'un côté à l'autre, parcourant le lac dans tous les sens, cueillant des fleurs sur ses bords, des feuilles et des plantes exotiques dont nous faisons collection ?... Dieu seul le sait.

On nous apporta le déjeuner et notre repas sur l'eau fut aussi gai que celui de la veille.

La pêche ensuite vint nous offrir son charme et ce ne fut que lorsque notre panier eut quelque chose et que le soleil devint bien chaud que nous nous acheminâmes vers la maison. Il était deux heures de l'après-midi lorsque nous arrivâmes, juste à temps de changer de vêtements et de nous reposer un peu pour attendre le dîner.

Notre journée était finie et je le regrettais, d'autant plus que je songeais déjà au lendemain, jour de départ.

Je lisais dans les yeux de Cecy toute la peine que son cœur aimant éprouvait de nous voir partir et cependant, je n'y pouvais rien, quoique ma peine fut aussi grande que la sienne de la quitter quand j'aurais voulu l'avoir toujours avec moi. J'étais appelée ailleurs et elle le savait bien.

L'heure du départ arriva. A cinq heures et quart du matin nous rebroussions chemin, remerciant ceux qui nous avaient si bien reçus et emportant de cette demeure si éloignée le plus agréable souvenir que l'on puisse conserver d'un voyage fait en trois jours aussi courts que le sont les moments heureux et fugitifs que nous ne saisissons plus.

Je m'en allais, mais mon cœur revenait vers ce séjour qui avait été le mien aussi pendant ces quelques jours que j'aurais voulu voir recommencer encore mais, hélas, partis pour toujours.

Je me retournais plus d'une fois, tellement mon cœur insistait dans le souvenir laissé derrière moi ; je pus encore distinguer, malgré l'éloignement, une petite lumière derrière une vitre fermée, où les rideaux s'écartaient pour laisser passer une ombre se dessinant timidement et, sans doute, guettant encore ceux qui partaient.

Le sol était jonché de feuilles mortes et la lune les illuminait de travers ; je regardais ces petits corps qui brillaient si discrètement, mais ma pensée était ailleurs ; elle suivait le même chemin qu'accompagnait celle de Cecy et au vent, qui, par intervalle mugissait près de nous, je murmurais le nom de celle qui pensait à moi. J'avais du plaisir à confier à la brise, à la nature et au ciel le nom de celle qui avait conquis mon cœur dans toute la simplicité de son naturel naïf. J'emportais d'elle un trésor – son affection – et je m'en allais avec le regret profond d'y être forcé.

Je cueillais çà et là quelques petites fleurs que je voulais cacher en mon sein, dans l'espoir qu'elles me parleraient de l'absente ; et lorsqu'au tournant du chemin mes yeux ne purent distinguer rien de plus, je dis une dernier adieu à ces endroits qui m'avaient tant plu, à ce Monte Himalaya qui m'avait prêté la poésie de sa simplicité et inspiré des sentiments que je conserverai toujours pour ses propriétaires.

Bientôt tout avait disparu de devant mes yeux, et il n'y avait plus que ceux du cœur qui pouvaient encore voyager, pour renouveler les douces impressions nées au Monte Himalaya !

Christophe Colomb (*)



TRAVERS les ans, que la main du Temps a ensevelis dans son ombre sublime et tranquille et où à jamais ils dorment, une figure imposante se détache, s'élevant sur un piédestal lumineux que l'admiration des générations lui dresse comme un tribut sincère et juste.

L'auréole étincelante, qui environne la tête du héros, à la postérité offre le nom immortel de – Christophe Colomb, celui que le génie a guidé, que la foi et la persévérance ont soutenu et que l'espérance a caressé, en le berçant dans des visions qui lui réchauffaient le cœur.

Tressaillez, cendres glacées du grand homme ! ô vous qui avez enveloppé cette âme ardente, dont les ailes de feu cherchaient toujours l'infini, écoutez l'ovation universelle qui va augmenter l'apothéose, où s'élève celui dont vous n'êtes que la simple dépouille !

Les peuples que les croyances séparent, que les idées et les intérêts en quelque sorte éloignent, aujourd'hui, dominés par un noble sentiment, sont heureux de se réunir et de se prosterner devant la mémoire de l'homme illustre qui, il y a quatre cents ans, au vieux continent offrit la possession de terres, où la main de l'homme civilisé n'avait pas encore lancé les racines du progrès.

Cette nature grandiose, cette opulente végétation de régions inconnues qui renferment dans leur sein de prodigieuses richesses formaient le trésor qu'il déposait aux pieds des souverains qui avaient couvert de leur auguste protection son projet mûri dans l'obscurité, où longtemps l'avait laissé l'inconstante Fortune.

Méconnu par les grands, outragé par leur dédain, d'une cour à l'autre il promena ses espérances et ses déceptions.

Mal reçu par sa ville natale, à qui il voulait qu'appartînt les honneurs de son entreprise, trompé par le roi portugais, balloté par le

(*) Présenté au concours littéraire ouvert à Paris en 1892 par l'Académie Paris-Provence. Sujet imposé.
Récompensé avec diplôme de mérite et mention honorable.

sort, il s'adressa aux souverains qui, par des liens sacrés, avaient réuni les couronnes de Castille et d'Aragon.

C'est un visionnaire ! disait-on, à le voir, sombre et rêveur, accompagner les idées qui tourbillonnaient dans son cerveau. Mais lui, il comprenait cette vision magique qui l'attirait sur le vaste océan ; il conservait inébranlable la foi qu'il avait en son étoile, qui lui montrait sa route, comme celle qui guida les Mages vers le divin Sauver.

Comme Th. Gautier a dit de Corneille :

La tête dans le ciel et les pieds dans la fange
Cheminait à pas lents une figure étrange.

De même, le grand homme, que l'incrédulité presque générale entourait, avec l'esprit planant aux régions que la pensée seule peut atteindre, avec son fils par la main, foulait la poussière de la route qui s'arrêtait devant le couvent hospitalier, où son courage reçut un soutien qui l'aida à continuer.

Le courage qui, dans son cœur se ralluma plus d'une fois fut sur le point de sombrer tout à fait, lorsqu'en proie à l'incertitude qui le tourmentait Colomb essayait une nouvelle contrariété qui le révoltait contre le sort. Près de la somptueuse Alhambra où les infidèles renfermaient leurs trésors, il suivait mélancoliquement cette guerre qu'un roi chrétien faisait à ceux qui ne voulaient pas se ranger sous la bannière du Seigneur.

La foi triompha, le christianisme s'étendit et cette victoire, par les trompettes annoncée, fut le signal qui dit au grand navigateur qu'il allait enfin pouvoir partir à la découverte de nouvelles terres et du chemin qui, sur les vagues bleues, de l'Europe aux Indes transporterait le voilier.

— Va, Colomb, lui disait l'Inspiration, cherche dans ces parages trop lointains, que tes yeux ne peuvent entrevoir, la tente d'or que tu ouvriras pour y graver ton nom que ceux qui comprendront l'étendue du service que tu rends à la postérité rediront avec respect

et admiration. Va, lutte et reviens vainqueur, que la gloire sur ton front déposera ses lauriers.

Il partit le cœur plein de son idée et lorsque ses yeux n'aperçurent plus que l'immensité des vagues agitées et l'infini de la voûte céleste, il se sentit heureux.

Plus une entreprise est grande, plus il y a des revers à affronter, plus le cœur est aux prises avec les circonstances qui se complotent pour détruire les plans mûrement conçus.

Quelle lutte pour toi, ô immortel Colomb, lorsque, sur l'océan, les mousses, perdant l'illusion qui les soutenait, se révoltèrent contre toi et à grands cris demandaient le retour à la plage chérie qu'ils avaient quittée !

Quelle lutte terrible contre le découragement qui gagnait ces malheureux qui se sentaient perdus ! quelle volonté ferme il a fallu pour dompter ceux qui t'abandonnaient !

Les revers ne purent rien contre l'audacieux navigateur qui salua enfin la terre promise, apparaissant à ses yeux ravis comme la récompense par le ciel envoyée.

12 Octobre 1492 ! salut date mémorable qui brillera toujours !

Quelle joie inexprimable, quels transports n'éprouva-t-il pas devant cette île qui se détachait, entre les brumes de l'horizon lointain, à laquelle il donna le nom de S. Salvador, qui assurait la gloire à l'entreprise qui avait fait sourire de dédain ceux à qui il exposait son idée.

D'un ravissement il passait à un autre, soit en découvrant de nouvelles terres, soit en contemplant l'exubérante nature qu'il n'avait jamais rêvée telle. Quel spectacle grandiose que ses forêts incultes, se déroulant sous ses regards, ces sauvages accroupis sur la rive, regardant avec étonnement ceux qu'ils croyaient venus du ciel !

Et, tandis que l'amiral les attirait avec mille bibelots qu'il faisait miroiter devant leurs yeux, d'autres tribus arrivaient pour apporter aux européens les richesses naturelles qu'ils ambitionnaient !

Pinzon, le traître, se séparait de son compagnon pour tenter fortune à lui seul.

Eblouie par le rayonnement du soleil qui illuminera à jamais le nom de Christophe Colomb, une voix timide et faible s'éleva pour adresser un reproche au grand navigateur.

Pourquoi cet homme glorieux, fermant l'oreille à la nature qui se levait pour le condamner, s'attribuait le droit de faire prisonniers les pauvres sauvages sans protection ?

N'étaient-ils pas les maîtres de cette terre qu'ils parcouraient en courant ? qui, mieux qu'eux, pouvait jouir des bienfaits de la Providence dans ces endroits jusqu'alors inconnus ? pourquoi les priver de la liberté, ce bien que les peuples civilisés réclament toujours ?

Taisons ce crime pratiqué contre la loi de Dieu, oublions ce sentiment inique de l'homme que les trompettes de la Renommée vont saluer en chœur sympathique et universel.

Regardons-le, au contraire, fidèle au roi d'Espagne, confier à l'océan le secret de sa découverte, au moment où l'ouragan terrible, le séparant du navire qui l'accompagnait, le laissait seul sur les eaux inconnues, craignant de se voir englouti par les vagues qui, à jamais, renfermeraient dans leur sein ce qui lui avait tant coûté.

Le Tage historique qui, sur ses bords plus d'une fois, vit des héros partant au combat, tressaillit à l'approche de celui que le Portugal avait repoussé et qui, cependant, revenait victorieux, enveloppé dans une atmosphère de gloire, embaumé par le souffle de la brise qui, agitant les palmiers sauvages des Indes occidentales, lui apportait le tribut du sol fertile qui serait bientôt exploité.

Au vieux continent il offrait le parfum exotique recueilli sous l'ombrage poétique de majestueuses forêts.

Les honneurs sur ses pas se pressèrent. Le grand navigateur naguère méprisé se voyait sur un véritable piédestal, lorsque les souverains, sur leur trône resplendissant, l'accueillirent avec bienveillance et de leurs lèvres augustes laissèrent tomber des paroles d'admiration

et de reconnaissance qui raisonnaient à ses oreilles comme un chant mélodieux qui mettait son âme en extase.

Trois fois encore il prit le chemin du Nouveau Monde.

Pendant, ô revers, ô sort injuste ! celui qui recevait le titre de Vice roi et qui était acclamé partout revenait de son troisième voyage chargé de fers, humilié comme le criminel que l'on insulte.

Son âme était au-dessus de ce qu'on lui infligeait ; il sentait bien que l'outrage que lui faisait Bobadilla ne servirait qu'à l'élever aux yeux du monde qui comprendrait toute l'ingratitude dont il était victime.

Il refusa au capitaine du navire qui le ramena en Espagne la liberté qui lui était offerte. Il voulait joindre à sa couronne de gloire celle de martyr pour le bien d'autrui, pour la civilisation qui lui devrait ce que, jusqu'à lui, personne n'avait pu lui donner, comme il le fit sentir aux convives du cardinal Mendoza.

Les années avaient blanchi sa vénérable tête ; il n'était plus qu'un vieillard malade et fatigué, revenant à la cour d'un pas mal assuré, courbé par les ans et les chagrins, refoulant en son cœur la douleur amère qui l'oppressait et qui éclatait lorsque, s'adressant à la reine, il aperçut des larmes de sympathie dans les yeux qui s'abaissaient sur lui, le navigateur courageux ; il tombait à genoux avec la voix entrecoupée par les sanglots qu'il ne pouvait plus contenir.

Il pleura, le grand et immortel Colomb et à sa famille ordonna que ces chaînes qui l'avaient emprisonné sur l'océan que, quatre fois, il avait traversé fussent gardées comme reliques qui l'accompagneraient au tombeau.

La découverte de Christophe Colomb fut l'événement le plus important du quizième siècle, celui qui donnait l'émulation à d'autres expéditions qui iraient chercher de nouvelles terres.

Gloire donc à celui qui mourut sans connaître l'étendue immense de sa découverte, à celui qui se croyait en Asie, tandis que c'était la majestueuse Amérique que ses yeux avaient aperçue.

Gloire à lui, gloire à sa terre natale qui doit s'enorgueillir de compter un tel fils parmi ceux qui l'ont honorée, gloire aux

souverains qui protégèrent l'étranger et plantèrent les premiers la croix dans le Nouveau Monde !

Levez-vous, peuples civilisés, glorifiez la mémoire de celui qu'il y a quatre cents ans vous ouvrit de nouveaux horizons ; ne lui refusez pas l'obole de votre admiration reconnaissante.


Saluez la date célèbre où la première île de l'Amérique offrit à ceux qui abordaient ses plages les trésors que la nature lui avait confiés.

Que le nom de Christophe Colomb, dans l'apothéose sublime qui lui est due, traverse les générations futures ; et que ceux qui viendront dans les siècles que nous ne connaissons pas encore, guidés par les nouveaux progrès de la civilisation, se sentent dominés par les mêmes sentiments, qu'au 19.^{me} siècle, forment l'imposante ovation qui fait tressaillir dans des transports de joie les cendres de celui qui nous apparaît dans tout l'éclat de sa gloire.

D. Pedro de Alcantara (*)

Oh! n'exilons personne ! oh! l'exil est impie !

V. HUGO.

ANS les pages de l'Histoire un nouveau nom vient de se graver et ce nom qui sera un jour redit par la postérité, nous apparaît dans un nimbe et dans la gloire, car il est tout à la fois celui d'un martyr et d'un savant.

L'homme qui porta le nom de Dom Pedro de Alcantara, qui fut le deuxième empereur du vaste territoire brésilien, aujourd'hui, repose loin de sa patrie, loin de ceux qui l'ont accompagné, lorsque, favorisé par le sort, il tenait d'une main le sceptre, tandis que de l'autre il répandait le bien à ses sujets. Sa froide dépouille ne tressaillira plus lorsque les brésiliens en foule se presseront dans sa ville natale pour célébrer quelque évènement glorieux.

Loin de la rive chérie, de la patrie qu'il avait tant aimée, qui fut peut-être sa dernière vision, il dort de ce sommeil profond qui a blémi son large front, où tant d'idées se sont heurtées, où tant de pensées se sont levées à la recherche du bien de son peuple, dont il n'était que le pasteur, disait-il.

Illustre proscrit qui, naguère, avait été reçu aux acclamations de la foule enthousiaste, lorsqu'il revenait du vieux continent, en se promettant de se ranger avec les siens sous la bannière de la Paix, pour conquérir l'avenir, et, au déclin de ses vieux jours, assurer la tranquillité du trône où s'assiérait sa fille bien aimée.

D'un seul coup l'ouragan terrible qui se préparait sourdement, renversa le trône ; et, dans cet écroulement foudroyant où il semblait qu'un nuage mystérieux avait tout enveloppé, se dressait sur les décombres l'imposante figure du vieillard, se demandant avec un sanglot étouffé : « est-ce bien ma patrie qui me repousse ? »

(*) Présenté au concours littéraire ouvert à Paris en 1893 par l'Académie Paris-Provence. Sujet libre.
Récompensé avec médaille de bronze.

Non, sa patrie ne le repoussait pas ; les circonstances seules lui avaient imposé le cruel devoir de le supplier d'imiter son père, lorsque celui-ci, comprenant qu'il ne pouvait plus rester dans ce pays dont il avait proclamé l'indépendance, prit le chemin du Portugal.

Dans la magnanimité de son grand cœur il se courba à la volonté imposée, car il ne voulait pas faire verser du sang entre frères.

Dans la nuit sombre, lorsque tout dormait dans la grande ville que l'Océan, roi des continents, vient baiser, avant que l'aurore eût coloré sa barre à l'horizon, un sombre cortège, près des flots inquiets laissait la famille impériale qui, bientôt, dans les brumes lointaines, verrait à jamais disparaître la terre où le sabié chante sous des arbres en fleurs. L'onde, qui battait les flancs du navire et reculait sans cesse, à ceux qui partaient pour toujours, apportait un souvenir tout imprégné de larmes de la cité qui, à son réveil, compterait des patriotes de moins.

De son regard doux et ferme Dom Pedro cherchait, dans l'horizon qui s'abaissait lentement, quelque chose qui lui parlât de sa patrie dans ce langage muet que le cœur seul peut comprendre, il s'efforçait de donner une signification au vent qui passait et qui, frôlant la couronne que la vieillesse lui avait donnée, allait vers la plage chérie murmurer : c'est un grand cœur qui s'en va.

Tourmenté par le souvenir de la patrie qu'il quittait, hanté par le désir de mettre un lien entre lui, l'exilé et ceux qui restaient, il confia à une colombe son triste message ; et l'oiseau, battant les ailes, dans l'espace infini, prit le même chemin que suivait la pensée de celui qui lui avait donné la liberté.

« Va, dit-il, en son cœur, dis à ceux qui m'ont banni que je leur pardonne, que dans l'exil même je serai leur frère et mon âme sera toujours fidèle à ce Brésil si tendrement aimé.

« Je pars, mais mon cœur y reste pour mieux aimer mon peuple et lui appartenir d'avantage. Je pars et partout où mon sort me conduira, ma pensée reviendra sans cesse vers ces horizons magiques où ma jeunesse s'est écoulée et où la vieillesse m'a atteint ; en tout lieu, où mon pied déjà

chancelant laissera une empreinte de son passage, je répéterai le nom du pays ensoleillé qui illuminera mon cœur, lorsque, près de défaillir, par un prompt retour, il reviendra vers vous, ô mes chers amis !

« A tous les vents qui près de moi souffleront, j'apprendrai le murmure des brises embaumées qui me ranimaient sous ce ciel bleu qui n'a d'égal dans aucun coin du globe, où le soleil brille.

« Adieu, forêts majestueuses et gigantesques, qui parlez si haut des richesses dont Dieu si largement vous fit don.

« Adieu, terre bénie, que j'aurais voulu embrasser à plains bras, en respirant encore une fois les parfums inconnus que vous renfermez en votre sein gros des trésors de la nature. Soyez béni, ô pays merveilleux pour les jours que j'y ai coulés parmi des cœurs vaillants, consultant à chaque aurore naissante l'avenir mystérieux pour assurer à mes sujets la paix et le bonheur.

« Si mes yeux ne distinguent plus mon enchanteresse côte d'azur, aux contours idéals, ni les magnifiques collines que j'ai si souvent contemplées ; dans cet isolement de ce qui m'est si cher, je veux former un vœu, le premier fait et le dernier qui m'agitera, lorsqu'au point de quitter la vie, l'espérance m'aura abandonné.

« O vous, mon Dieu, qui m'avez conduit dans ce long pèlerinage, où j'ai de mon mieux porté mon bâton, accordez moi la grâce de mourir pour mon pays et reposer en cette terre que je pleure, quand mon dernier sommeil aura clos mes paupières et rendu mon âme à vos pieds ».

Dans le vieux continent, homme partout connu et aimé, il suivait pensif les agitations de la patrie lointaine et, au soir venu, lorsque tout s'éteignait dans la nature, il évoquait le souvenir qui constamment le préoccupait.

Prince magnanime, poète chaleureux, il avait tous les dons pour captiver ceux qui avaient commerce avec lui.

Pendant, sur la côte étrangère se dressait de toute sa hauteur cette ombre auguste, représentant l'empereur déchu, l'homme clément, le poète rêveur qui, les bras croisés sur sa large poitrine, cherchait l'inspiration dans son propre malheur. Il pleurait, non avec des larmes

de dépit, mais avec ces larmes qui naissent du cœur, quand les regrets et le souvenir de ce qui nous est cher nous rappellent à la réalité de la vie.

Jamais, dans l'adversité, cœur ne fut plus généreux. Dans l'exil, il était le premier à élever la patrie, à travailler pour elle.

Quelle sublimité avait sa conduite, lorsqu'il cherchait à s'entourer de savants dans le but de tirer profit de leurs concours de connaissances pour l'utilité des ses compatriotes !

O Brésil, quand l'effervescence du mouvement qui a tout changé aura passé, quand le calme aura succédé à cette agitation qui te tient en émoi, quand elle se sera éteinte comme s'éteint tout en ce monde, alors apparaîtra à tes yeux, dans sa véritable auréole, l'illustre proscrit que tu ne sais pas encore apprécier à sa juste valeur. Ce sera en apothéose que son nom se dressera enveloppé dans la pourpre que la majesté sans éclat prétencieux avait écarté du trône ; plus ton grand homme a vécu simple, plus grand il apparaîtra, plus d'hommages lui seront rendus.

Il fut un grand empereur sage et prudent, il a été martyr, il sera un jour un héros.

Le grand Bonaparte, au courage intrépide, au génie fougueux, traçant avec sa glorieuse épée les limites de ses états, lui le grand monarque aux redoutables courroux, eut le même sort que cet autre monarque doux et pacifique qui n'ambitionnait point des conquêtes pour augmenter les richesses de son vaste territoire, perle précieuse du globe.

Non, le sang ne l'avait jamais excité ; sa nature aimait le calme, plutôt que les luttes qui déchirent une nation.

S'il eut des torts durant son règne ce fut sûrement, dans des circonstances difficiles, de ne pas avoir eu assez de force pour imposer sa volonté à ceux qui l'entouraient ; il voulait tout concilier, dut-il souffrir en secret.

Brésiliens, souvenez-vous que celui qui repose dans la crypte des Bragances a lutté, a travaillé pour vous et, pendant son long règne, il n'eut d'autre idée que celle de vous élever.

Lorsque, entre votre patrie et le Paraguay, la guerre s'alluma, avec quel soin il veillait à tout, avec quel dévouement il renonça à une partie de sa dotation, avec quel empressement il se rendit au champ de bataille pour terminer cette lutte qui coûtait tant de vies à ses sujets.

Loin de vous, sa pensée vers vous revenait toujours, car dans son cœur l'amour avait assez de force pour imposer silence à la douleur qui se réveillait en lui.

Qu'il vous apparaisse dans tout ce que sa conduite a de grand, dans tout ce que son âme a de sublime. Ce vieillard, à la barbe blanche et vénérable, est digne de votre respectueux amour pour tout ce qu'il a fait, pour tout ce qu'il a souffert.

Quel coup terrible pour lui, après avoir perdu le trône, voir disparaître de ses côtés la vertueuse épouse qui succombait, pauvre victime, au poids des chagrins et des alarmes dont le destin avait environné ses derniers jours.

Elle quitta la vie, en jetant le cri mélancolique : — Brésil, que j'ai tant aimé... Ma fille... et elle ferma les yeux, sans revoir en cet instant suprême le ciel bleu du pays qui l'avait reçue à bras ouverts, lorsque, dans tout l'éclat de sa jeunesse, elle liait son avenir à celui du prince qui, tout jeune encore, avait, pour jouet, reçu une couronne.

Cette ombre qui se détachait sur les écueils de l'exil doit être sacrée pour ceux qui l'avaient condamnée, à l'hiver de la vie, à promener ses dernières désillusions sur des terres étrangères, où les grandeurs et les magnificences ne pouvaient consoler son cœur qui avait soif de la chère patrie. Sur la poussière bénie de sa terre natale il aurait cheminé, l'âme réchauffée par les rayons de l'espérance, il aurait incliné le front vers le tombeau avec la tranquillité du contentement à sa fin et, comme un lien pour l'éternité, il aurait reposé, tendre père, entre les deux enfants que jamais ses yeux ne cessèrent de pleurer et qui, déployant les ailes de l'innocence, lui montrèrent la route lumineuse de l'éternité.

Pèlerin plein de foi, que l'idée du bien avait toujours soutenu, avec la sérénité de sa conscience libre il se retournait vers le passé que

les voiles du temps commencent à envelopper et, calme au bout de sa voie, il s'interrogeait comme le coupable devant le juge ; mais les fautes, filles de la faiblesse humaine, ne se levaient pas pour étendre sur lui, le proscrit, le sombre nuage du remords.

Ah ! tout il avait perdu ! des enfants, l'épouse, la patrie ! mais son âme, dans ce choc terrible du destin, s'était relevée ferme, s'abritant sous l'égide de la foi et puisant de nouvelles forces dans sa propre grandeur.

Son cœur clément et généreux sut pardonner et lorsque perdant l'espoir de ne jamais plus revoir la côte de ses plus doux rêves, il voulut que sur cette terre étrangère, et cependant amie, un peu de celle que ses pieds pendant plus d'un demi-siècle avait foulée, fût la couche aux parfums longtemps regrettés, sur laquelle, son corps né brésilien reposerait en brésilien.

Qu'il est touchant ce désir du mourant qui partait sans avoir accompli son vœu fait devant l'immensité de l'océan, dans la solitude imposante que le bruit seul des flots troublait !

Héroïque proscrit mort dans l'exil, ta mémoire se conservera toujours parmi ceux à qui tu prêtas les lumières de ton intelligence. Un jour, revenant vers le passé, ils interrogeront leurs souvenirs et alors ils placeront dans l'apothéose méritée le nom de D. Pedro II, empereur du Brésil, celui dont l'épée repose à côté de celles de Caxias et Osorio, les deux courageux soldats qui honorèrent ton règne.

Lorsque de celui qui fut D. Pedro, il ne resta plus qu'une froide dépouille, lorsque ce corps qui avait lutté ne fut plus qu'un cadavre glacé par la Mort, un emblème patriotique l'accompagna en ce dernier pèlerinage. Le drapeau national, aux plis légers et flottants, enveloppant ses membres inanimés, symbolisait le Brésil, penché sur son fils, pleurant de voir à jamais éteint ce grand cœur qui lui appartenait.

Dans l'étroite bière où aucun vent n'agiterait l'étoffe qui allume le patriotisme, un sentiment de regret et de douleur se mêlait à ces plis qui rappelaient un souvenir de la patrie réchauffée par un soleil d'or, tandis que celui qui expirait n'avait eu pour dernière lumière à ses yeux voilés que les pâles reflets d'un ciel brumeux.

Cependant la France, au cœur généreux, rendant au mort les honneurs dus à son rang, montrait combien elle, la nation qui illumine le monde civilisé, savait apprécier celui qu'elle avait reçu dans son sein, comme une fée couvrant de ses bras protecteurs le génie profond qui, longtemps, avait erré dans les sillons par le sort creusés.

Dans la pompe respectueuse qu'elle déployait pour accompagner l'émule de ses savants, elle donnait une preuve de la grandeur des sentiments français que les brésiliens de tout temps ont reconnue.

L'Institut, apportant au convoi qui passait les palmes brésiliennes, faisait briller des larmes d'attendrissement aux yeux de ceux qui, sur une terre étrangère, évoquaient le souvenir de la patrie.

Ah ! dans ce char funèbre qui jadis enferma d'illustres dépouilles et qui, plus tard, suivant les rues de la grande ville, emportait l'empereur, se confondaient les larmes d'une famille et d'un peuple avec la reconnaissance conservée à ceux qui honorèrent une mémoire chère.

Le souvenir de ces honneurs ne s'éteindra jamais, car ils symbolisent la générosité et l'élévation.

Et comment les brésiliens ne se sentiraient-ils pas pleins de gratitude pour le peuple ami qui mêlait ses couleurs nationales à celles du Brésil, pour suivre le proscrit, comme si c'était sur l'un des siens qu'il versait des pleurs.

Quoiqu'exilée, la personne de l'empereur était chère à ses compatriotes et sa mémoire le sera toujours.

Aussi, nous voudrions voir s'élever vers le ciel, où sa belle âme repose, les accords d'une mélodieuse impétuosité de l'Hymne National Brésilien unis à ceux de la patriotique Marseillaise, qui a fait tressaillir tant de braves aux champs de bataille, car ces deux chants inspirés par les mêmes idées, monteraient toujours et toujours jusqu'à ce que l'écho amorti, s'envolant vers les nuages fugitifs, répéterait doucement en son langage infini : *France et Brésil !*

Le Solitaire ⁽¹⁾

DANS une majestueuse forêt, grandiose comme le sont toutes les œuvres du Créateur, une petite clairière s'ouvrait, telle que l'oasis souhaitée par le pèlerin fatigué, cherchant le repos.

Ce réduit éloigné était petit mais poétique.

On avait du plaisir à s'arrêter sur la route, au pied de quelque arbre gigantesque et ombrageux, pour respirer dans cet isolement la tranquillité simple et douce de ce silence solennel où, cependant, la vie bouillonnait.

Tout y avait un charme particulier, tout y avait une signification que le cœur comprenait.

Quelle âme vaillante ! quel esprit courageux, sans illusions ou plein de foi, avait cherché un refuge dans ce centre immense, où rien ne parlait de la société, où tout révélait un Dieu ?

La nuit commençait à tomber, l'ombre s'étendait doucement sur la nature, tandis qu'un petit courant d'eau, par petits bruits, roulant de pente en pente, se perdait parmi les branchages nouvellement abattus. C'était imposant ce silence troublé de temps en temps par le cri de l'oiseau, s'endormant sur la branche légère ou dans le nid mollement capitonné du fin duvet avec amour rangé.

Les premières étoiles se montraient dans la voûte immense d'un beau ciel pur et sans nuages.

Dans une chaumière enfouie sous les arbres une lumière étincelante, tout d'un coup, jeta ses feux à travers l'obscurité croissante du désert. Des yeux indiscrets de loin cherchaient en vain à deviner le mystère de cette petite demeure, fragile abri de bonheur ou de peine.

O douce surprise, ô magique vision ! Dans ce désert silencieux, où tout gardait un recueillement profond, les accords d'une musique mélodieuse s'élevèrent dans les airs et comme une hymne sacrée à la joie conviait la nature endormie.

⁽¹⁾ Présenté au concours littéraire ouvert en 1893 par l'Académie du Hainaut, en Belgique. Sujet libre.
Récompensé d'une médaille de 2^{me} classe.

Et puis, une voix sonore et fraîche, accompagnant le rythme cadencé de la musique, défait l'écho par des harmonies inconnues troublé, et la voix chantait avec des inflexions qui soulevaient le cœur du voyageur perdu dans cette route déserte.

Quel imposant spectacle dans une humble chaumière voir s'échapper les tons enivrants d'une douce musique, là, où tout était nature, simplicité et isolement ; une voix réveillant l'écho d'une forêt, un sentiment du beau s'égalant à la beauté primitive, à laquelle l'homme n'avait pas encore prêté l'appui de son génie.

Le voyageur curieux et indécis vers la petite demeure se dirigea ; refoulant en son cœur l'émotion et mille idées que le solitaire enclos avait fait naître en son esprit, il s'en approcha doucement.

Près d'un feu brillant, qui dévorait en pétillant les branches sèches ramassées çà et là, était assis un homme d'une taille robuste, au front intelligent, à la barbe longue et noire, dont le regard scrutateur révélait dès le premier abord la clairvoyance, où l'on devinait un caractère noble, un cœur généreux et bon.

Tout en lui inspirait la sympathie et l'on s'attachait facilement à celui qui tendait à son semblable une main loyale, dont le mouvement n'était jamais réprimé par une arrière-pensée.

On le comprenait tout de suite, car cet homme solitaire était tel qu'il se montrait, sa nature n'avait pas le voile qui dissimule ni l'impénétrable masque de l'hypocrisie.

On devinait en lui une force de volonté telle que nous la décrit Ohnet dans ses batailles de la vie et, cependant, ce grand lutteur, ce vaillant invincible, avait l'air rêveur. A quoi songeait-il quand, inclinant la tête vers la frêle petite créature qu'il tenait dans ses bras contre sa large poitrine, des larmes furtives s'échappaient de ses yeux attristés ?

Quel voyage invisible entreprenait sa pensée pendant qu'une jeune femme blonde et pâle, mignonne fleur dépaysée, lui offrait l'hommage de sa voix pure, entonnant dans le désert l'idylle symbolique de leur existente commune.

Quelle poésie dans ces refrains que les bois ne connaissent pas ; quelle sublimité dans ce chant que les oiseaux ignoraient, qu'un cœur de mère faisait vibrer et qui résonnait dans un autre cœur gros de tendresse et d'amour, car ce cœur était celui d'un père !

Et il pleurait en silence, regardant la chétive enfant, mobile de toutes ses pensées, lumière innocente qui lui montrait l'avenir en lui murmurant tout bas : – En avant !

Il voulait obéir aveuglement et, tant qu'au ciel brillerait l'étoile que son cœur avait devisée, il marcherait toujours, il lutterait sans crainte, car l'avenir lui appartiendrait et alors, vainqueur, il lui offrirait, avec les trésors de son amour et du bonheur, ceux qu'il cherchait et que Dieu lui confierait.

– Bonsoir – ami – murmura au seuil de la porte le voyageur égaré.

Cette voix inattendue arracha le solitaire de sa profonde méditation.

Son accueil bienveillant justifia le sentiment de sympathie qu'à l'étranger avait inspiré celui qui se cachait dans la modeste chaumière.

Un mutuel accord s'établit aussitôt entre eux et, tandis que l'un rappelait ses luttes et ses peines, l'autre se faisait l'écho des bruits lointains qui ne pouvaient parvenir dans ces parages éloignés.

Que dirait l'homme de la cité, là où le luxe se développe dans tout l'éclat de la pourpre, se confondant à l'or éblouissant, de ces endroits où la nature offre les attraits de son incomparable beauté ?

Que dirait l'élégante mondaine, dont la peau satinée et rose s'unit à la blancheur de l'hermine caressant son cou aux gracieuses inflexions, de la sauvage au ton basané, bandant son arc et lançant des flèches pour obtenir la nourriture que la nature offre ?

Naïve dans son regard, inconsciente de sa force, telle qu'une biche effarée, d'un bond elle saute à l'eau, d'un autre sur la rive pleine des fleurs, qui sont ses sœurs, et sur elles secouant les gouttes argentées comme une rosée matinale, elle s'abandonne aux courses rapides sans jamais fatiguer son pied, effleurant à peine le sol qui l'a vue naître.

Elle court sans direction, elle ne craint rien et si une flèche plus perfide que la sienne vient parfois la blesser, elle se replie sur elle même, et dépose ses armes qui n'ont plus l'attrait que leur prêtait sa liberté. Dans son hamac, berceau léger, elle interroge l'horizon de son regard infini et perçant et, allumant sa prunelle, elle se redresse embrasée par le sentiment qui la pousse ; elle n'est plus l'indolente coquette qui se penche au bord du ruisseau pour se mirer avec extase dans les vagues inconstantes et passagères.

Elle veut une conquête et cette conquête n'admet point les moments perdus dans une contemplation muette de la beauté vierge, personnification d'une race dans un pays majestueux et incomparable tel que le Brésil.

Du regard elle défie l'indien tremblant qui se courbe soumis comme l'animal fidèle attendant la sentence du maître.

Elle est maîtresse absolue, cette reine des déserts, elle ne trouve point d'entraves à ses désirs, à ses rêves qui fuient comme l'oiseau joyeux battant les airs de ses ailes légères.

Elle a cependant trouvé un maître qui la domptera, elle ne sera plus la sauvage, aux rudes instincts, elle verra fléchir devant elle l'indien qui n'obéissait qu'à sa voix et, quand près de la chaumière où tantôt des regards curieux pénétraient elle arrivera en bondissant, elle sera étonnée et ravie de l'apparition qu'elle n'avait jamais rêvée.

Il ne lui faudra plus dominer la férocité de l'animal libre, car à son tour, elle perdra sa liberté et, transformée sans le savoir, entrera, pauvre ignorante, dans la pléiade immense que l'on appelle société.

Le voyageur égaré interrogeait toujours ; il avait du plaisir à entendre parler de ces indiens qui, par bandes nomades, parcouraient la forêt, laissant à certaines distances quelques-uns des leurs qui vivaient paisiblement.

Bien près de la chaumière du solitaire un couple de ses sauvages avaient leur retraite et quand le soleil avait doré tous les arbres, emplissant d'une douce chaleur les ombrages délicieux, ils venaient défiants épier le mouvement de ceux qui leur étaient inconnus.

Tandis que les dernières flammes du brasier languissaient et par intermittence jetaient des clartés rapides, le courageux champion des bois, relevant sa haute taille, racontait les péripéties qui l'avaient conduit là où il était.

Dans cette solennelle quiétude de la forêt interrompue de temps en temps par quelque cri de panthère féline ou autre animal fauve, cet homme qui parlait devenait imposant, car le son de sa voix, emporté par la brise, allait se perdre loin en murmurant toujours :

– Le désert a trouvé un combattant.

« Dans un pauvre village, où j'ai vu de près toutes les souffrances de l'humanité je dus trop tôt quitter ma mère, dont l'aile protectrice me couvrait d'amour, je dus trop tôt, hélas, me jeter dans la vie qui m'était inconnue. Que pouvais-je savoir de l'existence dans le manoir béni où s'étaient écoulées mes premières années ?

« Aux jeux, aux ris, à l'insouciance du premier âge, devaient se succéder la corvée de tous les jours, le travail, la lutte pour l'avenir.

« Lorsque mes yeux d'enfant, se fixant à l'horizon, ne purent plus distinguer le toit paternel, lorsque mon cœur n'eut plus la suprême consolation d'apercevoir la modeste tourelle de notre maison et lorsque sur les vagues agitées, je me sentis emporté, des larmes de regret vinrent me dire qu'elles étaient les premières de celles qui brûleraient mes paupières dans la nouvelle route que j'entreprenais.

« Dans ce beau pays où le soleil brille toujours, je fis mon apprentissage ; pauvre et seul je me lançai plein de courage au travail qui devait me fournir la tranquillité et l'aisance pour mes vieux jours.

« Culbuté en mon chemin, luttant avec l'adversité, trébuchant çà et là, j'écartais les ronces qui parfois me déchiraient la chair meurtrie et, montant toujours, je gravissais la haute montagne qui doit me conduire au bout de mon pèlerinage.

« Des peines souffertes au commencement de la vie je ne conserve que le souvenir par le temps pâli ; je n'éprouve plus l'amertume de ces douleurs passées, car l'espérance est ma compagne et toujours, comme

l'ange protecteur, elle me montre l'horizon sur lequel mes yeux se fixent avec avidité et, prenant pour devise – espoir et persévérance – je me confie à Dieu qui me guidera.

« Um bonheur infini, une joie immense me furent accordés au milieu de mes soucis ; et, à cette première étape de l'existence, je m'arrêtai plein du feu divin qui m'enivrait. Je fus heureux et enveloppé dans une nouvelle atmosphère, je sentais près de moi le souffle magique de l'ange qui désormais devait me soutenir et par la main me conduire en avant.

« Ranimé, le cœur plein, sentant une autre vie s'agiter autour de moi je quittai une ville, j'abandonnai des parents, je voulais un nouveau champ où se développeraient dans toute leur force et ma volonté et mes espérances.

« Je le dis, et, aussitôt courant des terres et découvrant des sites nouveaux j'allai d'un point à l'autre, infatigable, désirant toujours trouver la terre promise que mon âme rêvait et que mes yeux ne voyaient pas.

« Par monts immenses couverts d'une végétation qui a vu des siècles passer, ou par des vallées où les fleurs exotiques percent çà et là, je cheminai toujours, sans pouvoir trouver l'oasis où je devais établir ma tente et donner une forme réelle à mes vœux longuement caressés.

« Fatigué de courir, je m'arrêtai dans ce coin ignoré, où j'espère bien de beaux jours viendront me trouver.

« Ecartant le doux ombrage des arbres puissants je frayai au soleil un passage sur le sol qui a besoin de ses rayons ; contre ce cèdre hautain je levai ma chaumière et puisse-t-elle, toute modeste qu'elle est, abriter avec nous le bonheur et la paix.

« Et si, dans cet isolement où volontairement je suis, le découragement me gagne, je n'ai qu'à tourner les yeux vers ce petit être ; tout petit qu'il est il a le pouvoir de ranimer mon courage, car pour moi il représente l'idéal de l'avenir ambitionné.

« C'est ma fille ! l'ange de la destinée déployant ses ailes nous couvrira toujours et depuis le moment où mes lèvres déposèrent sur sa mignonne et jeune joue le baiser de père, de nouveaux liens nous attachèrent à

l'existence ; il y a entre nous un sentiment commun qui se vivifiera de plus en plus, à mesure que la force faiblira et la faiblesse diminuera.

« Puisse cet ange protecteur longtemps nous tenir réunis sous sa garde et quand l'un de nous devra quitter l'autre, qu'il remplace l'absent et rappelle son souvenir.

« La seconde partie du grand siècle de lumière vient à peine de faire fleurir sa barre à la face du monde et lorsque l'ombre du temps commencera à l'engloutir dans son antre, cette forêt, aux tons fauves, sera transformée en une vaste esplanade illuminée.

« C'est là mon vœu ! je suis le pèlerin qui cherche avec anxiété l'abri où il reposera ses pieds fatigués. Si je l'atteins tous mes vœux seront satisfaits, mais si, vacillant au milieu de ma route, mes forces ne me permettent plus d'avancer, les lutttes auront été ma joie et la tombe m'offrira le repos. »

La voix du fervent pèlerin longuement résonna dans le désert et l'écho répéta encore le murmure de la brise qui passait : tes désirs seront exaucés.

Ils le furent en effet, mais lorsque plus d'un lustre tourna le sablier du temps, le bon ange protecteur qu'il avait invoqué, subitement, de l'aurore à la nuit, obscurcit ses vêtements, éteignit son auréole ; et, lorsque la chétive enfant put, elle aussi, prendre part à la lutte de la vie, il fendit sur la demeure qui n'était plus la chaumière, dans un long baiser enleva une perle et en échange donna des larmes.

**TRADUÇÃO
DA SEGUNDA PARTE**

Impressões de uma jovem brasileira na época de seus exames (*)



QUANDO se chega a uma certa idade, quando se tem os pés feridos pelos obstáculos de toda sorte que encontramos a cada passo na vida, quando o coração está desenganado e o espírito cansado por mil lutas, não sentimos prazer em nos distrair pensando em alguma época feliz enterrada no passado? A lembrança, atravessando os tempos, nos traz como um perfume de juventude que entorpece passageiramente. É como um oásis que gostamos de encontrar no meio da aridez do destino, pois podemos nos fiar na felicidade que buscamos sem jamais atingir completamente? Quando parece que conseguimos atingi-la e que cremos tê-la capturado, eis que ela escapa. Ah! como a felicidade humana é efêmera! Se conseguimos gozá-la, vem em seguida o amargo retorno, e a taça de mel na qual bebíamos com avidez se transforma em fel, cujas gotas caem sobre o coração machucado e dolorido, pois parece que a natureza proíbe a felicidade completa como se fosse uma profanação à lei humana.

É nesses momentos de tristeza e abatimento que, reportando-nos ao passado, apreciamos, na medida certa, a felicidade de uma vida dedicada ao trabalho e aos prazeres inocentes que não deixam nenhuma amargura atrás de si.

Com que prazer não nos lembramos dos passatempos de uma infância de brincadeiras, durante a qual com o coração cheio de alegria, não pensamos muito no futuro e nos deixamos levar sem preocupação com o dia seguinte.

Oh tempos felizes que não voltam mais! Se me fosse permitido, como eu me deixaria deslizar cada vez mais para essa época na qual os livros eram minha única ocupação e as brincadeiras minha única alegria! Com que felicidade eu não vestiria mais uma vez meu uniforme e me sentaria novamente nos bancos do colégio, no meio desse enxame

(*) Apresentado no concurso literário aberto em Paris em 1890 pela revista *Les Causeries Familiales*.
Primeiro prêmio.

folgazão de crianças e de moças; como meu coração saltaria de alegria de me encontrar novamente lutando para merecer um dos prêmios outorgados às mais comportadas e mais aplicadas! O colégio! quantas lembranças ele não evoca? e como me sinto rejuvenescida repassando em minha memória todos os acontecimentos daquela época, e sobretudo quando penso no último ano, quando fiz meus exames finais.

Num sábado, estávamos em sala de aula esperando o professor que estava atrasado naquele dia; e na vasta sala em que estavam reunidas umas trinta alunas, escutava-se como um burburinho de uma ponta a outra, cada uma discutindo sobre a sorte de ser arguida sobre uma matéria na qual ela se sentisse segura; todas falavam com mais ou menos animação, quando escutamos:

– Silêncio, Senhoritas, aos seus lugares!

Era o professor que tinha chegado e que vinha para dividir em séries as matérias sobre as quais devíamos ser examinadas.

Começamos a repassar tudo o que tínhamos estudado durante o ano, e cada uma escolhia uma ou duas colegas para se ajudarem mutuamente.

Era um prazer ver todas essas moças, com a cabeça inclinada, o olhar contente, se dedicando ao estudo com ardor. Aqui, duas ou três estudavam história, rabiscando datas numa folha de papel; acolá, com seus mapas sobre os joelhos, várias acompanhavam com o dedo a linha caprichosa de um rio ou a sinuosidade de uma cadeia de montanhas; mais adiante, algumas enchiam com números um quadro negro; outras tomavam notas sobre a gramática; outras mais escreviam, e nenhuma ficava ociosa. Parecia a Escola de Atenas⁴⁸, ao se ver esta aplicação, essa mistura tão bem-disposta, formando um conjunto artístico e agradável.

Não eram Arquimedes, Pitágoras ou Aristóteles que compunham este interessante quadro, mas moças com o coração cheio de esperança e que, com uma mão ainda tímida, buscavam abrir as portas dos palácios empoeirados onde a ciência encerra seus tesouros e dos quais

⁴⁸ A autora se refere provavelmente ao afresco do pintor renascentista italiano Rafael, *Escola de Atenas*, pintado entre 1509 e 1511, que representa a Academia de Platão, servindo como alegoria do conhecimento. (N. do E.)

elas sorveriam longamente este alimento de uma imaginação ardente, cujas asas de fogo buscam sempre novos horizontes a conquistar.

Um mês passou assim; desde os primeiros raios do dia, escutavam-se no dormitório vozes que sussurravam baixinho e a inspetora tinha dificuldade para impor o silêncio a essas crianças, excitadas com a ideia que em breve estariam de férias junto de seus pais e iriam compensar um ano inteiro de trabalho.

Eu tinha três companheiras; Clotilde, uma lourinha, travessa e alegre como uma cotovia; Louise, uma morena de cabelos castanhos, inteligente, sempre pronta para rir e brincar; e Charlotte, mocinha um pouco tímida, mas tão boa, tranquila e dotada de uma memória admirável. Não nos largávamos nunca, estudávamos juntas, dormíamos perto umas das outras e concordávamos com tudo. Era difícil de saber qual de nós quatro trabalhava mais, tanto almejávamos o sucesso e queríamos agradar à nossa professora, de quem gostávamos sinceramente.

Finalmente, o dia dos exames chegou, dia que desejávamos com todas as forças e que, no entanto, temíamos; pois, quem é que, com a proximidade de um acontecimento, qualquer que ele seja, determinante para sua vida, não sente seu coração batendo com mais força no momento supremo em que tudo será dito? Qualquer que seja o grau de confiança que se tenha de si mesmo, parece que não se é nunca forte o suficiente para empreender a luta.

Tal era o nosso caso; e, durante os dias que duraram os exames das classes inferiores, ficávamos febris e impacientes para conhecer o resultado que nossas companheiras tinham obtido; quando uma de nós dizia que tinha conseguido, como nos regozijávamos! Parecia-nos que era um feliz presságio para nós.

Estávamos na véspera; ainda faltava uma noite... não mais do que algumas horas... e travaríamos a batalha.

Naquele dia, antes de irmos para a cama, veio-nos à cabeça que tínhamos esquecido alguma coisa. Em vão tentamos revistar nos cantos e recantos de nossa memória para achar uma data desejada, mas, seja

pelo cansaço, pela emoção ou a impossibilidade de consultar um livro, nossas lembranças fugiam e se mostravam rebeldes.

– Ah, bah! disse Louise. Nós estudamos muito durante o ano, não devemos agora torturar nosso cérebro, mas ter a consciência de nosso trabalho assíduo; vamos dormir e descansar para amanhã termos a inteligência fresca, a fim de poder responder com firmeza às perguntas que nos farão.

Nos deitamos, com efeito; e em pouco tempo escutei minhas companheiras entregarem-se ao sono sossegadamente. Mas eu, eu buscava inutilmente uma melhor posição, sem poder dormir; e, mais de uma vez comparei minha cama, tão desagradável, àquela que deleitava Xavier de Maistre⁴⁹ quando, pela manhã, estendido voluptuosamente, olhava os raios da aurora que vinham saudá-lo, trazendo-lhe o perfume das flores desabrochadas sob o sopro do zéfiro⁵⁰. Eu amaldiçoava minha cama, eu amaldiçoava a semiobscuridade em que estávamos, eu amaldiçoava o silêncio que precisávamos fazer.

Eu escutava o tic-tac do grande relógio da sala. Nove horas! nove e meia! dez horas! e eu não conseguia dormir! Tive então o prazer de sentir uma mão que tocava meu ombro; era nossa professora de francês, aquela que eu mais amava.

– Vim fazer a ronda, disse-me ela; por que ainda não estais dormindo? O que tendes ?

– Nada, Senhorita, mas não consigo dormir; a cama me extenua, estou com os membros cansados e não acho uma posição que me agrade.

– Pobre criança! Vinde para o meu quarto, lá ficareis sempre melhor do que aqui.

Acompanhei-a de muito bom grado; deixe para trás uma semiobscuridade e vi-me num quartinho bonito, suavemente iluminado por um abajur. Sentamo-nos junto a uma janela aberta e começamos

⁴⁹ Xavier de Maistre (1763-1852), escritor francês, conhecido por seu livro *Voyage autour de ma chambre* (*Viagem ao redor de meu quarto*), de 1794, e sua sequência *Expédition nocturne autour de ma chambre* (*Expedição noturna ao redor do meu quarto*), de 1825. Ambos os livros, narrativas autobiográficas, trazem a ideia da viagem sem sair de casa, numa clave paródica das narrativas de viagem. (N. do E.)

⁵⁰ Vento brando e agradável. (N. do T.)

a conversar. A noite estava fresca e senti-me invadida por um certo bem-estar contemplando a luminosidade indecisa projetada por milhares de estrelas que faziam brilhar o firmamento. A bela natureza adormecida, o murmúrio compassado do chafariz do jardim, o perfume das flores, tudo se harmonizava para despertar em minha alma a admiração pelas obras do Criador. Como me sentia pequenina, insignificante e inútil diante da imensidão da criação, diante do espetáculo grandioso dessas maravilhas que saíam das mãos de Deus! Como minha alma se abria às suaves emanções da generosidade do Todo-Poderoso, e como me prostrava diante de seu poder sublime, imenso e único! Inebriava-me com esta contemplação muda que transformava meu coração em um santuário de reconhecimento Àquele que não nos abandona. Deixava-me levar por este êxtase no qual me encontrava imersa... Foi apenas quando o relógio tocou as badaladas da meia-noite que pensei em voltar para cama, mas minha querida professora me impediu de fazê-lo.

– Vós dormireis comigo, disse ela, minha cama é bastante grande para duas. Em alguns dias me tereis deixado e não terei mais junto a mim aquela que me fez esquecer a amargura de meu exílio, longe de minha pátria e daqueles que me são caros. Ficai comigo, minha filha.

Logo dormi nos braços daquela que tinha sido como uma mãe para mim, que, mais de uma vez, enxugara minhas lágrimas e me consolara das tristezas de criança.

Que sono profundo e calmo! e como me sentia revigorada ao despertar!

Enfim, chegou o grande dia! Às dez horas da manhã, em duplas, adentrávamos o salão de honra diante de uma numerosa assembleia composta pelos pais dos alunos.

Tudo se encontrava em ordem, ninguém fora do lugar, reinava o maior silêncio. Em cima da mesa, em torno da qual estavam sentados os examinadores, via-se a urna e a lista com os pontos de prova.

Uma aluna foi chamada para sortear três números que indicariam as partes sobre as quais nos fariam perguntas. Ela teve uma mão boa, e a diretora, pegando-lhe os números, nos disse:

- Vós sereis examinadas sobre os pontos 6, 8 e 9 de todas as matérias que foram designadas para o exame de hoje.

Começou-se pela história, em seguida veio a gramática, a aritmética, a astronomia; depois veio a geometria e assim sucessivamente.

À uma hora, paramos um pouco e, dez minutos depois, recomeçamos. Tudo estava indo bem; todas as alunas respondiam com segurança, à exceção de três ou quatro que às vezes erravam. Minhas três companheiras, Louise, Charlotte et Clotilde, respondiam muito bem, e eu me esforçava para imitá-las. Sendo uma das primeiras de minha classe, chamaram-me ao quadro para fazer uma demonstração geométrica; fi-la com sucesso e voltei contente para meu lugar.

Às cinco horas e alguns minutos a sessão foi encerrada; tinha acabado! A luta na qual tínhamos pensado tanto havia acabado! A banca, então, leu as notas: minhas três companheiras, seis outras alunas e eu tínhamos merecido a nota mais alta, doze a segunda e oito a terceira.

Estávamos livres! e radiantes de alegria, fomos nos lançar nos braços de nossos pais. Que doce efusão! que inesquecíveis arroubos. Como os pais estavam felizes com o sucesso de suas filhas, e como estas estavam orgulhosas de lhes oferecer esta prova de seu amor e de seu reconhecimento!

Já fazia quase um ano que não via meu pai; e, tendo vindo de muito longe para assistir aos meus exames, eu me sentia apoiada por seu olhar que não se desviava de mim, e estava feliz em lhe mostrar que não havia perdido meu tempo. Beije-o chorando e rindo de alegria, e o beijo paterno que ele pousou na minha testa provou-me que ele soubera compreender todos os esforços que eu fizera.

Todo mundo estava feliz, não havia nenhum rosto sombrio! Esta alegria transbordante, pela qual em muito éramos responsáveis, fazia-nos esquecer que o tempo passava rápido e não que ele não pararia para nos deixar sorver por mais tempo esses instantes tão deliciosos. No entanto, não é em vão que se tem quinze anos e que a vida fervilha em nós; a natureza, diante desta atividade da juventude, exige seus direitos e impõe

sua mão material. Apesar de toda nossa felicidade, o físico venciu o moral e tínhamos fome; desse modo, a sineta do jantar foi saudada com prazer.

Como a refeição foi alegre! Mesmo sendo bem simples, descobríamos um sabor inabitual na comida e comíamos com o melhor dos apetites.

Dois dias depois era o dia da festa escolar.

Desde de manhã, ouvíamos um vai e vem, um rebuliço completo, risos, conversas, brincadeiras. Os convidados chegavam a todo instante, escutávamos o passar dos carros diante da grande escada.

Nunca havíamos nos aprontado com tanto entusiasmo e, às dez horas, estávamos prontas. Vestidas com o uniforme de gala do colégio, entramos no salão esplendidamente decorado; flores por todo o lado, vasos com arbustos nos cantos, quadros suntuosos pendurados nas paredes.

O que se via era encantador! De um lado, todos estes senhores de casaca preta, estas senhoras bem-vestidas, com o cetim brilhante se confundindo com a seda em tom sério que se misturavam aqui e acolá com ondas de rendas; algumas moças estavam felizes em participar desta festa que lhes lembrava seus tempos de pensionato. Do outro lado, as alunas cândidas e bonitas com seus vestidos brancos ornados com fitas amarelas, com o semblante vívido e o coração contente; mais adiante, o grupo da diretora e dos professores, felizes, também, por poder se livrar por algum tempo do pesado fardo do cansaço que haviam acumulado ao longo de um ano de trabalho.

Um eloquente discurso foi proferido pelo professor de história.

Depois, veio a declamação; várias alunas recitaram páginas escolhidas dos melhores poetas, em seguida, foi a vez da música e do canto.

A diretora leu então a lista das alunas que, por sua boa conduta e dedicação, haviam merecido ter seus nomes inscritos no quadro de honra e eu tive a grande satisfação de me ouvir chamar, assim como minhas três companheiras.

Procederam à distribuição dos prêmios.

Cada aluna, por sua vez, vinha receber das mãos da diretora a recompensa que lhe era atribuída, e, com olhar radiante, todas voltavam

aos seus lugares, orgulhosas em mostrar a seus pais, assim como à numerosa assembleia, que elas haviam sido corajosas e perseverantes. Às três horas da tarde, a cerimônia havia acabado. As alunas, depois de dizerem adeus à diretora e aos professores, partiam com seus pais, só imaginando os prazeres que as aguardavam em suas casas e ávidas para gozar das delícias de um mês de férias.

Despedi-me de todo o mundo; agradei sinceramente à diretora por sua acolhida sempre bondosa; a meus superiores, pelo trabalho que tiveram comigo; e, em seguida, fui-me jogar nos braços de minha querida professora que eu tinha que deixar, só Deus sabe por quanto tempo!

Atravessando a porta dessa casa na qual havia passado anos tranquilos, e na qual meu coração havia recebido as primeiras lições do bem, sentia-me oprimida e triste; parecia-me que, naquele instante, minha vida recebia um choque que a desviava de seu estado normal. O que estava acontecendo comigo? Não tinha diante de mim uma perspectiva favorável? Que sentimento me invadia quando eu pensava que aquela porta, que se fechava atrás de mim, me introduzia no mundo no qual eu teria inevitavelmente um papel a desempenhar?

Nada pode explicar essa confusão de sentimentos que se chocam no coração humano em momentos como aquele.

Minha vida de colégio tinha assim acabado, era preciso começar uma nova existência e me preparar de antemão para as lutas do mundo. Se eu tivesse podido abrir o livro do destino, quem sabe quantos dissabores e decepções meus olhos inexperientes poderiam ter descoberto? mas o futuro não é nosso, ele pertence somente a Deus.

De noite, com o coração cheio de afeição pela casa que acabava de deixar, pus-me a escrever; eu queria, antes de partir, deixar algo que fosse como um elo que me uniria ao passado.

“Minha cara Louise,

“Quando receberes estas linhas, estarei longe de ti. O mesmo céu nos cobrirá, mas tu estarás bem acomodada no teu bonito quarto, sonhando com a felicidade, enquanto eu estarei no oceano, sendo balançada pelas ondas.

“Nada mais me restará de ti além de tua cara imagem que conservarei para sempre; não escutarei mais tuas gargalhadas, nem tuas brincadeiras tão cheias de verve. Deixei-te com os olhos cheios de lágrimas e parto com saudades.

“Levo no meu coração a doce lembrança desses anos abençoados que passamos juntas, alegrados por ti, animados pela terna afeição de minha gentil Clotilde e a sincera devoção de nossa Charlotte. A amizade de nossa querida professora completava a glória dessa união, cujos sentimentos, assim o espero, jamais mudarão.

“Tu ficas, Louise; pense algumas vezes na ausente, pois nossos pensamentos, alçando voo, encontrar-se-ão em algum lugar sob a guarda de Deus. Quando nossas companheiras regressarem, ofereça-lhes minha sincera amizade; a nossos professores, demostre minha gratidão, este sentimento que, em meu coração, será sempre animado por um fogo sagrado.

“À tuas tarefas associe a lembrança de tua amiga, fale dela à nossa querida professora e lembre-te dos instantes felizes que desfrutamos juntas.

“Quando o navio que me levará estiver deslizando como um cisne sobre as ondas azuis e que eu estiver fixando o olhar no horizonte longínquo, que baixará lentamente, nessa imensidão do espaço, meu coração gritar-te-á mais uma vez: *Adeus! Não me esqueça!*

AMELIA.

Adeus ao “Colégio Brasileiro”



DEUS! Estou partindo!

Neste momento em que vou me afastar, em que novos horizontes apresentar-se-ão diante de mim, quero voltar-me uma derradeira vez para aqueles que deixo para lhes enviar um último adeus; quero rever os lugares que nesta mesma manhã percorri e aos quais associo a lembrança de um tempo que acaba de se encerrar.

Adeus! Quando muitos anos terão ficado para trás, nas brumas do passado um ponto luminoso destacar-se-á; em sua direção irão meus pensamentos com um sentimento de profunda gratidão por aqueles que, cultivando minha inteligência, ensinaram-me a conhecer o bem e a praticá-lo.

Minha imaginação, repleta de lembranças da vida de colégio, recorda-me nesta hora da partida mil detalhes que me transportam para esta casa que acabo de deixar, e que eu vejo solitária, destacando-se por detrás das palmeiras do jardim e escondendo o quintal no qual, quando criança, eu brincava com minhas colegas.

Ó tempos felizes, adeus! Amanhã nada mais revelará a pensionista de hoje, pois farei minha entrada na sociedade e, no entanto, sinto saudades de vós, vida doce e simples. Sinto saudades de vós, casa em que passei dias contentes; e de vós, meus professores, a quem tanto devo, envio-vos a expressão sincera de minha gratidão.

Instruindo a juventude, iluminando-lhe a inteligência e abrindo-lhe o espírito às maravilhas de Deus, vós vos revelastes sublimes no cumprimento de vosso nobre dever. Mais de uma vez, destes-nos o exemplo do entusiasmo necessário ao trabalho e nos inspirastes a coragem que deve ser nosso alicerce na vida, fazendo-vos, assim, dignos de louvores da parte daqueles que podem gozar dos benefícios de vosso saber e de vossa experiência.

Obrigado! Não posso dizer-vos nada além dessa simples palavra, simples demais para vos exprimir meu reconhecimento, mas que, no entanto, encerra um mundo de pensamentos e a homenagem que meu coração em silêncio vos oferece, suplicando-vos para que guardem uma boa lembrança da aluna que, tantas vezes, vós encorajastes e exortastes ao estudo.

Mais tarde, quando a idade me permitir refletir com mais propriedade, quando eu evocar a lembrança do “COLÉGIO BRASILEIRO”, meu coração abençoará os anos que lá passei; ele abençoará aquela que, guiada por uma ideia magnânima, fundou este estabelecimento, que foi a primeira a dirigir, apoiada em sua firme vontade e no desejo de ser útil a seus semelhantes. Seu nome,

respeitado por todos, será sempre venerado por estes alunos que não poderão jamais esquecê-la.

Eu vos saúdo, nobre e digna fundadora do “COLÉGIO BRASILEIRO”, saúdo aquela que continuou vossa obra, com tanta coragem e perseverança, saúdo todos aqueles que vos auxiliaram nesta tarefa que vos impusestes.

Saúdo todos vós e... adeus!... Eu vos deixo, mas vossos sábios exemplos são a égide que levo da casa cuja lembrança me será sempre cara. Adeus!

Apreciação das “Causeries Familières”

LEMBRANÇAS DOS EXAMES



COMO dissemos, em nosso último número, ao dar o resultado de nosso concurso literário, o tema que propusemos produziu narrativas absolutamente diferentes, e nos é fácil, sem arriscar cansar nossos leitores, publicar várias delas. Elas possuem o mérito de serem impressões pessoais e sinceras.

É fácil imaginar uma tertúlia de mulheres convidadas a falar deste tempo do fim dos estudos, quando se é totalmente ingênuo e jovem: mas, sendo a reunião impossível, nós nos contentamos com textos.

Eis a Senhorita Amélia Gomes de Azevedo, do Rio de Janeiro, que nos envia sua história. Observem que a publicamos tal e qual, e que, não diria, por se tratar de uma estrangeira, mesmo se fosse uma francesa, a senhorita Amélia escreve em francês o que dizemos em inglês *fluently*; não é preciso pedir nenhuma indulgência para ela. Nossas jovens concorrentes francesas farão de bom grado o favor de conceder o lugar à estrangeira.

L. D'Alq.⁵¹

⁵¹ A Revista ilustrada *Causeries Familières*, sob direção de Louise D'Alq (1840-1910), foi publicada na França entre os anos de 1879 e 1895. (N. do E.)

Uma página no Brasil (*)



sol escaldante já se foi há algum tempo, mas o calor continua. Sentimos os vapores que escapam do solo que o orvalho ainda não refrescou; somos atormentados pela necessidade de respirar o ar trazido pelas brisas noturnas, impregnado pelo perfume embriagante das angélicas e das laranjeiras completamente brancas de flores que se desprendem como sombras fantásticas.

Nesses momentos, em quase todas as janelas, vemos velhos e jovens se reunirem para receberem o bem dado por Deus, ávidos por gozá-lo e por sacudir o langor dos membros entorpecidos pelo calor dos trópicos.

Debaixo das árvores dos jardins em flor, podemos distinguir, à luz indecisa do crepúsculo, pessoas com o olhar amortecido pelo cansaço, balançando-se delicadamente nas redes, lançando ao vento baforadas de fumaça que se espalham lentamente, como a acompanhar o pensamento daquele que as lançou. Mais adiante, outras pessoas conversam perto dos bambus curvados, que a água dos laguinhos vem beijar, trazendo-lhes o frescor que torna sua folhagem mais verde durante esta pausa que o sol lhes oferece.

No entanto, se há naturezas que se deixam entorpecer, que são morosas e enfasiadas por uma temperatura elevada, também há aquelas que dão bem pouca atenção a tudo isso, intrépidas criaturas, ávidas pelos prazeres da vida que recebem como um bem que lhes é devido.

Quantas moças nesses momentos estão diante do espelho que reflete suas imagens graciosas, preparando-se em trajes vaporosos para correrem até os prazeres que as esperam; dentro em pouco, nos braços

(*) Apresentado no concurso literário aberto em Paris em 1891 pela revista *Les Causeries Familiales*. Segundo prêmio n. I

de seus cavalheiros, elas rodopiarão leves, acompanhando a voluptuosa cadência da valsa ligeira!

Outras, menos afeitas à sociedade e com gostos mais simples, abrigando suas cabeças com seus belos cabelos negros sob o lenço de seda andaluz, donde escapam mechas rebeldes que acariciam suas faces morenas e suas testas sonhadoras, avançam como as espanholas, a fim de flunar juntas pelas ruas menos frequentadas ou por aquelas em que se exibem à claridade ofuscante do gás esses bibelôs, essas mil coisinhas que, muitas vezes, ocupam seus pensamentos; essas butiques nas quais cintilam com feérico brilho os colares de diamantes, os finos anéis de ouro, penhores de uma fidelidade eterna, as serpentes com olhos de rubis que pedem um braço bem roliço para abraçarem com seus corpos retorcidos, e os diademas com flores cinzeladas cobertas de pedrarias, que esperam uma testa da qual sobrepujarão a beleza! Ó os olhares de cobiça lançados pelos belos olhos negros!

Deixemos a cidade e seus prazeres sempre novos, fujamos um pouco em direção de outras paragens, onde a vida se move de uma maneira diferente; lá, onde a natureza é mais ela mesma, onde a vemos em sua nudez grandiosa, oferecendo seu charme ingênuo ao espectador que a contempla, como o ator dócil que se deixa levar em seu papel.

Esqueçamos um pouco as necessidades que nos impomos para satisfazer a vaidade, os males que nos infligimos para parecermos dignos das garantias da sociedade que, muitas vezes, contudo, magoa um coração terno, sensível demais para receber impassivelmente as leis que ela impõe. Procuremos os lugares em que ela é mais tolerante e repousemos um pouco nosso espírito dessa tensão constante na qual somos mantidos. Poderemos assim admirar com calma o que o Criador nos oferece com tamanha prodigalidade e nos interessar sinceramente pelas cenas mais simples, cuja voz simpática falará à nossa alma, e esta lhe respondendo, haverá uma comunicação de ideias que excitará esta sensação indefinível da paz e da alegria.

Não há um charme tocante quando vemos um barqueiro corajoso lutando contra os ventos impetuosos que lançam seu barco de um lado para o outro, enfrentando intrepidamente a borrasca que eriça seus cabelos e ensopa suas roupas, voltar à noite completamente enregelado para sua casa, na qual brilha uma luz e onde sua mulher o espera, embalando seu filho?

Não é ele recompensado dos trabalhos do dia pelo sorriso afetuoso que o recebe, pelo beijo que pousa sobre a boca semicerrada de seu filho que, ainda sonolento, mal consegue estender seus bracinhos nus e murmurar – “Papai!” – Esta simples palavra pronunciada por esta voz inocente e ainda hesitante não encerra uma recompensa inestimável pelos males sofridos para este pequeno querubim e, no entanto, soberano absoluto de dois corações que ele faz bater a seu bel-prazer? Este homem, deserdado dos fastos do destino, não encontra em sua modesta choupana as alegrias íntimas que trazem a verdadeira felicidade? Como são felizes aqueles que sabem aceitar o seu destino, os que vão vivendo, se dedicando ao trabalho e agradecendo a Deus pelos bens que Ele lhes dá, sem desejar o que nunca poderão ter.

O lavrador que cava a terra com sua enxada, que a revolve e revira para fertilizá-la, é o emblema do homem da natureza, a quem foi confiado o dever de manter a vitalidade da criação e de aperfeiçoá-la.

Este trabalha com o suor gotejando sobre sua testa queimada de sol; ele se cansa, trabalha arduamente; e essas mãos calejadas são testemunhas de como ele sabe compreender seu dever.

Ele não ambiciona o luxo pomposo dos salões, onde a púrpura se confunde com o dourado; ele prefere muito mais ver seus campos lhe devolvendo generosamente o que ele confiou à terra. Ele fica então contente e sua alma desabrocha diante da abundância que deve salvaguardá-lo da miséria e ajudá-lo a criar seus filhos.

A cada árvore, a cada planta se liga uma lembrança que o leva a uma outra ainda mais cara. Ele as plantou com suas próprias

mãos, cuidou delas, viu-as crescer; é a ele que elas devem esta beleza que admiramos.

Eis sua casinha que ele construiu quando era mais jovem; ela é rústica, suas paredes são feitas de terra e seu teto coberto com folhas secas de palmeira selvagem, de cujas pontas escorre a chuva. Esta morada, mesmo modesta, lhe é cara, no entanto; ela viu nascer seus filhos e testemunhou seus esforços e suas boas intenções. Ele tem prazer em reunir à noite, quando o tempo está bom, toda sua família diante de sua porta.

Vejam como estão contentes se preparando para a dança sob a luz das estrelas, diante do fogo trepidante que devora os galhos secos e ilumina a cena desses prazeres inocentes!

Sentado num lugar elevado, um deles toca violão para os homens e mulheres dançarem. É o baile dos filhos da natureza oferecido à própria natureza. Sem preparativos, sem projetos antecipados, eles dançam e se divertem: o homem, com os pés descalços, a camisa de tecido rústico aberta no peito, as mangas arregaçadas; a mulher, com seu vestido xadrez, deixando entrever o tornozelo que nenhum sapato embaraça, com um lenço bem colorido prendendo os cabelos, ei-los paramentados para o prazer.

Eles riem e bebem para festejar esses instantes de repouso; passam e repassam diante do fogo que projeta suas sombras lá ao longe como se fossem fantasmas.

Debaixo de alguma bananeira, vemos o cavalo do proprietário da casa, habituado a essas cenas, procurando um abrigo para a madrugada; e, pendurados nos galhos das árvores, percebemos galos e galinhas que gritam de tempos em tempos, despertados por alguma gargalhada por demais barulhenta.

Assim passam as horas fugitivas, quando se é surpreendido ao escutar o primeiro galo cantar, que chama à realidade aqueles que quase tinham se esquecido dela. Nessa hora surgem as exclamações de lamento, o barulho das garrafas vazias que alguém junta, a mãe

chamando seus filhos que haviam se deixado mais ou menos vencer pelo sono; e todos, com o coração pleno, vão para suas camas nas quais não tardam a pegar no sono. Esta é uma alegria inocente que não guarda nenhuma segunda intenção.

É uma felicidade sólida que possui, em meio às fragilidades deste mundo, aquele que se contenta com pouco, que pouco pede ao destino, não buscando de forma alguma elevar alto demais os desejos que jamais seriam realizados. Se o coração humano pudesse se contentar com aquilo que lhe cabe na partilha, veríamos um maior número de pessoas satisfeitas. A felicidade tranquila, sem fasto nem barulho, é assim serena porque ela não consome o coração que, sempre inebriado, não poderia mais gozar dos prazeres sadios que a calma proporciona; seria constantemente necessário ter prazeres novos para excitar sua sensibilidade.

Voltemos para trás e busquemos a felicidade íntima e tranquila, aquela de que podemos desfrutar sem medo de fadigar cedo demais o coração.

Observemos bem; poucas pessoas param no curso de suas vidas para usufruir dos bens que possuem sem ter a consciência de fazê-lo. Quem sabe se não nos faltaria uma lâmpada como a Diógenes?⁵²

Não, não buscamos uma perfeição ou utopias. Queremos apenas ser testemunhas silenciosas de um fato que existe realmente, embora pareçamos não o notar.

Encontrei! Minha descoberta não é grande, mas é agradável, pois o coração se deixa aliviar calmamente na presença do que se conforma às leis da natureza.

Lá longe, distante da colina verdejante, à beira de um vale florido, por trás das árvores cuidadosamente cultivadas, distingue-se uma casinha e, da estrada que a ladeia se escutava uma voz fresca e aguda cantar esta bonita estrofe que chegava direto ao coração

⁵² Diógenes de Sinope (404 a.C.- 323 a.C.): filósofo grego conhecido como Diógenes, o Cínico, combatia o prazer e a luxúria, pois eles impediriam a autossuficiência. Teria se tornado um mendigo das ruas de Atenas, sendo para ele a pobreza uma grande virtude. Reza a lenda que, ao invés de habitar numa casa, morava num barril e perambulava pelas ruas carregando uma lamparina, durante o dia, alegando estar procurando por um homem honesto. (N. do E.)

daqueles que a escutavam:

Penso em você quando o sol se levanta,
 Penso ainda em você quando ele se põe;
 E se à vezes, durante a noite, eu sonho,
 É pela felicidade de sempre te amar.⁵³

Encontrei! Era na direção dessa voz pura que iríamos procurar este sentimento que agita a alma e que faz aquele que o testemunha partilhar as doces emoções que ele proporciona.

Uma voz que canta tem o dom de atrair aqueles que a escutam, é como um fio magnético que coloca a alma do cantor em comunicação com a daqueles que o escutam, fazendo vibrar alguma corda sensível.

A voz continuava a cantar!

Diante de uma janela, num salão simples, mas confortável e elegante, uma jovem mulher se dedicava a um trabalho de agulha, mas seu coração estava repleto demais e sua alma feliz demais para se contentar com essa ocupação.

E ela cantava lançando trinados no ar, aos quais ela emprestava o sentido de seus pensamentos.

Mais distante, num canto, uma menina, graciosa e gentil, brincava com sua boneca. Ela não estava muito contente, pois de tempos em tempos fazia cara feia, lançando olhares de desejo para o lado de seu pai

⁵³ Estes versos, atribuídos a um camponês brasileiro, parecem provir de uma antiga canção popular francesa intitulada “Toujours”, recolhida pelo Reverendo Frognall Dibdin na cidade de Bayeux, região da Baixa-Normandia, na França (referência encontrada em DIBDIN, Th. Frognall. *Voyage bibliographique, archéologique et pittoresque em France*. Traduit de l’anglais, avec des notes, par Théod. Licquet, conservateur de la Bibliothèque publique de Rouen. Paris: Crapelet, imprimeur-éditeur, 1825, p. 168):

“Je pense à toi quand le soleil se lève,
 J’y pense encor à la fin de son cours ;
 Dans le sommeil si quelquefois je rêve,
 C’est au bonheur de te chérir toujours.” (N. do E.)

A comparar com os citados pela autora:

“Je pense à toi quand le soleil se lève,
 J’y pense encor quand il termine son cours
 Et si parfois, la nuit, je rêve,
 C’est au bonheur de t’aimer pour toujours.” (N. do T.)

que, recostado na cadeira de balanço, acariciando a cabeça de um grande cão que estava apoiado em seus joelhos, fingia não notar as olhadelas da menina, mas estava esperando romper a tempestade que se acumulava cada vez mais. Ele se embalava calmamente, olhando por vezes uma *Vierge à la chaise*⁵⁴ que havia copiado e que apreciava em especial.

Contudo, seu pensamento não estava naquele gracioso conjunto; concentrava-se na bonita menina emburrada que fazia com que seus projetos de conduta reservada se esvaecessem, vendo que não davam importância a seu justo ressentimento.

Ela não aguentou mais.

- Ora bolas! Papai, como o senhor é malvado em não me deixar brincar com o cachorro, nós que somos tão bons amigos.

- Ah! és tu? O que foi? O que há? Tu estavas aí? e eu que pensava que já tinhas ido dormir há muito tempo! Mas a culpa é tua; és tão baixinha que a gente te confunde com a tua boneca!

- Eu não sou baixinha! Vede, sou tão alta quanto o piano; e minha boneca? ela nem ultrapassa o pedal.

- Não senhora, tu és bem pequena; e quando se faz cara feia não se cresce, como alguém que conheço.

Ela não estava mais aguentando, assim era demais; ela, que havia preparado seu plano tão bem, ver-se relegada num canto sem ter a atenção de ninguém, e depois, ser considerada pequena, quando estava completamente convencida do contrário! até mesmo seus vestidos que encurtavam serviam de prova de que ela estava crescendo.

Nada mais doloroso, mesmo para as crianças, do que se ver depreciado na importância que se atribui. Desse modo, a bela mocinha começou a chorar copiosamente, acreditando-se rebaixada pelo desdém de seu papai.

- Vem cá, Maria, não chores mais; não é bonito entristecer tua mamãe e ficar com os olhos vermelhos!

- Mas é que eu não sou baixinha, e o senhor sabe bem disso!

- Está bem! isso é assim tão importante para ti? Tua mamãe

⁵⁴ *Madona da cadeira* (1513-1514), quadro do pintor renascentista italiano Rafael, que se encontra na Galeria Palatina do Palácio Pitti, em Florença. (N. do E.)

também não foi tão baixinha quanto tu quando tinha tua idade? E, no entanto, ela não reclamava quando alguém lhe dizia isso.

- O senhor a conheceu quando ela era criança para sabê-lo?

- Não, mas a escutei dizendo para os outros, e depois, minha pequena Maria, quando queremos ser mais do que somos na realidade... como se chama isso?

- Não sei.

- É vaidade. Quando tu souberes bem teu catecismo, verás que a vaidade é um pecado.

- Mas não quero pecar; mamãe diz que não é bom.

- Agora sim, estás sendo sensata. Vem sentar no colo do papai, enquanto mamãe trabalha para a obediente Maria.

Isso era tudo o que ela queria e foi com o rosto iluminado de alegria que ela saltou sobre os joelhos do pai carinhoso que a beijou com todo o seu amor, deixando-se acariciar por essa graciosa criatura cuja cabeça cacheada se apoiava no seu ombro como se lhe pedisse proteção.

Ela esquecia seu rancor, que se evaporara rapidamente como uma nuvem de fumaça levada por uma rajada de vento. Ela só pensava no pai reconquistado que a apertava contra o peito. O grande cão também participava do acordo de paz; ele lambia as mãos de sua pequena dona e escondia o focinho sob seu avental, como se pedisse ao dono para não a mandar embora.

- Deixai-me brincar com ele, papai, vede como ele me acaricia, pobrezinho.

- Gostas muito dele, então?

- Muito. É tão bom quando brincamos com ele; ele não se aborrece nunca quando puxamos suas orelhas ou quando o arreamos como um cavalo para levar as bonecas para passear; ele permite tudo sem nenhum mau humor, e além disso é tão inteligente. Outro dia, quando estava brincando perto do fosso, a boneca que mamãe me deu no dia do meu aniversário escapou de minhas mãos e caiu num lugar onde eu não conseguia pegá-la. Eu fiquei muito triste e comecei

a chorar; mas eis que ele corre na minha direção, me olha e, fazendo a volta na beira do fosso, farejando a terra, ele desce rapidamente, pega a boneca na boca e a traz de volta, apenas com alguns rasgos no vestido e no seu véu. Se o senhor soubesse como fiquei contente em rever minha boneca e como eu gosto do seu salvador...

Ele não é mesmo inteligente?

- Muito inteligente. Poderás brincar com ele, mas com uma condição, entretanto; que não vá para fora, pois outros cachorros poderiam atacá-lo e te morder.

- Como estou contente, papai, e como o senhor é bom!

- Vamos ver se tu obedecerás e se farás o que digo. Si fores submissa e se aprenderes bem tuas lições, prometo-te uma recompensa que te dará muito prazer.

- Qual?

- Que curiosa! Não saberias esperar oito dias para saber o que é?

- Se o senhor não quer me dizer, eu não perguntarei, mas vou pensar nisso a noite toda.

- Está bem! vou dizê-lo; pior para ti se estragas a surpresa que queria fazer-te numa bela manhã ao acordares. No próximo domingo, acordaremos cedo e partiremos todos para ir pescar na beira do rio, perto do lugar onde mora o selvagem cuja história te contaram na semana passada. Iremos vê-lo na sua choupana que é muito curiosa, ao que parece. Ele adquiriu um pouco nossos hábitos e não faz mal a ninguém. Disseram-me inclusive que, às vezes, ele canta quando pedimos. Não é um belo homem, ele é muito idoso e está longe de ser bonito, mas é uma criatura de Deus; é preciso vê-la como tal e respeitar nela o ancião que em breve desaparecerá do mundo. Agora que sabes o que querias, vá beijar tua mãezinha e dorme rápido; já é tarde.

A pequena Maria foi-se embora toda alegre, com o coração transbordando de felicidade, a fim de chegar ao seu quarto que lhe pareceu mais agradável do que nunca, de tanto que via tudo se conformar com o que sentia. Ela se deitou e logo tudo havia desaparecido de sua imaginação,

pois ela dormia um sono profundo ao qual, para torná-lo ainda mais sereno, preside um anjo, cobrindo com suas brancas asas a inocente criaturinha que dormita, com a cabeça escondida sob seus cabelos espalhados em torno de uma testa que nenhuma paixão havia alterado até então.

Oito dias se passaram por demais lentamente para a impaciência que fazia desejar que fossem já há muito.

Não apressemos a marcha do tempo, pois ele passará sem se precipitar para satisfazer àqueles que desejariam estar já no dia seguinte.

Não o apressemos; um dia chegará, infelizmente, em que talvez lamentaremos sua passagem, que gostaríamos de adiar.

O domingo tão desejado enfim chegou.

Dir-se-ia um dia feito oportunamente para o divertimento, de tanto que o sol estava claro, que tudo brilhava sob seus raios nascentes. Tudo tinha um ar alegre, no momento em que as igrejas começam a soar os sinos.

E lá está o rio cujo murmúrio se escuta à distância e que faz saltar de alegria o coração da menininha. Ela chega antes de todos, rosada, acompanhada pelo cachorro que também compartilha o contentamento de sua jovem dona.

Sobre a grama, espalham o equipamento trazido; tiram-se iscas, anzóis e linhas. Maria, a mais apressada, coloca-se entre seu pai e sua mãe e lança com orgulho na água seu anzol que mergulha imediatamente.

- Está mordendo! Disse ela. Vede!

E virando-se de um salto, ela joga sobre a relva um peixinho de rabo vermelho e escamas prateadas que se debate em vão na mão que o cerra. Não têm sorte esses pescadores inexperientes pois, ainda que o rio seja fértil, só pegam uma ou duas dúzias de peixes que não fazem jus a todo o equipamento trazido para esse momento de prazer. O próprio cão lança um olhar de piedade para o cesto que contém o resultado da pesca.

São dez horas! Já está bastante quente neste lugar tão descoberto sobre o qual em breve o sol vai incidir verticalmente. É preciso então pensar em ir para outro lugar onde se possa encontrar uma sombra refrescante.

Os membros do grupo almoçam à beira do bosque e bebem

água da fonte no côncavo da mão. Estão tão bem instalados aí, depois de haver satisfeito o estomago faminto, no meio da natureza tranquila, aos pés dessas grandes árvores das florestas virgens que o machado do homem ainda não ceifou!

Como é bom sentir a paz no coração nesse isolamento que fala à alma, sentir a brisa ligeira que, passando de folha em folha, colhendo aqui e acolá os perfumes da natureza, vem tocar de leve a face daqueles que aí buscam o repouso; e então, achar uma parasita, uma flor que se colhe para levar de lembrança desses jardins incultos e centenários que, mesmo em estado selvagem, mostram um poder supremo.

Maria foi a primeira a lembrar o objetivo da viagem e a apressar a partida para a choupana do pobre índio que ela ansiava por conhecer, de tanto que sua imaginação de criança estava povoada pelo maravilhoso que lhe tinham contado sobre esse homem, que ela imaginava como sendo algum espírito oriundo dos países encantados, dos quais lhe falava sua empregada, uma velha caduca, quando ela era pequena e não queria dormir.

Perto de um declive súbito e rochoso, por onde passa um riacho límpido, e sob um cedro gigantesco que dirige às nuvens seus galhos tortuosos, erige-se a choupana pobre do índio que excita tanta curiosidade. Mais adiante encontra-se a terra que cultiva.

No centro da choupana, que não tem nenhuma divisão, ficam três galhos de árvore eretos, com uma ponta fincada na terra e três outras reunidas em cima por uma corda feita de casca de árvore, em forma de tripé, de onde pende uma panela de pedra, sob a qual trepida um fogo brando que o selvagem, sentado sobre um toco de madeira, único assento que se vê em sua casa, aviva.

É um homem relativamente alto, de rosto acobreado, barba rala e branca, com os cabelos longos e espessos, de uma brancura um pouco amarelada; testa curta, lábios grossos.

Como vestimenta, carrega apenas uma calça curta cortada na altura do joelho, um manto como o *péplum*⁵⁵ das senhoras gregas,

⁵⁵ Túnica feminina de lã usada na Grécia Antiga. (N. do E.)

plumas de cores berrantes em torno da cintura, no pescoço e na cabeça, em forma de diadema. Nos joelhos e nos tornozelos, colares feitos de dentes de animais e de seixos que, ao mínimo movimento, fazem ouvir um tinido como o de moedas que se entrechocam.

Vendo suas visitas, ele as saúda balançando a cabeça de cima para baixo para depois considerá-las com um ar desafiador.

Ele se levanta e começa a andar em torno deles examinando-os várias vezes. Embora esse exame não seja muito tranquilizador, eles se esforçam por passar uma boa impressão. É Maria que tem medo; assim, ela pega a cesta contendo o resultado da pesca e a coloca nas mãos do selvagem cuja rosto se descontrai na mesma hora, pois ele compreende que está diante de amigos.

Ele agradece à menina beijando a terra. Ele conversa num patuá que é facilmente compreendido e que, em sua boca, possui uma certa marca de originalidade. Ele responde longamente às menores perguntas feitas. Mostra suas armas, seus instrumentos de agricultura e de música; toca alguns para mostrar sua harmonia e, deixando-se levar por algo que o faz lembrar seu tempo de liberdade, aquele em que viveu realmente, ele se põe a contar sua vida, servindo-se da mímica para compensar o que sua língua rebelde se recusa a dizer.

Deixemos com ele a palavra e escutemos.

AS QUEIXAS DO SELVAGEM

“Nascido às margens de um grande rio, no deserto no qual os brancos ainda não haviam penetrado, fui criado por minha mãe até a idade de quatro anos e depois acompanhei meu pai em suas viagens. Aprendi a manejar o *tacape* (1) e as flechas e ninguém era mais hábil do que eu no combate. Recebi de meu pai o nome de um belo pássaro, mas na guerra conquistei o nome que levo hoje e que é prova de meus feitos.

“Eu acompanhava o veado em sua corrida veloz, imitava o canto da coruja, enganava a pomba do peito prateado, arrulhando como o pombo-torcaz, e quando a lua, através da folhagem espessa das árvores,

se mostrava apenas pela metade, (2) eu era o primeiro a deitar no solo o troco que destinava à construção.

“Um dia, quando o *sabiá* (3) começa a cantar, o *pajé* (4) veio à nossa aldeia. Estava tudo decorado para recebê-lo, todos os meus companheiros baixavam a cabeça para ouvir o que ele ia dizer, inspirado pelos espíritos que havia consultado em sua caverna escura.

“Ele veio em minha direção e me falou assim:

“Tu serás chefe. Os espíritos me disseram que tu serás o primeiro na guerra e que serás tu que farás o maior número de prisioneiros.”

“Eu beijei os pés daquele que falava em nome dos espíritos terríveis e venerados.

“Um dia, o sol ia alto, quando a *inúbia* (5) soou no deserto e o eco lhe respondendo, repetia o barulho que nos chamava ao combate, enquanto uma chuva de flechas chamejantes caía sobre nossas cabanas e matava nossas crianças.

“Saltamos todos de nossas redes e nos lançamos para fora, guiados pelo ódio que aqueles que nos desafiavam acendiam nos nossos corações.

“A luta foi longa e o sangue manchou de vermelho a terra na qual as plantas não crescerão mais. Com meu tacape tirei a vida de muitos e fiz tantos prisioneiros quanto há dedos em minhas mãos. (6)

“O inimigo foi vencido e fugiu pela planície, como a andorinha que foge da flecha do caçador.

“Os prisioneiros foram levados para nossa aldeia. Ó, que belos dias de festa! Havia-me tornado o chefe, como havia dito o pajé, e era eu quem presidia as danças, enquanto um de meus guerreiros matava o prisioneiro, cujos membros seriam preparados pelas mulheres para o festim dos valentes guerreiros. A festa durava tantos dias quanto havia de prisioneiros.

“Nenhuma oca tinha diante da porta tantos ossos de inimigos vencidos quanto a minha.

“Eu estava feliz, assim como meus guerreiros; mas os gênios da montanha me atormentaram e me fizeram deixar minha aldeia para ir bem longe em busca do rio no qual se encontram cascalhos de prata

(7). Consultei o voo dos pássaros e nos colocamos imediatamente em marcha. Paramos junto de um rio que vai dar na planície azul, que os brancos chamam de mar. Não era o que procurávamos, mas estávamos cansados e nossas crianças tinham fome.

“Refizemos na margem a oca de nossos antepassados, mas na mesma noite a coruja cantou sobre a grande árvore e os maus espíritos nos perseguiram.

“Um dia, os brancos caíram sobre nós com armas que vomitam fogo como quando *Tupã* (8) se zanga. Vários guerreiros foram capturados e outros mortos.

“Os prisioneiros foram levados para uma casa grande e branca, onde foram vestidos como os brancos que lhes ensinavam a falar a língua que eles dizem ser falada pelos bons espíritos.

“Eu aprendi a falá-la, mas prefiro minha língua, a que eu falava quando era feliz.

“Meus companheiros da casa branca estão todos mortos; só resta a mim que, assim que fui posto em liberdade, fugi para cá onde ninguém me atormenta. Não posso correr para aqueles que me esperam, pois minhas pernas se recusam aos trajetos errantes aos quais elas estavam habituadas.”

Ele se calou, o pobre selvagem, abaixou a cabeça e não falou mais. Víamos que ele sofria e que a alma que esta natureza rude envolvia tinha o sentimento da saudade que o que ele acabava de contar nela acendia.

Os visitantes se distanciaram, respeitando o silêncio do ancião que só se mexeu quando eles estavam longe e ele foi até eles para colocar nas mãos da menina um pássaro de plumagem azul, com os olhos arregalados, espantado de estar passando das mãos daquele que o havia aprisionado àquelas dessa menininha que lhe acariciava a cabeça.

A noite já avançava quando Maria e seus pais entraram em casa.

O passarinho de plumagem azul se afeioou à sua dona e, desde o início fez amizade com o cachorro que o olhava paternalmente em sua gaiola, sem jamais ter a tentação de devorá-lo.

Por muito tempo ainda falaram do selvagem que vivia distante e tão só, principalmente quando escutavam o alegre canto do pássaro.

Era um prazer vê-lo cantar, parecia que queria ajudar a alegrar esta casa que respirava um ar de agradável conforto.

Uma vez, no entanto, o pássaro se calou, o cachorro não ladrou mais, a criança não correu mais na casa com seus companheiros de brincadeira.

O espectro, que pega as crianças pela garganta, abateu-se sobre a pequena Maria que não abandonou mais a cama na qual, com os olhos secos e as bochechas em chamas, virava-se para seu pai e sua mãe que espreitavam ansiosos alguns sintomas que lhes trouxessem a esperança que eles sentiam abandoná-los.

Ao pé da cama ficava deitado o cachorro que, de tempos em tempos, olhava com olhos langorosos aquela que sofria e que ele não podia aliviar. O passarinho também quase não cantava; havia eriçado sua plumagem e escondia a cabeça sob a asa, parecendo adivinhar que a desgraça ameaçava esta casa outrora tão feliz.

Um mês se passou assim, na dúvida cruel, no qual os dias se sucediam uns aos outros sem mostrar no horizonte uma estrela que trouxesse um vislumbre de esperança; e, durante a noite sombria, quando o pai abatido ou a mãe desconsolada andavam, um de cada vez, de um lado para o outro, com a criança para repousar seu corpo debilitado, a doença avançava, sem se importar com as lágrimas que fazia derramar.

Uma madrugada, no entanto, em que a doença da menina atingiu seu paroxismo e quando tudo se tornava cada vez mais triste na casa, uma violenta tempestade, durante a aurora, eclodiu nos céus, fazendo vibrar os vidros das janelas fechadas.

Que coisa estranha! nesses momentos de aflição nos quais a própria natureza parecia conspirar para aumentar a tristeza daqueles que viam escapar sua alegria, ouviu-se cantar o pássaro dado pelo selvagem, timidamente no início, e depois, cada vez mais alto e mais frequente.

Despertado por esta alegria que se manifestava em momentos tão dolorosos, o cão se empertigou e, colocando as patas sobre cama

da doente, parecia chamá-la para participar do canto alegre. Mas ela estava fraca demais para se juntar àqueles que ela amava e, sua mão, passando sobre a cabeça do animal, foi o único sinal de que ela havia compreendido este pensamento mudo.

Como é preciso pouco para devolver a esperança àquele que se apoia em todos os galhos para atingir o porto onde se encontra a salvação! Este simples afago que Maria fez no cachorro devolveu um pouco a esperança à sua mãe e, além disso, este canto do pássaro parecia de bom augúrio ao seu coração partido e lhe lembrava essas deliciosas estrofes de M. Lemoyne⁵⁶:

Um rouxinol cantava na noite de uma grande tempestade...
Sobre a floresta alta, quando o raio luzia
Quando, rasgados por raios, chuva e vento se encolerizavam,
Um único pássaro dos bosques, o rouxinol, cantava.

Tendo fechado os ouvidos aos barulhos da tempestade,
Protegendo seu ninho que o dia abandonava,
Ele falava à primavera a música de festa,
Na qual seu coração transbordava, um coração inebriado de amor.

Balançando sua antiga e verde cabeleira,
Quando toda a floresta sob o vento se contorcía,
Aos trovões do céu a voz veemente e pura
Como um aleluia límpida respondia.

E quando se acalmava o sopro das rajadas,
Deixando um pouco de calma ao pássaro da primavera,
Escutava-se então, com raros intervalos,
O hino de alegria eclodir em remates brilhantes.
Na heroica esperança de esgotar a tempestade,
Que se distanciava enfim em longos estrondos surdos,
Sem perder um único instante sua voz nem sua coragem,
O pequeno rouxinol vencedor continuava a cantar.

⁵⁶ André Lemoyne (1822-1907) foi poeta e tipógrafo francês. Trata-se, aqui, do poema “Une voix dans l’orage” [Uma voz na tempestade], de seu livro *Poésies*, parte II – “Oiseaux chanteurs” [Pássaros cantores]. Disponível em: https://archive.org/stream/posiesdeandr03lemo/posiesdeandr03lemo_djvu.txt. (N. do E.)

Quando a obscura tempestade tinha varrido seus véus
 Do céu serenado, o canto triunfante
 Subia até o brilho dourado das primeiras estrelas
 Que do alto iluminavam sobre o divino cantor.⁵⁷

.....

O rouxinol triunfara ao cantar, assim como o passarinho azul, pois o anjo da morte, poupando uma alma, devolveu Maria à ternura daqueles que a amavam!

(1) TACAPE. – espécie de clava empregada nos combates corpo a corpo.

(2) – Os selvagens conheciam a influência das diferentes fases da lua sobre as árvores a serem abatidas para a construção.

(3) SABIÁ. – Pássaro de plumagem marrom, menor do que um pombo, cujo canto é muito apreciado no Brasil.

(4) PAJÉ. – Feiticeiro que exercia uma grande influência no comportamento dos selvagens. Antes de atingir a autoridade de que gozava, o *pajé* passava pelas provas as mais difíceis, às quais, por vezes, não resistia.

(5) INÚBIA. – Instrumento marcial que servia nos combates para desafiar o inimigo.

(6) – Algumas tribos só sabiam contar até 5. Acima de 5, elas diziam *tuba* – muito.

(7) – Em 1525 e 1526, dois navegadores espanhóis subiram o rio Solis e viram selvagens com pedaços de prata nas mãos. Desde então o rio tomou o nome de Rio da Prata, nome como é conhecido hoje.

(8) TUPÃ. – Senhor do raio.

A ideia de um ser supremo só se manifestava no espírito dos selvagens pelo terror que lhes inspirava o trovão, o raio, etc. Este temor salvou de uma morte atroz um náufrago português que teve a ideia de atirar num pássaro com seu fuzil.

Daí veio a história muito conhecida do *Caramurú*.

⁵⁷ Tradução livre do poema. (N. do T.)

Apreciação das “Causeries Familières”

NOSSO CONCURSO LITERÁRIO



NOSSO concurso literário foi especialmente interessante; o número dos manuscritos, relativamente bastante considerável, e o seu mérito depõem mais uma vez em favor do concurso; nota-se que esforços foram feitos.

Evidentemente, de um assunto designado é preciso saber tirar partido; nós indicáramos que ele devia tratar de animais, e os cães prevaleceram, mas tivemos que dar preferência precisamente àqueles que abordaram animais menos comuns, menos ao alcance de todos do que este caro amigo e companheiro do homem; tínhamos também que descartar as narrativas nas quais a banalidade era evidente demais. Precisamente, o número de concorrentes nos tornou o julgamento mais difícil.

Dois manuscritos muito bem-feitos, um nos trazendo a tocante história de um cavalo, o que sai da banalidade, o outro a história de dois gatos e de uma pomba nos pareceram merecer dividir o primeiro prêmio.

Nós os publicaremos em nossas colunas.

É preciso dizer que as estrangeiras concorrem com muito entusiasmo e não sem mérito.

Se a língua francesa apresenta em seus manuscritos contornos aos quais estamos pouco habituados, mas que não deixam de ser pitorescos, o lado sentimental, ideal e patético é bem mais profundo do que nas composições francesas, nas quais a aridez de forma e de fundo, a falta de imaginação, a trivialidade dominam muito frequentemente.

Entre as estrangeiras que concorreram, devemos assinalar duas irmãs brasileiras, as senhoritas Amelia e Altina Gomes de Azevedo que nos enviam seus manuscritos do Monte Himalaia!

Não é curioso receber de um país tão longínquo estas páginas escritas em um francês muito correto e muito cuidadosamente transcritas por duas jovens com uma escrita clara e franca? Seu trabalho cuidadoso é bem elaborado. Nossas leitoras poderão julgá-lo em breve.

Nós as criticamos talvez por não terem colocado como assunto principal da composição o tema imposto e por tê-lo tornado, por assim dizer, apenas o acessório, o que demonstra uma inferioridade da parte delas em relação às pessoas que obtiveram o primeiro prêmio.

As senhoritas Amelia e Altina souberam, no entanto, encaixar nas suas narrativas episódios dos costumes brasileiros muito curiosos; a história da senhorita Amelia, *UMA PÁGINA NO BRASIL*, nos inicia a certos costumes do selvagem.

“O Índio personifica, ela nos escreve, o Brasil no estado de natureza, e ainda que estejamos no século do progresso, há certas partes do país onde se encontram ainda selvagens em sua condição primitiva”.

As descrições são bem-cuidadas, a parte moral elevada. Além disso, nossa jovem concorrente acrescentou notas sobre os termos indígenas dos quais não teríamos podido compreender o verdadeiro significado.

Nós lhe atribuímos o segundo prêmio n. 1

UM DIA DE NATAL, escrito por sua jovem irmã, a senhorita Altina, destaca-se pelas mesmas qualidades, apenas num grau menor por conta da parte técnica, proveniente, cremos, da diferença de idade. Destacamos sobretudo a ideia do bem e da moral que distingue seu trabalho como o de sua irmã.

Nós lhe atribuímos o terceiro prêmio n. 1

Gostaríamos de publicar sua história por ocasião das festas de Natal. O tempo poderá lhe parecer um pouco longo, mas ela será recompensada pelo momento oportuno que fará com que seja mais bem apreciada pelos leitores.

Três dias no Monte Himalaia (*)



ESCREVENDO estas linhas, talvez leve a acreditar que se trata de uma longa viagem com mil peripécias, que atravessei locais longínquos sob um sol dourado, que estive diante desses animais que nos inspiram admiração e medo, que entrevi arrepiada o pelo sedoso do tigre feroz. Não; viajei sim, mas minha viagem foi curta e não me ofertou essas sensações que colocam a alma em sobressalto, fazendo-nos tremer diante de algum perigo frequentemente imaginário. Minha viagem foi curta, mas dela guardei as mais ternas lembranças e a impressão mais suave que deixarão em meu coração a paz tranqüila sem nuvens e sem medo.

Xavier de Maistre, sentado diante de sua mesa, não encontrou assunto sobre o qual escrever deixando viajar sua mente curiosa nos limites de seu modesto quarto? Não encontrou ele charme, poesia em todos esses moveis, nos cantos recônditos que lhe eram familiares? Não sabia ele compreender a linguagem muda de cada objeto?

Do mesmo modo, em minha viagem destituída de aparato, deixei minha alma ávida se embriagar de uma poesia majestosa, cujos perfumes desconhecidos colocaram-me em comunhão com o que Deus nos oferece em sua generosidade sem limites; e esta comunhão, em meu coração extasiado, reascendeu o sentimento de admiração profunda pelas maravilhas que nos circundam, maravilhas inumeráveis que apenas o Criador, com o seu olho infindo, é capaz de contar.

Esquecendo o mundo com suas vãs futilidades, as frivolidades que nos inquietam e nos conduzem sempre, não ficamos felizes em nos extasiar diante daquilo que nos fala de um mundo melhor, das belezas infinitas sonhadas pela imaginação ardente que não conhece limites, quando seu voo rápido, nas regiões celestes, busca abrir o caminho que a conduzirá a este mistério sublime da eternidade? E não somos levados a cada passo para esta meditação que alivia o coração e leva a mente a sonhar?

(*) Apresentado no concurso literário aberto em Paris em 1893 pelas *Causeries Familieres*.
Primeiro prêmio.

A modesta florzinha, virando-se para o céu que ela reflete em sua corola e que recebe cheia de amor os primeiros beijos do sol que nasce, comunica-nos em seu silêncio eloquente um sentimento de reconhecimento e a necessidade de nos prosternar diante do poder supremo.

Tudo na natureza atesta este poder, desde a gota de orvalho que perola sobre a folhagem verde do jovem arbusto até a árvore gigantesca que aponta para as nuvens seus galhos rugosos como um desafio à tormenta que eclode contra sua imponente majestade.

Pensando neste concerto de cândidos esplendores em sua augusta grandeza, eu não quis escolher o turbilhão que embriaga, não quis belezas factícias nas quais o natural se esmaece, nas quais a realidade desaparece com frequência sob as pesadas pregas da vaidade humana.

Eu preferia esquecer o movimento perpétuo da sociedade e descansar minha mente, a fim de obter, longe do barulho das cidades turbulentas, um conforto duradouro. Eu queria mudar de meio e, como pássaros migratórios, ir a outros lugares me aquecer sob novos raios de sol e estremecer com as brisas perfumadas e desconhecidas sobre meu rosto queimado pelas preocupações da vida.

Acertei na minha escolha e, enquanto meu coração bater no meu peito, jamais me esquecerei desses dias passados sob um céu azul e sem nuvens, neste lugar onde as árvores sempre verdes da alta montanha pareciam tocar a abóbada que se coloria com luzes brilhantes.

Jamais esquecerei de minha impressão quando, com meus olhos habituados às pálidas meias-tintas da estrada assombreada pelas árvores da floresta, que viu muitos séculos passarem, descobriram uma clareira brilhante de luz na qual a vida se manifestava em tudo! Eu gozara em silêncio o charme do caminho estreito e tortuoso, serpenteando na floresta imponente com sua grandeza, atapetada com folhas mortas que o aquilão jogara sobre o solo pródigo, no qual elas foram alimentadas com seu vigor vivificante. Aqui e acolá algumas flores selvagens com tons harmoniosos ou brilhantes se destacavam deste fundo de verdor eterno, como se fora para interromper o espetáculo dessas árvores

cujos galhos se entrelaçavam e que o cipó, fino ou grosso pela idade, envolvia tal qual uma serpente com mil braços.

Eu deixava flutuar as rédeas de meu dócil corcel e me deleitava em vê-lo de tempos em tempos pastar a erva fresca, saciando a fome que talvez o aguilhoasse, pois a estrada era longa e o pobre animal andava sem parar. Era um cavalo branco, inteligente e calmo; e embora eu me deixasse levar por longos devaneios, ela parecia compreender que, apesar disso, eu tinha pressa de chegar ao termo de minha viagem; de vez em quando ele apressava o passo e avançávamos.

Atingimos, enfim, um trecho plano num desfiladeiro da montanha no qual, entre as pontas afiadas e curvas dos espinheiros, destacavam-se goiabeiras com seus frutos apetitosos. Fiquei contente; e esses frutos frescos e doces foram um verdadeiro regalo para meus companheiros e eu. Revigorados, apressamos nossas montarias para atravessar o riacho que corria tranquilamente cortando o caminho.

Essa água límpida que nos havia saciado respingava em nossas roupas cobertas de poeira, que quatro horas de marcha nos fizeram acumular pelo caminho.

Precisávamos em seguida subir a encosta da montanha; era a parte mais difícil do caminho e que mais nos cansava, mas vencemos essa dificuldade; ela nos preparava para melhor saborear a agradável sensação de nos encontrar, enfim, no momento em que o sol se punha desenhando no céu límpido longos raios purpúreos, numa grande plantação de café, primeira riqueza o país. Paramos para contemplar o local que se apresentava aos nossos olhos e era encantador! Sob um céu abraseado, cujos tons quentes se refletiam sobre os campos, brilhavam, em sua folhagem verde, os pés de cafeeiro, cujos ramos pendiam em direção à terra sob o peso de inúmeras bagas vermelhas, formando rosáceas.

Este era o resultado do trabalho contínuo do homem unido à exuberância que a natureza dá a este solo fértil.

Avançamos lentamente, contemplando essas árvores tão carregadas; o silêncio que a contemplação nos fazia guardar era

interrompido pelo murmúrio de um curso d'água no fundo de um vale, paralelo ao caminho que seguíamos.

Eu via poesia nesta prodigalidade da natureza, no silêncio que guardávamos, no murmúrio da água, numa casinha branca próxima do riacho, que nos pareceu à primeira vista um retiro solitário, mas chegando mais perto, pudemos nos certificar que era um moinho cuja roda, de cubos sólidos, recebia o jato de água que sua impetuosidade lhe lançava.

Logo percebemos o telhado de uma casa, mas foi só quando chegamos à entrada que pudemos distingui-las de uma só vez; eram dez e duas em construção, formando uma espécie de anfiteatro.

Enfim, havíamos chegado e eu estava feliz, pois sabia que, sob este teto enterrado naqueles confins, um coraçãozinho me esperava, coração de uma verdadeira amiga que batia em silêncio indagando-se se chegaríamos em breve.

Quantas vezes, talvez, minha boa amiga não teria sentido a esperança abandoná-la, vendo passar as horas, o sol se pôr sem que ela pudesse adivinhar ao longe uma sombra que dissesse ao seu coração amoroso: “eles estão chegando”.

Eu estava certa de estar sendo esperada, e o prazer em rever minha cara amiguinha fazia bater meu coração com as mesmas sensações que o dela sentia. Não é delicioso se sentir sinceramente amada e amada por um coração dedicado que de sua amizade traz apenas a pureza desse sentimento divino?

Ao chegar, a primeira coisa a chamar a atenção de meu olhar foi a silhueta de minha pequena Cecy, que me esperava debruçada na janela. Nossos olhares se cruzaram, e havia nesse olhar trocado à distancia tantas promessas de doces prazeres para esses três dias nos quais eu devia respirar com ela o mesmo ar perfumado de sua Tebaida. Eu a apertei com ardor contra o meu peito e era um prazer notar como seus olhos, verdadeiros espelhos da alma, refletiam o contentamento que nossa chegada lhe causava. Lá onde há amizade existe sempre essas doces sensações inexprimíveis e desconhecidas.

O resto do dia, que prometi a Cecy não contaria no tempo de nossa estada em sua casa, se passou na intimidade, no agradável abandono da vida em família, trocando ideias, comunicando as novidades e assim as horas se passaram rapidamente e a noite chegou.

Noite calma e tranquila, cheia de charme para mim que gozava reconhecida o repouso necessário no silêncio de um quartinho. A lua, redonda e grande num céu estrelado, lançava sobre a natureza uma pálida claridade tão doce e tão suave que a gente se sentia invadido por um grande bem-estar. Debrucei-me à janela e deixei errar meus olhares sobre a paisagem encantadora que me atraía. Eu via os buquês carregados dos laranjais, cuja sobra se desenhava sobre o solo, enquanto que os topos eram banhados por essa luminosidade tão agradável. Que belo contraste esta luz tão suave dissolvendo-se na sombra não menos suave! Mas o que me saltou mais aos olhos foi o efeito realmente bonito produzido pelas bananeiras cujas folhas longas e de um verde claro, agitadas pela brisa, exibiam-se à lua que as iluminava. Essa luz passeava sobre as folhas que, balançando constantemente, formava uma vista encantadora.

Eu não conseguia deixar a janela; estava encantada e, depois, este silêncio tão profundo na natureza e na casa adormecida me fazia meditar. Eu esquecia até o cansaço do dia de viagem, de tanto que, algumas vezes, o espírito domina a matéria.

Não saberia dizer a que horas voltei para a cama para tentar me repousar. Dormi finalmente e não escutei mais o soar das horas no relógio.

O sono bom nesta cama confortável me trouxe, na obscuridade do quarto, a lembrança da amiga que tivera tanta felicidade em rever! Que sonho engraçado! embora nunca tenha dado importância às divagações da mente, contei à Cecy o sonho no qual, felizmente, não se encontrava o horror daquele de *Athalie*⁵⁸.

Nessa noite tranquila na qual nada atrapalhava o silêncio imponente da natureza, nós vagávamos sobre as águas silenciosas de um lago com

⁵⁸ Trata-se de uma referência à tragédia *Athalie*, escrita em 1691 pelo dramaturgo francês Jean Racine (1639-1699). O sonho de *Athalie* com sua mãe morta, Jezebel, ocorre na quinta cena do segundo ato da peça. (N. do E.)

as margens cobertas de grama. Cecy, tímida em geral e marota quando estava comigo, estava radiante de juventude, desfolhando um magnífico buquê de flores tão brancas quanto seu vestido, lançando-as na água e me coroadando com elas. Eu a olhava com ternura, parecia-me ler na sua alma jovem como se fosse um livro aberto; e quando meus olhos se desviavam de suas mãos travessas, que magoava as flores, eu percebi, com surpresa, no alto de uma montanha, ao final de um caminho difícil e íngreme, uma casinha encimada por uma cruz aureolada com uma luz celeste, atrás da qual se destacava o céu radiante e puro de nosso país. Mostrei a Cecy a aparição, e a luz celeste, num longo raio resplandecente, nos envolveu, enquanto que as últimas flores do buquê jaziam aos nossos pés.

A visão desapareceu e acordei completamente surpresa de ver, ao invés do lago, da casa com a cruz mágica, meu quarto invadido pelos raios brilhantes do sol nascente.

O primeiro dia passado no Monte Himalaia – que não tem nada a ver com a célebre montanha que lança seu corpo gigantesco entre a Índia e o Império Celestial, mas é o nome de uma propriedade que no Brasil chamamos de *fazenda* – foi usado para percorrer o que estava nas cercanias.

Começamos pela fábrica, um vasto prédio onde se achava toda a maquinaria necessária para o trabalho industrial do estabelecimento, no qual é preparado o café para ser vendido no mercado.

Visitamos em seguida as casas dos colonos. Essas casas são muito grandes, divididas em quatro ou seis partes, segundo o comprimento; e cada família, de acordo com o número de pessoas que a compõe, ocupa uma parte de 4 a 6 quartos, vivendo independentemente de seus vizinhos. Esses colonos são portugueses e, como era um domingo e que erámos esperados, suas casas estavam arrumadas. Na sala, onde normalmente recebem as visitas, há sobre uma mesa encostada contra a parede uma imagem do santo de sua devoção, cercada por mil bibelôs que as crianças gostam de colocar para enfeitar a mesa que sustenta dos dois lados duas longas folhas de *palmito*, palmeira natural que a terra dá.

Logo que chegávamos a uma casa, todas as criancinhas vinham em grupo nos beijar a mão, as mulheres e as meninas já vestidas à moda brasileira, o chefe de família, às vezes desajeitado diante de pessoas que nunca vira e se esforçando ao máximo para ser obsequioso e educado.

As canecas de café fumegantes eram trazidas com pratos cheios de bolos e de pão. Eles insistiam para que bebêssemos e comêssemos; éramos obrigados a obedecer-lhes, temendo magoar essa boa gente rústica que veria numa recusa nossa uma prova de desdém por sua inferioridade. Não desejávamos magoá-los; mas, visitar cerca de vinte famílias e sempre beber e comer era coisa impossível para um estomago, por mais comedido que fosse.

Assim, essa amabilidade obrigatória foi um verdadeiro sacrifício, e só conseguimos escapar a essas dificuldades sorvendo o café das últimas famílias e aceitando seus bolos para comer no dia seguinte, com a desculpa que eles ainda estariam excelentes.

Que chuva de bolos! além disso, galinhas e ovos que as moças nos obrigavam a aceitar! Quando voltamos à casa grande, como é chamada a moradia do proprietário, éramos seguidos por uma multidão imensa de meninos e meninas que carregavam os presentes de seus pais, os quais teríamos dificuldade de carregar no trajeto.

Na maioria das fazendas, é o sistema adotado pelos proprietários rurais: famílias que trabalham e que, no fim do ano, dão ao proprietário a metade dos lucros que tiveram com a venda de seu café. A colonização europeia está espalhada por toda parte; ela substituiu a escravidão que um decreto do governo fez desaparecer subitamente. Mesmo que possa parecer que os proprietários rurais tenham ficado descontentes com a mudança, não ocorreu assim, pois eles têm mais tranquilidade e liberdade do que na época da escravidão, na qual suas vidas estavam frequentemente nas mãos dos escravos, essas massas brutas com maus instintos. Apenas a transição foi difícil, provocando a ruína de fortunas pouco sólidas.

Planejamos para o dia seguinte uma bela excursão. Devíamos nos levantar bem cedo e esperar o sol no ponto mais alto da montanha.

É preciso dizer que as moradias desta fazenda se situam num vasto planalto cercado de montanhas.

Às quatro horas da manhã partíamos para nossa subida, munidos com cestos de alimentos para nosso almoço ao ar livre.

A lua estava no céu e iluminava a natureza que ainda estava dormindo, enquanto subíamos sem parar até chegarmos perto de um cedro, atrás de cujos galhos parecia-nos que se encontrava o belo astro.

Que silêncio imponente! Que majestosa aurora, sucedendo, nos primeiros raios da manhã, a essa noite iluminada! Horizonte magnífico que a aurora coloria com leves nuvens fugidias de um roxo avermelhado! A claridade ainda indecisa do astro distante invadia o céu como o prenúncio do brilho próximo do dia.

Do topo do monte, abraçávamos uma paisagem imensa que se descortinava diante de nossos olhos com tudo o que se pode desejar de encantador no efeito de uma perspectiva natural. Eram imensas cadeias de montanhas que nos pareciam cobertas de neve, de tanto que os vapores da manhã formavam uma espécie de tecido transparente que as envolvia; as vastas planícies, ainda cobertas de bruma, ofereciam-nos um espetáculo de um mar tranquilo, banhando essas elevações com um cinza arroxeadado que os raios do sol desenhavam claramente.

Lá, no horizonte tão distante, nosso olhar curioso podia adivinhar ainda algo como geleiras gigantescas e escondidas. Eram terras a mais de quarenta léguas de nós. Podíamos perceber onde ficavam algumas cidades, rios, etc. Desviando nossos olhos dessa paisagem feérica tão distante, olhávamos encantados no oriente luminoso a chegada do sol que enfim aparecia em todo esplendor de sua grandeza inigualável, lançando por todos os lados seus raios de fogo, afugentando a doce e tímida claridade que a noite havia deixado à natureza como um último adeus. Tudo se acendeu sob este revigorante calor; as árvores, refrescadas durante a noite, pareciam sorrir ao astro que saudavam, mostrando-lhes seus belos adornos de onde perolavam as gotas tremulantes do orvalho.

Os pássaros, deixando seus ninhos estofados com finas ervas, vendo o sol, saudavam também o Criador que lhes dá sempre o

alimento. Que concerto formava o gorjeio desses pequenos cantores que voavam, numa alegria comunicativa, de um galho para o outro, batendo as asas, correndo uns atrás dos outros nos ares! Esse canto tão alegre é o hino que esses pequenos seres enviam a Deus.

Que grandiosidade, que imponente majestade na obra do Criador considerada deste lugar! Sentíamos-nos emocionados diante do espetáculo que se revelava aos nossos olhos, pois por todo lugar para onde eles se dirigiam eles viam provas imensas de um grande poder.

O astro radiante que nos iluminava, a abóbada azulada que nos cobria, esta massa gigantesca de uma terra pródiga, que união eloquente para exprimir um mistério sublime e único saindo das mãos de um Deus infinitamente bom! Que generosidade grandiosa na concepção desta obra nascida do nada! Que graças não encerra para o homem cuja pequenez se destaca nesta imensidão infinita! A alma sensível torna-se sonhadora diante desta grandeza que a surpreende e que lhe fala com uma voz misteriosa e simpática.

Tudo na natureza, para nossa alma extasiada, se presta uma outra alma para falar com a nossa, para estabelecer uma magnética comunhão de ideais entre nossa mente pensante e estas criações que a sabedoria divina engendrou; e quanto mais nossa alma se une a elas, mais existe como um fluido de simpatia entre elas e nós.

Desse modo, parecia-os que nos identificávamos com tudo o que havia de grande neste despertar da natureza, neste dia que nascia, nós, tão insignificantes diante de tanta grandeza.

O sol havia dourado toda aquela terra e fundido a bruma que cobria as montanhas distantes que admirávamos, quando lembramos do nosso almoço. Nossa refeição foi a mais alegre possível, sentíamos-nos tão bem, sentados sobre a relva fresca, com a alma tranquila e o coração contente, tudo em nós respirava a paz que nos cercava.

Já guardávamos nossos pratos quando escutamos bem perto de nós os cantos de um pássaro que nos pareceu ser o do *sabiá*, ainda que não fosse a época em que ele normalmente canta.

Paramos para escutá-lo, de tanto que adivinhávamos a animação e a vida neste canto que não queríamos atrapalhar.

Ele continuava cantando sem se cansar, descobrindo em sua garganta inflexões de voz que traduziam as sensações do poeta, chorando por sua bela pátria, invocando o canto do sabiá que estava habituado a ouvir desde seus mais jovens anos.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá! (1)

Quanta paixão nosso poeta, cedo demais tirando de seus louros, possuía em sua alma apaixonada pelas belezas de um país sem rival! que emoção o dominava quando sua lira chorosa cedia às inflexões da dor que faziam nascer nele as saudades da pátria tão distante! Ele chorava estas belezas que não encontrava em nenhum outro lugar e que enchiam o seu coração de suspiros levados pela brisa, talvez para deixá-los na praia querida que seus olhos não podiam ver e que só sua alma entrevia.

Como esta poesia tão cheia de sentimentos parecia justificada neste momento em que tudo falava das saudades do poeta!

O pássaro que nos havia encantado com seu canto se calou e foi, talvez no bosque adiante, elevar seu feliz chilrear ou trançar seu ninho para uma nova ninhada. Ficamos muito tempo ainda no mesmo lugar, esperando ouvi-lo novamente, mas, por maior que fosse nosso bem-estar, decidimos enfim partir; começava a fazer calor e o caminho era longo; era preciso abandonar o encanto que nos dominava e pensar em voltar para casa.

O dia havia começado bem e nos trazia muito contentamento. Estávamos tão cansados dessa longa caminhada, mas o cansaço desaparecia diante do prazer, e assim foi o segundo dia de nossa estada no Monte Himalaia.

(1) Gonçalves Dias, morto em 1864, foi um dos bons poetas dos quais se honra o Brasil e cujo gênio teria ilustrado sua pátria, se o destino não tivesse quebrado tão cedo sua lira. O Município do Rio de Janeiro deu seu nome a uma das ruas da cidade.

Decidimos para o dia seguinte um outro passeio, não tão longo como o da véspera, mas tão encantador quanto; era um passeio de barco no lago da *fazenda*.

- O caminho para lá chegar não era longo e não apresentava as dificuldades daquele da montanha; era uma larga avenida ladeada por uma fileira de árvores frutíferas, desde a mangueira, com sua folhagem abundante, até os coqueiros e ameixeiras.

Antes de chegarmos, acreditamos que se tratava de um lago de águas tranquilas, como se via tão frequentemente, mas ficamos muito surpresos em nos ver diante de uma longa fortaleza que projetava num declive do terreno sua intransponível muralha sobre uma extensão de mais de vinte metros.

Do meio dessa muralha espessa a água caía sobre as pedras com um estrondo ensurdecedor, deixando adivinhar para além uma massa enorme que só a força continha.

Percorremos o caminho e subimos sobre a muralha que era larga o suficiente para permitir que quatro pessoas pudessem nela passear lado a lado.

Uma brisa leve agitava as águas às quais o céu emprestava sua bela cor. Era um mar em miniatura com todos os seus encantos, formando marolas que vinham morrer contra a poderosa muralha, à qual ele estava estreitamente ligado e à qual ele trazia, como tributo, as flores e as folhas que a floresta lhe havia confiado.

O barquinho nos esperava completamente equipado e preparado para nos receber. Embarcamos e, como o vento estava favorável, içamos uma vela para navegar mais tranquilamente, sem cansar nossos remadores.

Quantas horas ficamos a navegar de um lado para o outro, percorrendo o lago em todos os sentidos, colhendo flores sobre suas margens, folhas e plantas exóticas que colecionávamos?... Só Deus o sabe.

Trouxeram nosso almoço e nossa refeição sobre a água foi tão alegre quanto a da véspera.

Em seguida, a pesca veio nos oferecer seu charme e foi só quando nosso cesto conteve algo e que o sol ficou bem quente que nós nos

encaminhamos em direção a casa. Eram duas horas da tarde quando chegamos, bem a tempo de trocar de roupa e de descansar um pouco para esperar o jantar.

Nosso dia tinha acabado e eu já tinha saudade, ainda mais que eu pensava no dia seguinte, dia da partida.

Eu lia nos olhos de Cecy todo o sofrimento que seu coração terno sentia de nos ver partir e, no entanto, nada podia fazer, embora meu sofrimento fosse tão grande quanto o seu de deixá-la enquanto eu teria desejado sempre tê-la junto a mim. Eu estava sendo esperada alhures e ela o sabia.

A hora da partida chegou. Às cinco e quinze da manhã tomávamos o caminho de volta, agradecendo àqueles que nos haviam recebido tão bem e levando dessa morada tão distante a mais agradável lembrança que se podia conservar de uma viagem feita em três dias tão curtos como o são os momentos felizes e fugazes que não recuperamos mais.

Eu ia embora, mas o meu coração retornava em direção a esta estada que tinha sido a minha durante esses dias que eu teria desejado ver recomeçar de novo, mas que, infelizmente, findavam para sempre.

Eu me virava mais de uma vez, de tanto que meu coração insistia na lembrança deixada para trás; pude ainda distinguir, apesar da distância, uma luzinha por detrás de uma janela fechada, da qual a cortina se abria para deixar passar uma sombra que se desenhava timidamente e, provavelmente, espreitando ainda aqueles que partiam.

O solo estava coberto de folhas mortas e a lua as iluminava obliquamente; eu olhava esses corpinhos que brilhavam tão discretamente, mas meu pensamento ia ao longe; ele seguia o mesmo caminho que acompanhava o pensamento de Cecy e, ao vento que, por intervalos, ribombava perto de nós, eu murmurava o nome daquela que estava pensando em mim. Eu tinha prazer em confiar à brisa, à natureza e ao céu o nome daquela que havia conquistado meu coração com toda a simplicidade de sua natural ingenuidade. Dela eu levava um tesouro – sua afeição – e partia lamentando profundamente ter que fazê-lo.

Eu colhia aqui e acolá algumas florezinhas que desejava guardar junto a meu peito, na esperança de que elas me falariam da ausente; e quando, numa curva do caminho, meus olhos não puderam distinguir mais nada, dei um último adeus a esses lugares que me agradaram tanto, a esse Monte Himalaia que me emprestara a poesia de sua simplicidade e me inspirara sentimentos por seus proprietários que conservarei para sempre.

Logo tudo havia desaparecido diante de meus olhos, e só restavam os olhos do coração capazes ainda de viajar, para renovar as doces impressões nascidas no Monte Himalaia!

Cristóvão Colombo (*)



TRAVÉS dos anos, que a mão do Tempo cobriu com sua sombra sublime e tranquila e na qual dormem para sempre, uma figura imponente se destaca, elevando-se sobre um pedestal luminoso que a admiração das gerações lhe erige como um tributo sincero e justo.

A auréola reluzente, que circunda a cabeça do herói, à posteridade oferece o nome imortal de – Cristóvão Colombo, aquele que o gênio guiou, que a fé e a perseverança apoiaram e que a esperança acariciou, embalando-o em visões que lhe aqueciam o coração.

Estremecei, cinzas gélidas do grande homem! ó vós que envolvestes esta alma ardente, cujas asas de fogo buscavam sempre o infinito, escutai a ovação universal que vai aumentar a apoteose, na qual se eleva aquele de quem sois apenas os restos mortais!

Os povos distintos pelas crenças, cujas ideias e interesses de algum modo separam, hoje, dominados por um nobre sentimento, ficam felizes em se reunir e se prosternar diante da memória do homem ilustre que, há quatrocentos anos, ao velho continente ofereceu a posse de terras, onde a mão do homem civilizado ainda não havia lançado as raízes do progresso.

Esta natureza grandiosa, esta opulenta vegetação de regiões desconhecidas que guardam em seu seio prodigiosas riquezas formavam o tesouro que ele ofertava aos pés dos soberanos que haviam coberto com sua augusta proteção seu projeto amadurecido na obscuridade, na qual por muito tempo o havia deixado a inconstante Fortuna.

Desconhecido pelos grandes, ultrajado por seu desdém, de uma corte a outra ele levou suas esperanças e suas decepções.

Mal recebido por sua cidade natal, à qual ele desejava que pertencessem as honras de seu feito, enganado pelo rei português, abalado pelo destino, ele se dirigiu aos soberanos que, por elos sagrados, haviam reunido as coroas de Castela e de Aragão.

^(*) Apresentado no concurso literário aberto em Paris em 1892 pela Academia Paris-Province. Tema determinado.

Premiado com diploma de mérito e menção honrosa.

É um visionário! diziam, ao vê-lo, sombrio e sonhador, acompanhar as ideias que turbilhoavam em seu cérebro. Mas ele compreendia esta visão mágica que o atraía para o vasto oceano; ele conservava inabalável a fé que possuía em sua estrela, que lhe mostrava seu caminho, como aquela que guiou os Reis Magos em direção ao divino Salvador.

Como Théophile Gautier disse de Corneille:

A cabeça no céu e os pés na lama
Caminhava a passos lentos uma figura estranha.⁵⁹

Do mesmo modo, o grande homem, que a incredulidade quase geral envolvia, com o espírito planando em regiões que só o pensamento pode alcançar, com seu filho pela mão, andava sobre a poeira da estrada que acabava diante do convento hospitaleiro, onde sua coragem obteve um apoio que o ajudou a continuar.

A coragem, que em seu coração se reacendeu mais de uma vez, esteve a ponto de naufragar completamente quando, vítima da incerteza que o atormentava, Colombo sofreu uma nova contrariedade que o revoltava contra o destino. Próximo ao suntuoso Alhambra, no qual os infiéis guardavam seus tesouros, ele seguia melancolicamente essa guerra que um rei cristão fazia contra aqueles que não queriam se abrigar sob o estandarte do Senhor.

A fé triunfou, o cristianismo se expandiu e esta vitória, anunciada pelas trombetas, foi o sinal que disse ao grande navegador que ele ia enfim poder partir para descobrir novas terras e o caminho que, sobre as ondas azuis, da Europa às Índias, transportaria o veleiro.

– Vai Colombo, lhe dizia a Inspiração, busca naquelas paragens muito distantes, que teus olhos não podem entrever, o pavilhão de ouro que tu abrirás para nele gravar teu nome, que aqueles que compreenderão o alcance do serviço que tu prestas à posteridade repetirão com respeito e admiração. Vai, luta e volta vencedor, que a glória sobre tua fronte pousará seus louros.

⁵⁹ Tradução livre dos versos do poema “Le soulier de Corneille”, do escritor romântico francês Théophile Gautier (1811-1872). (N. do T.)

Ele partiu com o coração tomado por sua ideia e quando seus olhos não perceberam nada além da imensidão das ondas agitadas e o infinito da abóbada celeste, ele se sentiu feliz.

Quanto maior o feito, mais há reverses a enfrentar, mais o coração é confrontado com as circunstâncias que se unem para destruir os planos longamente concebidos.

Que luta para ti, ó imortal Colombo, quando, sobre o oceano, os marujos se revoltaram contra ti e clamaram pelo retorno à praia querida que haviam deixado!

Que luta terrível contra o desânimo que triunfava sobre esses infelizes que se sentiam perdidos! que vontade inabalável foi preciso para dominar aqueles que te abandonavam!

Os reverses nada puderam contra o audacioso navegador que saudou enfim a terra prometida, surgindo diante de seus olhos extasiados como a recompensa pelo céu enviada.

12 de outubro de 1492! Viva à data memorável que brilhará sempre!

Que alegria inefável, que emoções ele não sentiu diante dessa ilha que se destacava, entre as brumas do horizonte distante, à qual ele deu o nome de São Salvador, que garantia a glória ao feito que havia provocado o riso de desdém naqueles para quem ele expunha sua ideia.

Ele passava de um arrebatamento a outro, seja descobrindo novas terras, seja contemplando a exuberante natureza que jamais havia imaginado assim. Que espetáculo grandioso essas florestas virgens se descortinando sob seus olhares, esses selvagens agachados na margem, olhando espantados aqueles que acreditavam vindos do céu!

E, enquanto o comandante os atraía com mil bibelôs que fazia brilhar diante dos seus olhos, outras tribos chegavam para trazer aos europeus as riquezas naturais que eles ambicionavam!

Pinzon⁶⁰, o traidor, se separava de seu companheiro para tentar fortuna por conta própria.

⁶⁰ Vicente Yáñez Pinzón (1462-1514), navegador espanhol, descobriu com Colombo a América em 1492. Era capitão da caravela La Niña. (N. do E.)

Ofuscado pelo brilho do sol que iluminará para sempre o nome de Cristóvão Colombo, uma voz tímida e fraca se elevará para lançar uma reprovação contra o grande navegador.

Por que este homem glorioso, surdo à natureza que se elevava para condená-lo, se atribuía o direito de aprisionar os pobres selvagens sem proteção?

Não eram eles os donos desta terra que percorriam correndo? quem, melhor do que eles, podia gozar dos dons da Providência naqueles lugares até então desconhecidos? por que privá-los da liberdade, este bem que os povos civilizados sempre reivindicam?

Calemos este crime praticado contra a lei de Deus, esqueçamos este sentimento iníquo do homem que as trombetas do Renome vão saudar em coro fraterno e universal.

Vejamo-lo, ao contrário, fiel ao rei de Espanha, confiar ao oceano o segredo de sua descoberta, no momento em que a tormenta terrível, separando-o do navio que o acompanhava, deixou-o só em águas desconhecidas, temendo se ver engolir pelas ondas que encerrariam para sempre em seu seio o que lhe havia custado tanto.

O Tejo histórico, que mais de uma vez em suas margens viu heróis partindo para o combate, estremeceu com a aproximação daquele que Portugal havia rejeitado e que, contudo, voltava vitorioso, envolto em uma atmosfera de glória, envolvido pelo sopro da brisa que, agitando as palmeiras selvagens das Índias Ocidentais, trazia-lhe o tributo do solo fértil que em breve seria explorado.

Ao velho continente ele oferecia o perfume exótico colhido na sombra poética de majestosas florestas.

As honras sobre seus passos se precipitaram. O grande navegador outrora desprezado se via sobre um verdadeiro pedestal, quando os soberanos, em seus tronos resplandecentes, acolheram-no com benevolência e, de seus augustos lábios, deixaram cair palavras de admiração e de reconhecimento que ressoaram em suas orelhas como um canto melodioso que deixava sua alma em êxtase.

Três vezes ainda ele tomou o caminho do Novo Mundo.

No entanto, ó revés, ó sorte injusta! aquele que recebia o título de Vice-Rei e era aclamando por toda parte voltava de sua terceira viagem carregado de ferros, humilhado como o criminoso que se insulta.

Sua alma estava acima do que lhe infligiam; ele sentia que o ultraje que lhe impingia Bobadilla⁶¹ serviria apenas para elevá-lo aos olhos do mundo que compreendia toda a ingratidão da qual ele era vítima.

Ele recusou ao capitão do navio que o levou à Espanha a liberdade que lhe era oferecida. Ele desejava acrescentar à sua coroa de glória aquela de mártir para o bem de outrem, para a civilização que lhe deveria aquilo que, até ele, ninguém havia podido lhe dar, como fez entender aos convivas do cardeal Mendoza⁶².

Os anos embranqueceram sua venerável cabeça; ele não era nada mais do que um ancião doente e cansado, voltando cambaleante para a corte, curvado pelos anos e pelos desgostos, guardando em seu coração a dor amarga que o oprimia e que se declarava quando, dirigindo-se à rainha, percebeu lágrimas de simpatia nos olhos que pousavam sobre ele, o navegador corajoso; ele caía de joelhos com a voz entrecortada pelos soluços que não podia mais conter.

Chorou, o grande e imortal Colombo, e ordenou à sua família que os grilhões que o haviam aprisionado sobre o oceano, que por quatro vezes ele havia atravessado, fossem guardados como relíquias que o acompanhariam ao túmulo.

A descoberta de Cristóvão Colombo foi o evento mais importante do século XV, aquele que impulsionou outras expedições que iriam buscar novas terras.

Glória, então, àquele que morreu sem conhecer o imenso alcance de sua descoberta, àquele que acreditava estar na Ásia quando era a majestosa América que seus olhos haviam percebido.

⁶¹ Francisco de Bobadilla (?-1502), administrador colonial espanhol das Índias Ocidentais, na época das Grandes Descobertas. Sucedeu a Cristóvão Colombo no cargo de Governador dos novos territórios das Américas. Bobadilla acusará Cristóvão Colombo e seus irmãos de má administração, prendendo-os e os enviando de volta para a Espanha. (N. do E.)

⁶² Pedro González de Mendoza (1428-1495), eclesiástico e político castelhano, foi uma das pessoas mais influentes na Corte da Rainha Isabel de Castela. (N. do E.)

Glória a ele, glória à sua terra natal que deve se orgulhar por ter um tal filho entre aqueles que a honraram, glória aos soberanos que protegeram o estrangeiro e foram os primeiros a plantar a cruz no Novo Mundo!

Levantai-vos, povos civilizados, glorificai a memória daquele que há quatrocentos anos vos abriu novos horizontes; não lhe recuseis o óbolo de vossa reconhecida admiração.

Saudai a data célebre em que a primeira ilha da América ofereceu àqueles que abordavam suas praias os tesouros que a natureza lhe havia confiado.

Que o nome de Cristóvão Colombo, na apoteose sublime que lhe é devida, atravesse as gerações futuras; e que aqueles que virão nos séculos que ainda desconhecemos, guiados pelos novos progressos da civilização, se sintam dominados pelos mesmos sentimentos que no século XIX formam a imponente ovação que faz estremecer em ondas de alegria as cinzas daquele que nos surge em todo o brilho de sua glória.

D. Pedro de Alcântara (*)

Oh! n'exilons personne ! oh! l'exil est impie !⁶³

V. HUGO.



AS páginas da História um novo nome acaba de se gravar, e esse nome que ecoará um dia na posteridade nos aparece numa auréola e na glória, pois ele é ao mesmo tempo o nome de um mártir e de um sábio.

O homem que carregou o nome de Dom Pedro de Alcântara, que foi o segundo imperador do vasto território brasileiro, hoje, repousa longe de sua pátria, longe daqueles que o acompanharam, quando, favorecido pelo destino, segurava em uma mão o cetro, enquanto com a outra fazia o bem a seus súditos. Seu frio cadáver não estremeceu mais quando os brasileiros numerosos se reuniram em sua cidade natal para celebrar algum acontecimento glorioso.

Longe da terra querida, da pátria que tanto amara, que talvez tenha sido sua última visão, ele dorme do sono profundo que tornou pálido sua fronte larga, na qual tantas ideais se entrecrocaram, em que tantos pensamentos surgiram visando o bem de seu povo, do qual não passava de um pastor, como ele dizia.

Ilustre proscrito que, outrora, fora recebido com aclamações pela multidão entusiasmada, quando voltava do velho continente, prometendo a si mesmo de, junto com os seus, abrigar-se sob o pavilhão da Paz para conquistar o futuro, e, no declínio de sua velhice, assegurar a tranquilidade do trono no qual se sentaria sua filha bem-amada.

(*) Apresentado no concurso literário aberto em Paris em 1893 pela Academia Paris-Provence. Tema livre. Premiado com medalha de bronze.

⁶³ “Oh! não exilemos ninguém! Oh! o exílio é ímpio!”. Tradução livre dos versos tirados do poema “Napoléon II”, do livro *Les Chants du crépuscule* [Os Cantos do crepúsculo], do escritor francês Victor Hugo (1802-1885), publicado em 1835. (N. do T.)

Com um único golpe, a tormenta terrível que se preparava em surdina derrubou o trono; e, nessa queda fulminante na qual parecia que uma nuvem misteriosa havia tudo envolvido, surgia dos escombros a imponente figura do ancião, perguntando-se num soluço abafado: “é mesmo minha pátria que me rejeita?”

Não, sua pátria não o rejeitava; eram apenas as circunstâncias que lhe haviam imposto o cruel dever de pedir-lhe para imitar seu pai, quando este, compreendendo que não podia mais permanecer neste país do qual ele havia proclamado a independência, tomou o rumo de Portugal.

Na grandeza de seu grande coração, ele se curvou à vontade imposta, pois não desejava ver correr o sangue entre irmãos.

Na noite sombria, quando tudo dormia na grande cidade que o oceano, rei dos continentes, vem beijar, antes que a aurora tivesse colorido sua barra no horizonte, um sombrio cortejo, próximo das ondas inquietas, deixava a família imperial que, em breve, nas brumas distantes, veria para sempre desaparecer a terra onde canta o sabiá sob as árvores floridas. A onda, que batia os flancos do navio e recuava sem cessar, trazia para aqueles que partiam para sempre uma lembrança impregnada de lágrimas da cidade que, ao despertar, contaria com menos patriotas.

Com seu olhar calmo e firme, Dom Pedro buscava, no horizonte que declinava lentamente, algo que lhe falasse de sua pátria nesta linguagem muda que só o coração pode compreender; ele se esforçava para dar um significado ao vento que passava e que, tocando levemente a coroa que a velhice lhe havia dado, seguia em direção à praia amada para murmurar: é um grande coração que vai embora.

Atormentado pela lembrança da pátria que deixava, perseguido pelo desejo de estabelecer um vínculo entre ele, o exilado, e aqueles que ficavam, confiou a uma pomba sua triste mensagem; e o pássaro, batendo as asas no espaço infinito, tomou o mesmo caminho que seguia o pensamento daquele que o libertara.

“Vai, disse ele, em seu coração, diz àqueles que me baniram que os perdoe, que mesmo no exílio serei seu irmão e minha alma será sempre fiel a este Brasil tão ternamente amado.

“Parto, mas meu coração aí permanece para melhor amar meu povo e lhe pertencer ainda mais. Parto e por toda parte onde meu destino me conduzir, meu pensamento se voltará sem cessar para esses horizontes mágicos nos quais passei minha juventude e nos quais cheguei à velhice; em todo lugar no qual meu pé já vacilante deixar uma marca de sua passagem, repetirei o nome do país ensolarado que iluminará meu coração, quando, próximo de falhar, em um rápido retorno, ele se voltará para vós, ó caros amigos!

“A todos os ventos que soprarão perto de mim ensinarei o murmúrio das brisas perfumadas que me animavam sob este céu azul que não existe em nenhum outro lugar do globo, no qual brilha o sol.

“Adeus florestas majestosas e gigantescas, que clamam tão alto as riquezas generosamente ofertadas por Deus.

“Adeus terra abençoada, que eu teria desejado tomar nos braços e beijar, respirando mais uma vez os perfumes desconhecidos que guarda em vosso seio repleto dos tesouros da natureza. Sede abençoado, ó país maravilhoso, pelos dias que aí vivi junto a corações valentes, consultando a cada aurora nascente o futuro misterioso para assegurar a meus súditos a paz e a felicidade.

“Se meus olhos não distinguem mais minha encantadora costa azul de contornos ideais, nem as magníficas colinas que tão amiúde contemplei; neste isolamento do que me é tão caro, desejo fazer um voto, o primeiro feito e o último que me agitará quando, no momento de deixar a vida, a esperança me terá abandonado.

“Ó vós, meu Deus, que me levastes a esta longa peregrinação, durante a qual me conduzi o melhor que pude, dai-me a graça de morrer pelo meu país e descansar nessa terra que choro, quando meu derradeiro sono terá fechado minhas pálpebras e entregado minha alma a vossos pés”.

No Velho Continente, homem conhecido e amado por toda parte, ele seguia pensativo as agitações da pátria longínqua e, ao cair da noite, quando tudo se apagava na natureza, ele evocava a lembrança que constantemente o preocupava.

Príncipe magnânimo, poeta caloroso, ele tinha todos os dons para cativar aqueles que o frequentavam.

Contudo, sobre a costa estrangeira se elevava em toda sua altura esta sombra augusta representando o imperador destronado, o homem clemente, o poeta sonhador que, com os braços cruzados sobre o largo peito, buscava a inspiração em sua própria infelicidade. Chorava, não com lágrimas de rancor, mas com as lágrimas que nascem do coração quando as saudades e a lembrança do que nos é caro nos tornam conscientes da realidade da vida.

Jamais, na adversidade, houve coração mais generoso. No exílio, era o primeiro a enaltecer a pátria, a trabalhar por ela.

Que sublime conduta, quando buscou se cercar de sábios com o objetivo de tirar proveito de seus conhecimentos para a utilidade de seus compatriotas!

Ó Brasil, quando a efervescência do movimento que tudo mudou terá passado, quando a calma terá sucedido a esta agitação que te deixa inquieto, quando ela se apagará como se apaga tudo neste mundo, então aparecerá diante de teus olhos, em sua verdadeira aura, o ilustre proscrito que tu não sabes ainda apreciar com justiça. Será em apoteose que seu nome se erguerá, envolvido na púrpura que a majestade sem pompa pretenciosa afastara do trono; quanto mais simples viveu teu grande homem, maior ele surgirá, mais homenagens lhe serão prestadas.

Ele foi um grande imperador, sábio e prudente, ele foi mártir, ele será um dia um herói.

O grande Bonaparte, com intrépida coragem, gênio inflamado, traçando com sua gloriosa espada os limites de seus estados; ele, o grande monarca dos temíveis ímpetos violentos, teve o mesmo destino que este outro monarca doce e pacífico que nunca ambicionava conquistas para aumentar as riquezas de seu vasto território, pérola preciosa do globo.

Não, o sangue nunca o havia excitado; sua natureza amava a calma mais do que as lutas que destroem uma nação.

Se cometeu erros durante seu reinado foi seguramente, em circunstâncias difíceis, por não ter tido força suficiente para impor sua vontade àqueles que o cercavam; ele desejava conciliar tudo, mesmo que tivesse que sofrer em segredo.

Brasileiros, lembrai-vos que aquele que repousa na cripta dos Bragança lutou, trabalhou por vós e, durante seu longo reinado, só pensou em vos engrandecer.

Quando, entre vossa pátria e o Paraguai a guerra começou, com que cuidado ele velava por tudo, com que dedicação ele renunciou a uma parte da sua pensão, com que rapidez ele alcançou o campo de batalha para terminar a luta que custava tantas vidas a seus súditos.

Longe de vós, seu pensamento voltava-se sempre por vós, pois em seu coração o amor possuía força suficiente para impor silêncio à dor que despertava nele.

Que ele se vos apresente em tudo o que sua conduta tem de grande, em tudo o que sua alma tem de sublime. Esse ancião de barba branca e venerável é digno de vosso respeitoso amor por tudo o que ele fez, por tudo o que sofreu.

Que golpe terrível para ele, após ter perdido o trono, ver desaparecer ao seu lado a virtuosa esposa que sucumbia, pobre vítima, ao peso dos sofrimentos e inquietudes com os quais o destino havia cercado seus últimos dias.

Ela deixou a vida lançando o grito melancólico: – Brasil, que tanto amei... Minha filha... e cerrou os olhos sem rever naquele instante supremo o céu azul do país que a havia recebido de braços abertos, quando, em pleno fulgor de sua juventude, ela unia seu futuro ao do príncipe que, muito jovem ainda, havia recebido uma coroa para brincar.

Esta sombra que se destacava entre os perigos do exílio deve ser sagrada para aqueles que a haviam condenado, no inverno da vida, a passear suas últimas decepções em terras estrangeiras, onde as honras e as pompas não podiam consolar seu coração sedento da querida pátria. Sobre o pó bendito de sua terra natal ele teria caminhado, com a alma

reconfortada pelos raios da esperança; ele teria inclinado a cabeça em direção à tumba com a tranquilidade do contentamento do seu fim, como um laço para a eternidade; ele teria repousado, pai carinhoso, entre os dois filhos que seus olhos nunca cessaram de chorar e que, abrindo as asas da inocência, mostraram-lhe a estrada luminosa da eternidade.

Peregrino cheio de fé, que a ideia do bem sempre sustentara, com a serenidade de sua consciência livre ele se voltava para o passado que os véus do tempo começam a encobrir e, calmo ao fim do seu caminho, ele se interrogava como o culpado diante do juiz; mas os pecados, filhos da fraqueza humana, não se levantavam para se estenderem sobre ele, o proscrito, a sombria nuvem do remorso.

Ah! ele havia perdido tudo! filhos, esposa, pátria! mas sua alma, nesse choque terrível do destino, reergueu-se firme, abrigando-se sob a égide da fé e retirando novas forças de sua própria grandeza.

Seu coração clemente e generoso soube perdoar; e quando, perdendo a esperança de algum dia rever a costa de seus mais doces sonhos, ele quis que, sobre esta terra estrangeira e, no entanto, amiga, um pouco daquela que seus pés durante mais de meio século tinham pisado fosse o leito de perfumes deixados por muito tempo na saudade, sobre o qual seu corpo nascido brasileiro repousasse em solo brasileiro⁶⁴.

Como é tocante esta vontade do moribundo que partia sem conseguir realizar seu desejo feito diante da imensidão do oceano, na solidão imponente que só o barulho das ondas interrompia!

Heroico proscrito morto no exílio, tua memória conservar-se-á sempre entre aqueles para quem tu colocaste à disposição as luzes de tua inteligência. Um dia, voltando ao passado, eles indagarão suas lembranças e então colocarão na apoteose merecida o nome de D. Pedro II, imperador do Brasil, aquele cuja espada repousa ao lado daquelas de Caxias e Osório, os dois corajosos soldados que honraram o teu reinado.

Quando daquele que foi D. Pedro só restou uma fria carcaça, quando o corpo que havia lutado se reduziu a um cadáver resfriado pela Morte, um

⁶⁴ Para dar um sentido à frase, na tradução optou-se por inserir o termo “solo”, que não consta no texto original (“son corps né brésilien reposerait en [...] brésilien”). (N. do T)

emblema patriótico o acompanhou nessa última peregrinação. O pendão nacional, com suas dobras leves e esvoaçantes, envolvendo seus membros inanimados, simbolizava o Brasil, debruçado sobre seu filho, chorando ao ver para sempre extinto esse grande coração que lhe pertencia.

No estreito esquife onde nenhum vento agitaria o tecido que acende o patriotismo, um sentimento de lamento e de dor se misturava a essas pregas que remetiam à lembrança da pátria aquecida por um sol de ouro, enquanto aquele que expirava tivera como última luz em seus olhos velados apenas os pálidos reflexos de um céu brumoso.

No entanto, a França de coração generoso, rendendo ao morto as homenagens devidas à sua posição, mostrava o quanto ela, a nação que ilumina o mundo civilizado, sabia apreciar aquele que ela acolhera em seu seio, como uma fada cobrindo com seus braços protetores o gênio profundo que, por muito tempo, havia errado pelos caminhos abertos pelo destino.

Na pompa respeitosa que ela exibiu para acompanhar o êmulo de seus sábios, ela dava uma prova da grandeza dos sentimentos franceses que os brasileiros de todos os tempos reconheceram.

O Instituto, levando ao comboio que passava as palmas brasileiras, fazia brilhar lágrimas de comoção nos olhos daqueles que, numa terra estrangeira, evocavam a lembrança da pátria.

Ah! nesse carro fúnebre que outrora encerrou ilustres restos mortais e que, mais tarde, seguindo pelas ruas da grande cidade, levava o imperador, confundiam-se as lágrimas de uma família e de um povo com o reconhecimento devido àqueles que honraram uma memória querida.

A lembrança dessas honras não se apagará jamais, pois elas simbolizam a generosidade e o enaltecimento.

E como os brasileiros não se sentiriam cheios de gratidão pelo povo amigo que misturava suas cores pátrias àquelas do Brasil, para seguir o proscrito, como se fosse sobre um dos seus que ele versava suas lágrimas.

Ainda que exilado, a pessoa do imperador era cara a seus compatriotas e sua memória o será para sempre.

Assim, gostaríamos de ver se elevar ao céu, onde sua bela alma repousa, os acordes de uma melodiosa impetuosidade do Hino Nacional brasileiro unidos àqueles da patriótica Marselhesa, que fez estremecer tantos bravos nos campos de batalha, pois esses dois cantos inspirados pelas mesmas ideias subiriam sempre e sempre até que o eco arrefecido, voando em direção às nuvens fugídias, repetiria calmamente em sua linguagem infinita: *França e Brasil!*

O Solitário ⁽¹⁾



Em uma majestosa floresta, grandiosa como o são todas as obras do Criador, uma pequena clareira se abria, como um oásis desejado pelo peregrino cansado, buscando repouso.

Este recanto distante era pequeno, mas poético.

Era prazeroso parar na estrada, ao pé de alguma árvore gigantesca e frondosa, para respirar nesse isolamento a tranquilidade simples e calma desse silêncio solene no qual, no entanto, a vida fervilhava.

Aí, tudo possuía um encanto peculiar, tudo possuía uma significação que o coração entendia.

Que alma valente! qual espírito corajoso, sem ilusões ou cheio de fé, buscara um refúgio nesse centro imenso, no qual nada lembrava a sociedade, onde tudo revelava Deus?

A noite começava a cair, a sombra se estendia calmamente sobre a natureza, enquanto que um riacho, produzindo um barulhinho, descia continuamente e se perdia por entre as ramagens recentemente cortadas. Era imponente esse silêncio interrompido de vez em quando pelo grito do pássaro que dormia sobre o leve galho ou no ninho macio, forrado com fina penugem, feito com amor.

As primeiras estrelas se mostravam na abóbada imensa de um belo céu puro e sem nuvens.

Numa choupana escondida sob as árvores, uma luz brilhante, subitamente, lançou seus raios através da obscuridade crescente do deserto. Olhos indiscretos em vão buscavam de longe adivinhar o mistério dessa pequena morada, frágil abrigo de felicidade ou de dor.

Ó doce surpresa, ó mágica visão! Nesse deserto silencioso onde reinava um recolhimento profundo, os acordes de uma música melodiosa se elevaram nos ares e, como um hino consagrado à alegria, convidava a natureza adormecida.

⁽¹⁾ Apresentado no concurso literário aberto em 1893 pela Academia de Hainaut, na Bélgica. Tema livre. Premiado com uma medalha de 2ª classe.

E depois, uma voz sonora e clara, acompanhando o ritmo cadenciado da música, desafiava o eco perturbado por harmonias desconhecidas, e a voz cantava com inflexões que enalteciam o coração do viajante perdido nessa estrada deserta.

Que imponente espetáculo numa humilde choupana ver escapar os tons inebriantes de uma doce música, lá onde tudo era natureza, simplicidade e isolamento; uma voz despertando o eco de uma floresta, um sentimento do belo se igualando à beleza primitiva à qual o homem ainda não tinha emprestado o auxílio de seu gênio.

O viajante curioso e indeciso em direção à pequena morada se dirigiu; reprimindo em seu coração a emoção e mil ideias que a solitária sebe fizera nascer em sua mente, ele se aproximou calmamente.

Próximo a um fogo reluzente, que devorava crepitando os galhos secos recolhidos aqui e acolá, estava sentado um homem de complexão robusta, cara inteligente, barba longa e preta, cujo olhar escrutador revelava desde o primeiro contato a clarividência, na qual se adivinhava um caráter nobre, um coração generoso e bom.

Tudo nele inspirava a simpatia e apegávamo-nos àquele que estendia a seu semelhante uma mão leal, cujo movimento nunca era reprimido por uma segunda intenção.

Ele era imediatamente compreendido, pois esse homem solitário era tal qual ele se mostrava, sua natureza não possuía o véu que dissimula, nem a impenetrável máscara da hipocrisia.

Adivinhava-se nele uma força de vontade tal como nos descreve Ohnet nas batalhas da vida⁶⁵ e, contudo, este grande lutador, este valente invencível, parecia um sonhador. No que pensava quando, inclinando a cabeça para a frágil criaturinha que mantinha abraçada contra o peito, lágrimas furtivas escapavam de seus olhos tristonhos?

Que viagem invisível empreendia seu pensamento enquanto uma jovem mulher loura e pálida, pequenina flor fora de seu ambiente,

⁶⁵ O texto se refere ao ciclo de romances *Les Batailles de la vie*, do escritor francês Georges Ohnet (1848-1918), célebre autor de romances populares. (N. do E.)

oferecia-lhe a homenagem de sua voz pura, entoando no deserto o idílio simbólico de sua existência comum.

Que poesia nesses refrãos que as matas não conheciam; que nobreza nesses cantos que os pássaros ignoravam, que um coração de mãe fazia vibrar e que ressoava num outro coração cheio de ternura e de amor, pois esse coração era o de um pai!

E ele chorava em silêncio, olhando a franzina criança, motivo de todas as suas preocupações, luz inocente que lhe mostrava o futuro murmurando-lhe baixinho: – Adiante!

Ele queria obedecer cegamente e, enquanto no céu brilhasse a estrela que seu coração havia anunciado, ele caminharia sempre, lutaria sem temor, pois o futuro lhe pertenceria e então, vencedor, ele lhe ofereceria, com os tesouros de seu amor e da felicidade, aqueles que ele buscava e que Deus lhe confiaria.

– Boa noite, amigo – murmurou na soleira da porta o viajante perdido.

Esta voz inesperada tirou o solitário de sua profunda meditação.

Sua acolhida amiga justificou o sentimento de simpatia que havia inspirado no estrangeiro aquele que se escondia na modesta choupana.

Um entendimento mútuo se estabeleceu rapidamente entre eles e, enquanto um lembrava suas lutas e dificuldades, o outro informava sobre os rumores distantes que não podiam chegar nessas paragens longínquas.

O que diria o homem da cidade, lá onde o luxo se desenvolve em todo o brilho da opulência, confundindo-se com o ouro resplandecente desses lugares onde a natureza oferece os atrativos de sua incomparável beleza?

O diria a elegante mulher da sociedade, cuja pele acetinada e rosa se une à brancura do arminho acariciando seu pescoço de graciosas inflexões, da selvagem de pele escura, retesando o seu arco e lançando flechas para obter o alimento que a natureza oferece?

Inocente em seu olhar, inconsciente de sua força, como uma corça assustada, com um pulo ela salta dentro d'água, com outro chega à margem cheia de flores, suas irmãs, e sobre elas espalhando as gotas prateadas como um orvalho matinal, ela se deixa levar pelas corridas ligeiras sem jamais cansar seu pé, mal tocando o solo que a viu nascer.

Ela corre sem direção, nada teme e, se uma flecha mais pérfida que a sua vem às vezes feri-la, ela se dobra sobre si mesma e depõe as armas que não têm mais a sedução que lhes dava a sua liberdade. Na sua rede, leve berço, ela pergunta ao horizonte com seu olhar infinito e penetrante e, aguçando o olhar, levanta-se movida pelo sentimento que a move; ela não é mais a indolente coquete que se debruça à beira do riacho para se mirar em êxtase nas ondas inconstantes e passageiras.

Ela quer uma conquista e essa conquista não admite momentos perdidos numa contemplação muda da beleza virgem, personificação de uma raça num país majestoso e incomparável como o Brasil.

Com o olhar, ela desafia o índio trêmulo que se curva submisso como um animal fiel esperando a sentença do dono.

É soberana absoluta, esta rainha dos desertos, não encontra nenhuma barreira a seus desejos, a seus sonhos que fogem como o pássaro feliz singrando os ares com suas asas leves.

No entanto, ela encontrou um dono que a dominará, ela não será mais a selvagem de rudes instintos, ela verá dobrar-se diante dela o índio que só obedecia à sua voz, e quando, perto da choupana, onde há pouco olhares curiosos penetravam, ela chegará saltitando, ficará surpresa e radiante com a aparição com a qual nunca sonhara.

Não lhe será mais preciso dominar a ferocidade do animal livre, pois, por sua vez, ela perderá sua liberdade e, transformada sem o saber, entrará, pobre ignorante, na plêiade imensa que chamamos de sociedade.

O viajante perdido continuava a perguntar; ele tinha prazer em ouvir contar sobre esses índios que, em bandos nômades, percorriam a floresta, deixando espaçadamente alguns deles que viviam pacificamente.

Bem perto da choupana do solitário, um casal de selvagens possuía um refúgio; e, quando o sol havia dourado todas as árvores, enchendo com um agradável calor as sombras deliciosas, eles vinham desafiadores para espiar o movimento daqueles que lhes eram desconhecidos.

Enquanto as últimas chamas do braseiro se extinguíam e, intermitentemente, lançavam fagulhas rápidas, o corajoso campeão dos

bosques, erguendo seu corpo alto, contava as peripécias que o haviam conduzido ao local em que se encontrava.

Nesta solene quietude da floresta, interrompida de vez em quando por algum rugido de onça ou outro animal selvagem, este homem que falava tornava-se imponente, pois o som de sua voz, levado pela brisa, ia se perder ao longe, murmurando sempre:

– O deserto encontrou um combatente.

“Num pobre lugarejo no qual vi de perto todos os sofrimentos da humanidade, tive cedo demais que deixar minha mãe, cuja asa protetora me cobria de amor, tive cedo demais, infelizmente, de lançar-me na vida que me era desconhecida. O que eu podia saber da existência na confortável casa abençoada onde vivi meus primeiros anos?

“Aos jogos, risos e despreocupação da primeira idade deviam suceder as penas cotidianas, o trabalho, a luta pelo futuro.

“Quando meus olhos de criança, fixando-se no horizonte, não puderam mais distinguir o teto paternal, quando meu coração não teve mais a suprema consolação de perceber a modesta torrinhinha de nossa casa, e quando, sobre as ondas agitadas, senti-me levado, lágrimas de saudade vieram me dizer que eram as primeiras de uma série que viria a queimar minhas pálpebras no novo caminho que percorria.

“Neste belo país onde o sol sempre brilha, fiz minha aprendizagem; pobre e sozinho, lancei-me cheio de coragem no trabalho que devia me fornecer a tranquilidade e o conforto para meus velhos dias.

“Atacado em meu caminho, lutando contra a adversidade, tropeçando aqui e acolá, afastei os espinhos que por vezes laceravam minha carne ferida e, sempre subindo, escalei a alta montanha que deve me conduzir ao fim de minha peregrinação.

“Dos males sofridos no começo da vida só conservo a lembrança esmaecida pelo tempo; não sinto mais o amargor dessas dores passadas, pois a esperança é minha companheira e sempre me mostra, como o anjo protetor, o horizonte sobre o qual meus olhos se fixam avidamente e, tomando como lema – esperança e perseverança – entrego-me a Deus que me guiará.

“Uma felicidade infinita, uma alegria imensa foram-me oferecidas em meio a minhas preocupações; e, nesta primeira etapa da existência, parei repleto do fogo divino que me embriagava. Fui feliz e vivi numa nova atmosfera; sentia perto de mim o sopro mágico do anjo que doravante devia me apoiar e me conduzir adiante pela mão.

“Revigorado, com o coração pleno, sentindo uma outra vida se agitar ao meu redor, deixei uma cidade, abandonei a família, desejava um novo campo para desenvolver em toda sua força minha vontade e minhas esperanças.

“Digo-o, e, logo correndo terras e visitando novos sítios, fui de um ponto ao outro, incansável, desejando sempre encontrar a terra prometida com que minha alma sonhava e que meus olhos não percebiam.

“Por montes imensos cobertos por uma vegetação que viu os séculos passarem, ou por vales salpicados por flores exóticas, caminhei sempre sem conseguir encontrar o oásis no qual devia fixar minha tenda e concretizar meus desejos por longo tempo acalentados.

“Cansado de correr, detive-me neste canto ignorado no qual espero viver belos dias.

“Botando para o lado a doce sombra das árvores poderosas, abri ao sol uma passagem para o solo necessitado de seus raios; contra o cedro altivo, construí minha choupana e, possa ela, por mais modesta que seja, abrigar conosco a felicidade e a paz.

“E se, neste isolamento no qual voluntariamente estou, o desânimo me atinge, basta virar meus olhos para este serzinho; por mais que seja pequeno, ele tem o poder de ressuscitar minha coragem, pois para mim ele representa o ideal do futuro ambicionado.

“É minha filha! o anjo do destino, abrindo suas asas, cobrir-nos-á sempre e, desde o instante em que meus lábios pousaram sobre sua delicada e jovem face o beijo de pai, novos laços nos ligaram à existência; há entre nós um sentimento comum que aumentará cada vez mais, à medida que a força enfraquecerá e a fraqueza diminuirá.

“Possa este anjo protetor por muito tempo manter-nos reunidos sob sua guarda e, quando um de nós tiver que deixar o outro, que ele substitua o ausente e traga sua lembrança.

“A segunda parte do grande século de luz mal acaba de florescer seu horizonte diante do mundo e, quando a sombra do tempo começar a devorá-lo em seu antro, esta floresta de tons fulvos será transformada em uma vasta esplanada iluminada.

“Este é meu desejo! sou o peregrino que busca com ansiedade o abrigo em que repousará seus pés cansados. Se conseguir atingi-lo, todos os meus desejos serão realizados; mas se, vacilando no meio de minha estrada, minhas forças não me permitirem mais avançar, as lutas terão sido minha alegria e a tumba oferecer-me-á o repouso.”

A voz entusiasmada do peregrino ressoou longamente no deserto e o eco ainda repetiu o murmúrio da brisa que passava: teus desejos serão realizados.

E eles o foram, efetivamente, mas quando após mais de cinco anos a ampulheta do tempo virou, o bom anjo protetor que ele evocara, subitamente, da aurora à madrugada, escureceu suas roupas, apagou sua auréola; e, quando a frágil criança pôde, ela também, lutar pela vida, ele desceu sobre a morada que não era mais a choupana, e num longo beijo tirou uma pérola deixando lágrimas em troca.



Papel Supremo 250 gm², com laminação fosca (Capa)
Pólen Soft 75 gm² (Miolo)

Tipologia Trajan Pro (Capa)
Bodoni Poster Compressed (Capa)
Garamond (Miolo)

Formato 16 x 23 cm (com orelhas de 7 cm)

Tiragem 500

Impressão Editora e Papeis Nova Aliança Eireli
Tel.: (21) 3105-5087/ 3105-6262